

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

Letícia Rosendo Correia Souza

**AS TRANSFORMAÇÕES DAS RELAÇÕES AMOROSO-SEXUAIS NOS ESPAÇOS  
DE DIVERTIMENTO EM VIÇOSA – AL**

Maceió

2018

Letícia Rosendo Correia Souza

**AS TRANSFORMAÇÕES DAS RELAÇÕES AMOROSO-SEXUAIS NOS ESPAÇOS  
DE DIVERTIMENTO EM VIÇOSA - AL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas/UFAL como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Jesus Rodrigues

MACEIÓ – AL

2018

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecária Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante – CRB:1664

S719t Souza, Letícia Rosendo Correia.  
As transformações das relações amorosas sexuais nos espaços de divertimento em  
Viçosa/AL / Letícia Rosendo Correia Souza. – 2018.  
176 f. : il. color., grafs., tabs.

Orientador: Fernando de Jesus Rodrigues.  
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.  
Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 108-111.

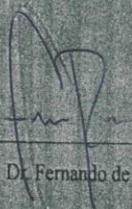
1. Erotismo. 2. Cortejamento. 3. Boa sociedade – Viçosa/AL . 4. Paquera.  
I. Título.

CDU: 316.7(813.5)

LETÍCIA ROSENDO CORREIA SOUZA

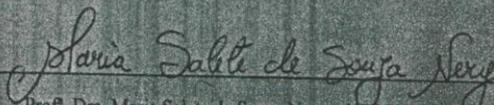
AS TRANSFORMAÇÕES DAS RELAÇÕES AMOROSO-SEXUAIS NOS ESPAÇOS  
DE DIVERTIMENTO EM VIÇOSA - AL

Dissertação submetida ao corpo docente do  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia da  
Universidade Federal de Alagoas e aprovada  
em 25 de Junho de 2018.



Prof. Dr. Fernando de Jesus Rodrigues - UFAL (Orientador)

**Banca Examinadora:**



Prof. Dra. Maria Salete de Souza Nery - UFRB (Examinador Externo)



Prof. Dra. Débora Allebrandt - UFAL (Examinador Externo)



Prof. Dr. João Batista de Menezes Bitencourt - UFAL (Examinador Interno)

## **Agradecimentos**

O caminho percorrido até a conclusão desta dissertação foi permeado de aprendizados, dificuldades, incertezas e questionamentos, o que fez com que minha curta rede de apoio acadêmico e afetivo se tornasse indispensável para que a pesquisa fosse concluída. Portanto, o sentimento que prevalece neste final de percurso é a gratidão.

Sou imensamente grata ao meu orientador Fernando Rodrigues, pela paciência, compromisso, sensibilidade e parceria ao longo da pesquisa. Obrigado por sempre ter sido presente e atento às questões que envolviam minha trajetória no mestrado, e por compartilhar comigo conhecimentos e experiências indispensáveis para a conclusão deste trabalho. Sua presença me proporcionou segurança e leveza ao longo do percurso.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPAL, pela bolsa concedida durante o mestrado, me proporcionando condições econômicas para a realização da pesquisa.

Obrigada aos meus interlocutores, que pacientemente me acolheram, compartilharam comigo suas experiências e fizeram com que a investigação fosse possível. Gratidão!

Agradeço a minha família, minha principal rede de afeto, por ter sido meu principal ponto de apoio nos momentos de crise. Sou grata a minha querida mãe, pela compreensão e sensibilidade durante o percurso. Ao meu irmão Eduardo, pelas madrugadas que foi me buscar a cada término de show. As minhas tias e primas, por se fazerem presentes em minha vida, me incentivando a permanecer firme durante a caminhada. A minha tia Marluce por ter me acolhido em sua casa durante as estadias em Maceió. Gratidão.

Sou grata aos meus amigos por preencherem a minha caminhada de alegrias e companheirismo. Agradeço ao meu amigo Jarbas Macena por ter sido presente em momentos de tensão e ansiedades. Sou grata por respeitar meus silêncios e me envolver em seus abraços cheios de afeto, obrigada por me acompanhar e me incentivar durante esse processo. A Sidinéia Tavares, minha principal mediadora na negociação com alguns informantes no período de consulta aos jornais. A Hellen Christina, por ouvir e entender minhas reclamações acadêmicas, além de torcer e me incentivar a concluir o mestrado. A Raphaela Alencar, minha companheira no PPGS, por ter feito com que a trajetória do mestrado fosse menos solitária, agradeço pelas madrugadas de escrita que foram compartilhadas e pela sensibilidade em reconhecer maiores momentos de dificuldades e ter me ajudado. Agradeço ainda a Amanda Barbosa e Carlos Alexandro pela parceria e incentivo no período de seleção. Gratidão!

## RESUMO

O erotismo e sexualidade dos indivíduos tem sido regulamentada por diversos padrões sociais que ao longo dos anos foram se tornando mais flexíveis, possibilitando aos sujeitos experimentar emoções e prazeres anteriormente negados ou proibidos. Portanto, as linguagens de aproximação erótica e sexual entre homens e mulheres passaram por significativas mudanças em Viçosa – AL, acompanhadas por transformações nos espaços de divertimento existentes na cidade. Esta dissertação pretende compreender as direções que o processo de transformação das relações de paquera tomou a partir do final da década de 1930. Em outras palavras, o principal objetivo deste trabalho é analisar os espaços de divertimento e tipos de cortejamento estabelecidos em Viçosa ao longo dos anos. A metodologia utilizada consistiu em consultas aos jornais que circulavam em Viçosa nas décadas de 1930 e 1940, e de crônicas escritas por viçosenses, além de entrevistas com indivíduos de diferentes gerações e a observação de shows de forró, bares e churrasquinhos. Para compreender o passado erótico viçosense, o conceito de “boa sociedade”, pensado por Norbert Elias e Cas Wouters, permite analisar como a elite de Viçosa regulamentava a sexualidade de seus membros, pois controlava como, onde e quem os jovens deveriam paquerar, sendo este um dos mecanismos utilizados para impedir a entrada de membros estranhos ao seu grupo, o que provocava um distanciamento social e psíquico entre indivíduos de diferentes gerações, gêneros e classes sociais. Entretanto, por volta da década de 1970 os viçosenses passaram a vivenciar uma ampliação e redefinição do divertimento, o que possibilitou uma transformação da sexualidade e do cortejamento, pois uma série de excitações e gratificações sexuais passaram a ser vivenciadas, aproximando os diferentes grupos sociais. Atualmente os shows de forró constituem um dos espaços onde é possível observar a existência de um novo repertório de linguagens eróticas e sexuais através das letras de músicas – intensamente sexualizadas -, das danças e trocas de carícias, apresentando um tipo de comportamento mais informal comparado com os períodos anteriores, nos quais o contato íntimo em espaços públicos era baseado em dinâmicas de autocontroles mais rígidas.

**Palavras-chave:** erotismo, cortejamento, boa sociedade, paquera

## ABSTRACT

The eroticism and sexuality of individuals has been regulated by a diverse social standards that over the years were becoming more flexible, allowing subjects to experience emotions and pleasures previously denied or prohibited. Therefore, the erotic languages and sexual approximation between men and women have passed through significant changes in Viçosa - AL, accompanied by transformations in fun spaces existing in the city. This dissertation intends to understand the directions that the process of transformation the relations of flirting took from the end of the decade of 1930. In other words, the main objective of this work was to analyze the fun spaces and types of courtship established in Viçosa over the years. The methodology used consisted in varieties printed newspaper examination of that circulated in Viçosa in the 1930s and 1940s, and of chronicles written by viçosenses, as well as interviews with individuals from different generations and the observation of forró shows, bars and churrasquinhas. To understand the erotic past of Vicosense, the concept of "good society", thought by Norbert Elias and Cas Wouters, that allows to analyze how the upper class of Viçosa regulated the sexuality of its members, controlling, this way, where and who the young people should flirt, being one of one of the mechanisms used to preventing a stranger undesired aggregation to his group, which caused a social and psychological distancing among individuals of different generations, genders and social classes. However, by the 1970s the Vicosenses began to experience an expansion and redefinition of fun, which allowed a transformation in the sexuality and courtship, because a series of sexual excitations and gratifications began to be experienced, bringing the different social groups. Currently the forró shows are one of the spaces where is possible to observe the existence of a new repertoire of erotic and sexual codes through lyrics songs - intensely sexualized -, of dances and exchanges of caresses, presenting a more informal type of behavior compared to the previous periods, in which the intimate contact in public spaces was based on dynamics of more rigid self-control.

**Keywords:** eroticism, courtship, good society, flirting

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1 Da escolha do objeto e inserção no campo.....	10
1.2 As relações de paquera nos bares churrasquinhos e shows de forró .....	15
1.3 Planos de análise.....	20
<b>2 DIVERTIMENTO E EROTISMO EM VIÇOSA NOS ANOS DE 1939-1940. ....</b>	<b>32</b>
2.1 <i>A folha de viçosa</i> – o caminho trilhado para ter acesso aos jornais. ....	39
2.2 Divertimento popular X Boa sociedade.....	43
2.3 O divertimento viçosense em 1939-1940 .....	48
2.4 Clube dos Diários .....	52
2.5 Publicação dos casamentos.....	56
<b>3 AS RELAÇÕES DE PAQUERA EM VIÇOSA A PARTIR DA DÉCADA DE 50 .....</b>	<b>59</b>
3.1 As transformações das relações de paquera a partir de 1950 .....	67
3.2 Espaços de divertimento em Viçosa a partir da década de 50.....	69
3.3 “ <i>Sem método até água de pote faz mal</i> ” - A boemia viçosense na segunda metade do século XX .....	73
3.4 Footing.....	77
3.5 Beco dos amores .....	79
3.6 Clube Social de Viçosa.....	79
3.7 Cinemas .....	81
3.8 Discotecas .....	83
<b>4 A AMPLIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE DIVERTIMENTO E RELAÇÕES AMOROSO-SEXUAIS EM VIÇOSA NO SÉCULO XXI .....</b>	<b>85</b>
4.1 Bares e churrasquinhos .....	96
4.2 Shows de forró.....	98
3.4 A paquera para além dos shows de forró: interações nas “redes sociais” .....	104
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende compreender como se estabelece as relações eróticas ou amorosas nos espaços de divertimento em Viçosa – AL, tendo como campo de pesquisa os shows de forró. Entretanto, muito mais do que entender as características dessas relações no presente, o objetivo principal é analisar como se deu a sua transformação entre o final dos anos 30 até os dias atuais. Dessa forma, a análise será de cunho processual, isto é, a questão principal é compreender como as relações eróticas eram estabelecidas anteriormente, e como elas se apresentam atualmente, almejando demonstrar os principais momentos e condições que fizeram com que essa possível mudança erótica e de costumes acontecesse.

Coloco em foco o processo de transformação a partir de relações entre pessoas e a comparação dos períodos anteriores com o presente nos permite ter uma compreensão mais precisa de como a própria estrutura da personalidade e de emoções desses indivíduos foram se alterando ao longo dos anos, criando novas formas de cortejamento, bem como o surgimento de diferentes espaços de divertimento nos quais se expressam investimentos eróticos. Nesses espaços, os desejos sexuais e jogos de sedução são colocados em prática, fugindo de toda a regulação que a vida cotidiana impõe aos indivíduos, marcando aquilo que Elias propõe e Cas Wouters retoma em seus trabalhos sobre a “emancipação das emoções”.

Como ferramenta metodológica, comecei fazendo observações de situações em bares e churrasquinhos e, posteriormente, em shows de forró, com o intuito de observar as relações de paquera entre os frequentadores desses espaços, bem como analisar meu problema de pesquisa inicial, que era as relações afetivo-sexuais de mulheres negras. Posteriormente, apresentarei, de forma mais precisa, como se deu a mudança do meu objeto e problema de estudo. Entretanto, durante determinado período da pesquisa me detive às observações dos shows de forró que acontecem no clube social de Viçosa, o que me possibilita fazer um desenho de como se estabelece as relações eróticas de paquera e sedução de indivíduos de uma pequena cidade atualmente. Porém, para acessar o passado comecei a redefinir meus planos de análise e a assumir uma outra série de “técnicas de recolha”.

Ao longo da investigação conciliei as observações dos shows com as entrevistas, tendo dois grandes grupos de entrevistados, e alguns sub-grupos. Os grupos grandes são formados por homens e mulheres. O objetivo é tentar entender diferenças de comportamento, consciência e personalidade desses dois grupos, e como tais aspectos estão sendo transformados, bem como o que contribui para tais transformações. Os sub-grupos serão formados por faixa etária. Trabalharei com três grupos, um de 14-25, um dos 25-55, e outro a partir dos 55 anos. Isto vale

tanto para os homens como também para as mulheres. Entrevistarei as pessoas mais velhas porque isso me possibilitará compreender como se estabelecia as lógicas de encontro e paquera anteriormente, e quais os espaços frequentados para esse tipo de divertimento.

Um outro recurso que utilizei foi a consulta a jornais nos quais busquei encontrar notícias sobre as festas dos anos anteriores. Será que existia shows de forró? Onde as festas eram realizadas? Quais eram os espaços de divertimento? E os espaços de encontro para a paquera e a troca de carícias entre casais namorados e noivos? Haveria trocas de carícias sexuais temporárias sem consequências duradouras para o status social de homens e mulheres? Em quais condições?

Portanto, trabalharei com a hipótese de que houve uma transformação das lógicas de paquera e relações eróticas nos espaços de divertimento em Viçosa, estando relacionada com os novos padrões de consumo musical e de entretenimento, que possibilita acionar um novo conjunto de emoções, e também, a uma mudança na balança de poder entre os homens e mulheres.

Além de introduzir os principais aspectos deste trabalho, utilizo este momento para apresentar e discutir minha inserção em campo, quais os conflitos que enfrentei e como meu interesse em investigar as relações eróticas em Viçosa-AL começou a surgir e foi se transformando ao longo do percurso. Para isso, faço uma apresentação preliminar dos dados que consegui coletar em campo a partir das observações realizadas nos churrasquinhos, bares e shows de forró, evidenciando como as relações de paquera são estabelecidas nestes ambientes, e como me fizeram redefinir os planos de análises no decorrer da pesquisa.

### **1.1 Da escolha do objeto e inserção no campo**

Entrei no Programa de Pós-Graduação em Sociologia com um projeto de pesquisa que buscava analisar se os marcadores de raça e gênero interferiam nas relações afetivo-sexuais de mulheres negras em Viçosa-AL. Dessa forma, a principal problemática era se as mulheres negras viçosenses eram preteridas por causa da sua cor. Para conseguir resolver esta questão pretendia usar como ferramenta metodológica as entrevistas em profundidade, nas quais o foco seria a trajetória afetiva dessas mulheres.

É importante deixar claro que a escolha dessa questão não se deu ao acaso, pois como Weber (2001) enfatiza, o pesquisador não é capaz de se desfazer da sua subjetividade, isto é, de seus valores, os quais orientam seus interesses e escolhas metodológicas. Meu interesse em estudar as relações afetivo-sexuais de mulheres negras em Viçosa-AL foi motivado pela minha

experiência e de algumas amigas enquanto mulheres negras viçosenses, e pelo surgimento, nas redes sociais, da discussão sobre a solidão da mulher negra. O debate sobre essa solidão tornou-se pauta principal nos nossos encontros, nos quais, compartilhávamos experiências, que iam desde as nossas dificuldades em encontrar um parceiro e manter um relacionamento mais duradouro com ele, até a necessidade de sentir-se amada. Essas questões se relacionavam com a dificuldade que tivemos em construir a nossa identidade negra e o impacto que isso causava nas pessoas com as quais nos relacionávamos, visto que estávamos inseridas em um contexto relacional, no qual, pertencíamos a um determinado grupo de mulheres que sentiam que referenciais étnicos raciais se tornaram parte da avaliação moral com que nos posicionávamos frente aos outros. Nesse momento, estou falando de mulheres que possuem características específicas, mulheres que frequentam a universidade, que se autodeclaram negras, que passaram por um processo de transição capilar, e se não passaram, entendem a importância deste ou defendem a necessidade de assumir o cabelo crespo.

Dessa forma, quando surge a oportunidade de participar do processo de seleção no Programa de Pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal de Alagoas, me deparo com a necessidade de formular um projeto de pesquisa, e dentre as inúmeras ideias que surgem, penso: por que não estudar as relações afetivo-sexuais dessas mulheres? Por que não tentar compreender sociologicamente um problema que me aflige? É nesse momento que faço a opção de estudar a questão que expus acima, como uma forma de explicar a minha própria trajetória, mostrando que existe uma solidão própria das mulheres negras, e que o problema não está nelas.

Entretanto, esse mesmo projeto passou por algumas transformações que objetivava aperfeiçoá-lo, pois ele estava cheio de lacunas e prenoções, visto que eu já partia da ideia de que o preterimento por causa da cor é algo inquestionável, e que a maioria das mulheres negras eram capazes de perceber essa problemática. Nesse processo de transformação do projeto, um dos questionamentos de meu orientador se referia aos locais de divertimento que possibilitava observar como se estabelecia as relações eróticas entre os viçosenses. E uma das tarefas iniciais consistiu em fazer o registro das observações desses ambientes, da maneira mais detalhada possível. Fazer uma etnografia dos espaços de divertimento não era uma tarefa que tinha em mente, porém, mesmo com uma significativa resistência, já que não compreendia o porquê de fazer tal etnografia, aceitei a proposta do meu orientador e a incluí em meu repertório de técnicas. Hoje encontro na etnografia a possibilidade de fazer um desenho sobre as formas de cortejamento, isto é, as lógicas de paquera nesses diferentes espaços, o que também pode me possibilitar perceber a própria estratificação da cidade, a partir das posições e perfis das pessoas

que os frequentam, bem como as relações que mantêm umas com as outras. Além disso, as observações e etnografias me possibilitaram o afastamento de várias ideias preconcebidas, e o surgimento de novas indagações.

No momento em que decidi fazer as observações, alguns desafios começaram a aparecer. O primeiro deles foi definir quais seriam os espaços a serem observados. Quais os principais ambientes de divertimento em Viçosa-AL? Em quais locais a paquera está mais presente e é mais visível? Depois de refletir durante um tempo, decidi que os bares poderiam ser bons lugares para começar a fazer as observações. Escolhi o bar porque este é o lugar que eu e algumas amigas gostamos de ir quando queremos nos divertir, beber, escutar música e conversar. Portanto, comecei indo em um dos bares mais antigos de Viçosa, o que fica na praça principal da cidade – “Bar Trovador Berrante” – popularmente conhecido como “Bar do Cavaquinho”. Passei a frequentar o bar quase todas as noites de sábado, durante seis meses.

Saía de casa por volta das 20:00 com meu caderno de campo e ficava no balcão do bar, perto do caixa. Uma das primeiras coisas que fazia ao chegar no bar era procurar, ansiosamente, por mulheres negras pois elas constituíam meu objeto de pesquisa. Entretanto, algumas frustrações começaram a surgir. Onde estavam essas mulheres? O número de mulheres negras ocupando esse espaço era pequeno, e as relações de paquera escassas. Então decidi que o bar do cavaquinho não era um bom campo para observar aquilo que pretendia, e que precisava encontrar urgentemente outros espaços. Foi quando pensei nos “churrasquinhos”, que também ficam na praça principal de Viçosa, perto do bar que eu frequentava.

O perfil dos clientes dos churrasquinhos aparentava ser mais diversificado, diferente daquele perfil que encontrei no bar do cavaquinho, que era um pouco mais “elitizado”. A saga à procura de mulheres negras nesses ambientes continuava. Sendo assim, a principal tarefa era identificá-las, depois de encontrá-las observava se elas eram paqueradas e como o cortejamento acontecia.

À medida em que aprofundava a percepção dos detalhes do fenômeno da paquera nesses lugares, os problemas só aumentavam. Um deles se referia a identificação dessas mulheres negras em campo, pois eram mulheres negras para quem? De acordo com quais perspectivas? E a resposta era muito clara, a minha perspectiva enquanto mulher negra, baseada nas características que eu e minhas amigas compartilhávamos, como citei no início do texto, estava definindo quem seria e quem não seria “mulher negra” nesses ambientes. Sendo assim, na minha visão, enquanto mulher negra, eu continuava a encontrar poucas mulheres que se enquadravam no perfil que eu e algumas mulheres a minha volta possuíam, perfil este que era

extremamente estético, baseado em formas e estratégias estéticas parecidas com as que eu possuía, como por exemplo a minha cor, o que implicava o tipo de cabelo que a pessoa usava, o tipo de roupa e etc. Diferente do bar, nos churrasquinhos elas estavam mais presentes, porém a paquera não era uma das principais relações encontradas em campo e quando encontrava a paquera não conseguia identificar uma seletividade baseada pura e simplesmente na cor, pois os pareciam ser mais complexos.

Em relação à paquera, eu ainda possuía uma visão extremamente patriarcal, onde o homem é o atuante principal nestas relações e as mulheres ficam apenas esperando a iniciativa deste, como meros objetos da realização de desejos sexuais, o que me cegava muitas vezes, pois meu olhar não conseguia enxergar o quão atuantes são as mulheres no estabelecimento dessas relações. Elas não ficam quietas esperando ser paqueradas, visto que iniciam ou respondem a jogos de sedução, que vão desde o olhar, jogar o cabelo, sorrir, deixar-se ser vista ou pedir uma bebida, como mostrarei no trecho a seguir.

Passados alguns minutos após minha chegada, vejo um grupo composto por 4 mulheres, 3 crianças, e uma bebê. Elas ficam paradas em pé bem na minha frente, pois não há mais bancos para sentar. Elas estão conversando enquanto observam o local. Depois de um tempo, uma delas vai ao churrasquinho ao lado e cumprimenta um homem dando dois beijos no rosto. Depois volta para o seu grupo e começa a mexer o corpo, dando sinais de que vai dançar. Após uns minutos, um homem que estava sentado ao meu lado foi até uma das mulheres do grupo (a mesma que cumprimentou o outro homem) e fala para ela passar no churrasquinho ao lado e pegar “um negócio”. Ele faz isso enquanto a moça que o acompanhava tinha saído para comprar batata frita. A mulher responde positivamente com a cabeça, vai até o carrinho de churrasco e volta com uma cerveja, sorri para o homem que a mandou buscar, que olha rapidamente para ela e não retribui o sorriso. Ela abre a cerveja e divide com as amigas. A mulher que estava com uma criança no colo, a entrega a uma outra criança e fica conversando. A mesma mulher que havia ganhado a cerveja começa a trocar olhares com um homem que estava do outro lado do churrasquinho. Ele fala com ela através de uns gestos com as mãos, perguntando se elas estavam juntas. Então ela diz: “Peraí, deixa eu ir lá.” Chega até ele, cumprimenta-o com dois beijos, fica conversando por alguns minutos e volta para onde estava. Depois ele vem atrás dela e diz: “vou dar uma mijada, volto já.” Ela responde: “paga uma cerveja pra gente”, ele diz: “é pra já.” Vai até o carrinho de churrasco e volta com uma cerveja. Entrega dizendo: “desculpe a falta de cavalheirismo, mas não vou abrir porque tô apertado e vou ao banheiro, volto já.” Ela abre a cerveja, enche os copos das amigas, e enquanto toma a cerveja que ganhou, pede para uma das amigas ir até outro homem e dizer que ela está pedindo uma cerveja. A amiga pergunta se a esposa dele está, ela diz que não, que tem certeza que ele está sozinho. Então manda ela ir e dizer que “a Rosa tá pedindo uma cerveja.” A amiga sai, chega e fala no ouvido do homem, ele olha pra trás e ri pra Rosa. Então entrega uma cerveja para moça que volta sorrindo para o grupo. Posteriormente, o homem que tinha ido ao banheiro volta e fica por perto do grupo, e ela fica conversando com ele sobre as filhas, que estava morando em São Paulo, mas voltou pra ficar, e etc. Depois um outro homem chega, a cumprimenta e começa a conversar com ela e com as outras, e não dá mais atenção ao outro homem. (Registro de campo)

Eu incluí mais dois bares na minha lista de espaços de divertimento a serem observados, e mesmo encontrando situações como a que foi descrita acima, continuei indo aos bares e churrasquinhos com uma determinada angústia e resistência, pois não estava encontrando aquilo que queria, e na minha concepção, eu precisava observar mulheres negras que não estavam sendo paqueradas porque só assim poderia comprovar minha hipótese.

Mesmo indo a estes locais, eu ainda estava pensando na possibilidade de encontrar um outro ambiente onde eu pudesse observar aquilo que estava predisposta a enxergar. Em um determinado dia, uma prima chega em minha casa e diz que está muito animada para ir ao “Baile do Sinal” no Clube Social de Viçosa, pois fazia tempo que não dançava forró. Foi então que parei e pensei: baile? Forró? Como ainda não havia pensado nisso? Essa é uma boa combinação para paquera. “Vou também”. Então busquei informações de datas, bandas e etc. Comprei o ingresso e fiquei aguardando a chegada do dia. Foi por meio do Baile do Sinal que incluí os shows de forró em meu campo de pesquisa. A partir de então, tornei-me uma frequentadora assídua deles. Portanto, comecei a ir aos bares, churrasquinhos e shows de forró para tentar ter um desenho mais preciso de como as relações de paquera são estabelecidas, tendo como foco principal o comportamento feminino.

Continuei procurando e não encontrando aquilo que queria por muito tempo, mas mesmo assim continuava fazendo os registros do que encontrava em campo. Meu foco de observação já não era somente as mulheres negras, mas sim todas as mulheres, estendendo também meu olhar aos homens. Então os registros que fiz tentavam captar um pouco do universo de paquera nesses ambientes, como demonstro a seguir.

Fiquei observando durante algum tempo um grupo de amigos adolescentes, tanto homens como mulheres que dançavam uns com os outros, e algumas das meninas, vez ou outra, era chamada pra dançar por algum homem que não estava no grupo. Até o momento que observava, tinha uma delas que só foi chamada pra dançar pelos amigos. Então entrou um grupo de homens na festa e pararam bem perto deles, e a menina começou a olhar de maneira muito intensa para um e falou alguma coisa para uma das amigas, que pegou no seu braço e saiu puxando-a até ele, então conversaram, se apresentaram, a amiga pegou a mão dela colocou junto com a dele e saiu. Contudo, eles apenas se olharam, riram, dançaram uma música e depois ela voltou para o seu grupo, quando chegou, a amiga lhe deu um abraço e as duas começaram a dançar.  
(Registro de campo)

Uma série de coisas começaram a chamar minha atenção e despertar novos interesses. Esses interesses se voltavam ao comportamento feminino. Mulheres que não ficavam esperando o homem tomar a iniciativa na paquera, mas que iam até ele e diretamente mostravam que estavam interessadas. Pude também perceber um determinado cortejamento masculino que

revelava raízes patriarcais, por meio de atitudes “grosseiras”, assim como em outros momentos observava gestos mais “sutis”. Dessa maneira, comecei a querer entender como se estrutura essas relações e como esses padrões de comportamento são construídos socialmente.

Após conseguir fazer uma série de registros de campo, percebi que estava no momento de olhar mais detalhadamente, isto é, analisar os dados que já foram coletados com o objetivo de redefinir os novos caminhos a serem percorridos na investigação, ou mesmo, uma nova problemática.

Neste momento de análise comecei a deixar de lado a minha antiga problemática, isto é, o meu projeto de pesquisa anterior e passei a definir um novo problema de pesquisa, novos objetivos, e conseqüentemente um novo objeto, que será exposto de forma mais precisa um pouco mais à frente, pois antes farei uma espécie de desenho etnográfico a partir do que encontrei em campo para que o leitor compreenda melhor as mudanças que assumi recentemente.

## **1.2 As relações de paquera nos bares churrasquinhos e shows de forró**

Creio que é importante situar o contexto social no qual estes espaços de divertimento estão inseridos, colocando em evidência algumas características que envolvem o município de Viçosa – AL. Viçosa é uma cidade que fica localizada na zona da mata, à 86 km da capital alagoana e segundo o IBGE possui cerca de 26.249 habitantes. Olhando de uma maneira mais geral para as características de Viçosa, percebemos que ela foi uma cidade fortemente marcada pelos engenhos de cana-de-açúcar, e pela manifestação das culturas populares. Entretanto, atualmente, a economia do município é marcada pelo comércio e agropecuária, o que nos leva a pensar que a cidade passou por um processo de urbanização agro-industrial e de serviços, acentuando as relações de monetarização. O surgimento de alguns desses espaços de divertimento pode refletir um processo de transformação das funções econômicas da cidade. Não que a presença de bares seja recente, mas a dos churrasquinhos sim. Não faz muito tempo que estes começaram a invadir as praças e esquinas de Viçosa. Portanto, os tipos de sociabilidade começam a se estruturar de uma nova forma, e pensar os espaços de divertimento é também refletir sobre essas mudanças, que só uma pesquisa mais detalhada consegue dar conta.

A partir das idas a campo e da análise dos registros pude perceber que as relações eróticas se estruturam de maneira diversa nestes espaços de divertimento em Viçosa-AL, e “a agradável excitação-prazer que as pessoas procuram nas suas horas de lazer, representa assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das

valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas racionais da vida. ” (ELIAS, 1992, p. 115)

Durante determinado momento da pesquisa, apliquei um questionário com alunos da Escola Estadual Joaquim Diégues, onde trabalho. Eu tinha como objetivo saber quais os lugares os adolescentes entrevistados frequentavam quando queriam se divertir, e como a paquera se estabelecia nestes espaços. Esse trabalho foi uma das avaliações da disciplina Métodos e técnicas de pesquisa no PPGS/UFAL. Consegui entrevistar 40 jovens, 22 mulheres e 18 homens, que possuíam a idade de 14-20 anos. Uma das perguntas iniciais se referia aos espaços que as pessoas preferiam frequentar quando queriam se divertir/dançar. Entre as mulheres 50% preferiam os shows de forró, 14% os bares, 9% os churrasquinhos, 14% as praças e 14% outros lugares. Entre os homens 39% preferiam os shows, 17% os bares, 17% os churrasquinhos, 11% as praças e 11% outros lugares. Outro item perguntava se eles iam a estes espaços com o objetivo de conhecer novas pessoas ou paquerar, 82% das mulheres responderam que sim e 18% que não. 89% dos homens afirmaram que este é um dos objetivos e 11% que não. As mulheres quando foram perguntadas se já ficaram ou namoraram com alguém que conheceram nestes espaços, 64% disseram que sim e 36% que não. Entre os homens 94% disseram que sim e 6 % que não.

Por que eu trago estes dados? Porque embora o número de entrevistados seja pequeno, e se refira a uma faixa etária específica, por meio desses números podemos perceber que os bares, churrasquinhos e shows de forró constituem ambientes que são frequentados com o objetivo, também, de paquerar por ambos os sexos. E a partir da observação em campo, sei que as relações são, em sua maioria, heterossexuais e os tipos de “excitação” são diferentes a depender do lugar a ser frequentado.

As relações estabelecidas nos bares e churrasquinhos em Viçosa-AL seguem características diferentes daquelas que se apresentam nos shows de forró, pois os círculos de relações são mais restritos, as pessoas se relacionam mais com os seus acompanhantes do que com o restante dos frequentadores. Observei “jogos de paquera” em momentos que um homem paga uma cerveja para a mulher por quem está interessado ou quando pede o número da mulher paquerada à amiga que a acompanha, dentre outras situações. A seguir descrevo uma situação ocorrida em um bar, que nos possibilita perceber como as relações são estabelecidas.

Cheguei ao bar, estava lotado. Não havia mais nenhuma mesa disponível. Então me dirigi ao balcão, onde sempre costumava ficar, pedi uma cerveja e sentei em um banco. Uma dupla de rapazes estava se apresentando, cantavam MPB. As músicas variavam entre Djavan, Marisa Monte, Cássia Eller, Tim Maia, etc. Algumas pessoas

estavam em pé perto do local onde eles se apresentavam. Comecei a observar dois homens que estavam perto da porta e bebiam cerveja. Um deles observava atentamente as pessoas que estavam no bar, principalmente uma mesa que era ocupada apenas por mulheres, que aparentavam ter entre 18 e 22 anos. Elas bebiam, conversavam e interagiam com os rapazes que estavam cantando, pedindo músicas e acompanhado no canto. Em um determinado momento, este mesmo homem começa a me observar, e depois sorri e balança a cabeça em minha direção. Eu retribuo o olhar, mas não o sorriso. Neste momento, eu estava em pé, e enquanto observava, mexia o corpo, ensaiando uns passos de dança. O amigo dele se retira. Ele então vem em direção ao balcão, posicionando-se atrás de mim. Ele toca meu ombro e pergunta se pode ficar naquele espaço, pois não tem mesa disponível. Digo que não tem problema. Ele ri e diz que não vai me incomodar. Continuo observando e dançando. Ele então toca meu braço e pergunta se quero cerveja, respondo que não tem necessidade, pois já estou bebendo. Ele comenta que é de Arapiraca, mas nasceu em Viçosa, sua família mora em Viçosa e que tá adorando a noite. Digo que a noite está realmente agradável. Pergunto quem é sua família e ele me diz o nome da irmã. Em seguida, digo que a conheço, ela é amiga de minha prima. Ele pergunta quem ela é, e então digo o nome dela. Ele diz que conhece e adora a minha prima, diz que ela é super gente boa, etc. Termina a conversa e viro novamente para os rapazes que estão cantando e fico observando as pessoas interagirem. Em algumas mesas as pessoas conversam muito umas com as outras, em outras o silêncio é o que prevalece. Em um determinado momento uma das meninas que estava na mesa que o homem com quem eu conversava observava, veio até mim e se despediu, me deu um abraço, disse que já ia porque estava tarde e a caminhada era longa. Antes de sair, ela foi ao banheiro. E quando ia passando pelo homem que estava atrás de mim e com quem eu estava conversando, este pegou-lhe no braço e lhe disse que era uma morena linda; perguntou seu nome e se ela podia lhe dar seu número de telefone. Ela disse que sim. Então ele rapidamente pegou um guardanapo e anotou o número e o nome dela. Ela foi ao banheiro, voltou, me deu um outro abraço e falou no meu ouvido que ele era gatinho. Então se despediu de mim e foi embora. Ele olhou pra mim e perguntou se ela era minha amiga. Disse-lhe que era uma colega, então ele me disse que ela era linda, que ia ligar e se ela quisesse vinha de Arapiraca só para vê-la. Começamos a rir e a conversar sobre outras coisas, ele não tira os olhos da mesma mesa. O garçom chega perto da gente e ele manda entregar uma cerveja na mesa das meninas. O garçom leva. Elas perguntam: “quem foi?”. O garçom aponta para o homem e elas sorriem. Ele me pergunta se sei o nome de uma delas. Digo que não. Quando uma das meninas se levanta para ir até o banheiro e passa por nós, ele pega no braço dela e pergunta o nome da menina por quem está interessado, ela fala e volta pra mesa. Então comenta com a amiga que olha pra trás e dá um sorriso. Depois ele manda levar outra cerveja. Passado algum tempo, já por volta das 01:30 elas pedem a conta e vão embora. Antes de sair dão tchau a ele, que lamenta dizendo: “Mas já?” (Registro de campo)

É importante salientar que o espaço do bar é diferente dos churrasquinhos, inclusive no aspecto musical. Os churrasquinhos são ao ar livre, na praça, onde o proprietário leva seu carrinho de churrasco e coloca vários bancos ou cadeiras ao redor. Enquanto nos bares o estilo musical mais tocado era o MPB, nos churrasquinhos era o pagode e o que eles chamam de “sofrência”, um tipo de música que é caracterizado por possuir letras que falam de traição e das dores causadas por ela.

Nas relações de paquera observadas em campo é possível perceber uma maior liberdade sexual das mulheres, e embora, essa emancipação seja mais explícita no comportamento das mulheres jovens, as mulheres mais velhas também estão redefinindo suas posições sociais,

inclusive em relação a sexualidade. Como falei anteriormente, nos bares e churrasquinhos de Viçosa, os jogos de sedução perpassam pelos olhares, sorrisos, toques no braço, oferecimento de cerveja e não pelo contato corpo a corpo, até porque os ambientes não são estruturados para esse tipo de relação.

Diferentemente dos bares e churrasquinhos, os shows de forró acontecem no clube social de Viçosa, e não possuem uma determinada regularidade, a entrada não é gratuita, e fica em torno de R\$ 15,00, R\$ 20,00, ou R\$30,00 a depender das atrações. É importante salientar que o forró presente nesses espaços não é aquele do tipo “pé de serra”, mas o forró eletrônico, e embora o estilo musical mais presente seja o forró, outros estilos musicais são marcantes nessas festas, como o sertanejo universitário, o funk, reggae, swingueira, dentre outros. Na maioria das vezes, o repertório musical desses outros estilos é adaptado para o forró eletrônico. Dessa forma, esses espaços são procurados porque também possibilitam a dança e a “pegação”.

Por conseguinte, o público que frequenta os shows de forró é bastante diverso, de diferentes classes sociais e faixas etárias. É perceptível que a quantidade de mulheres é maior do que a quantidade de homens. Foi comum observar mulheres dançando umas com as outras ou sozinhas.

Aos poucos as pessoas vão entrando no clube e descendo para o salão principal, a maioria delas chegam em grupos ou pares e vão se concentrando nas laterais do salão, na parte alta do clube ou se dirigem para as mesas (aqueles que compraram). Ao olhar para o salão da parte alta do clube, percebo a divisão das pessoas em pequenos grupos, onde os que são formados só por mulheres ou por homens e mulheres formam pequenos círculos, e aqueles formados apenas por homens não formam círculos, ficando um ao lado do outro. No início do baile as meninas dançam com os meninos de seu grupo ou sozinhas. Com o passar do tempo, alguns homens saem à procura de algumas mulheres para dançar, ou estas vão até eles. (Registro de campo)

A descrição acima mostra quais as principais características do início dos shows, pois a dança, a paquera, isto é, o erotismo só vai aparecer após um determinado tempo, marcado também pelo alto índice de consumo do álcool. Portanto, as relações de paquera estabelecidas nesses ambientes possuem um erotismo que não se faz presente nos outros ambientes observados, a paquera começa na dança, no contato com o outro corpo, no cheiro do cangote, no falar ao pé do ouvido, no acariciar da pele, culminando com beijos.

Depois de andar um pouco pelo salão da festa, paro atrás de um grupo de meninas que dançavam sozinhas, ao lado delas tinha dois homens que as observavam enquanto bebiam, quanto terminou a música que estava tocando e começou a outra, um deles convidou uma das moças, que fazia parte do grupo, para dançar. Ele estendeu o braço e ela foi para junto dele. Então ele agarrou a sua cintura e entregou o copo ao amigo. Os dois começaram a dançar. Após uns minutos, ele a puxou para mais perto do seu

corpo e segurou sua nuca enquanto falava ao seu ouvido. Ela ria enquanto ele falava, os dois continuaram dançando. A música acabou e ele não a soltou. Continuaram dançando a segunda música, e observei o progresso de carícias dele sobre as costas dela, avançando em cheiros no pescoço da garota. Tentou beijá-la mas ela virou o rosto para o outro lado, mantendo-se segura a ele. Continuaram dançando. Na terceira música, ele tenta beijá-la novamente. Dessa vez ela corresponde ao beijo. Os dois param de dançar e ficam se beijando durante um tempo. Posteriormente, voltam a dançar novamente, as carícias aumentam e os beijos também. Terminada a música, ele solta a moça e vai pra junto do amigo. Os dois continuam trocando olhares durante um tempo, mas depois ele sai do lugar que estava. (Registro de campo)

Segundo Rodrigues,

Se considerarmos, em relação ao passado, a expansão de polos de gravitação de pessoas como bares, boates, bailes, em seus diversos formatos, públicos, privados, negócios de baixo custo em periferias urbanas, casas prestigiadas de atração de pessoas de distintas classificações sociais em zonas bem reputadas, até mega eventos de elevada organização profissional em escala nacional e transnacional além, ainda, da presença íntima de imagens e sons musical-dançantes chegados do rádio, da televisão, da internet, veremos que a estrutura de apresentação das emoções alterou-se, permitindo maior liberdade de expressão erótica, amorosa e sexual, particularmente, para as mulheres, através de representações motoras, aumentando o repertório de linguagem de excitação amorosa e sexual disponível em relação ao antigo acervo de linguagens eróticas, eminentemente músico – literária e altamente dissimulados, no sentido de emergirem como marcos simbólicos sobre o prazer puramente “eu-centrado”, das classes médias e altas do Brasil (2008, p. 8)

As linguagens eróticas são bastante visíveis nesse ambiente, e são intensamente marcadas pelo repertório musical, atingindo níveis de excitação diferenciados a depender dos momentos e músicas tocadas. Quando falo de excitação, me refiro ao termo utilizado por Elias (1992, p. 113), que é aquela “excitação espontânea e elementar que provavelmente tem sido inimiga da vida ordeira, através da história humana.” (p.113)

Portanto, os shows de forró proporcionam aos seus frequentadores uma liberdade maior para expressar suas emoções e erotismo com sentido amoroso-sexual, que fogem um pouco do julgamento dos outros, permitindo que estes desçam até o chão, subam para dançar no palco, e paquerem à vontade.

Entretanto, ainda é possível encontrar marcas do patriarcalismo nessas relações, principalmente no comportamento masculino, como mostra o trecho a seguir:

Estou parada no meio do salão, na minha frente há um grupo de homens bebendo e dançando. Depois de um tempo passa entre eles duas adolescentes, uma na frente da outra, segurando as mãos. Elas passam no meio deles. Depois que a primeira menina passa, um dos homens tenta “roubar” um beijo da segunda adolescente a passar. Ela se esquiva e sai meio constrangida, olha para ele e depois olha para a amiga e balança a cabeça em negativa. Ambas ficam próximas ao grupo. O garoto que tentou beijá-la não para de olhar para ela. Depois de um tempo, ele vai até ela e pega no seu braço chamando-a para dançar. Ela aceita. Enquanto dançam ele encosta o rosto no dela,

começa a acariciar suas costas e cabelo, mantendo uma conversa ao pé do ouvido. A cara dela não demonstra tanto conforto, mas continua dançando. Ele tenta beijá-la novamente, ela se esquiva. Quando acaba a música, ele tenta mantê-la presa junto ao seu corpo, mas ela afasta-o com as mãos. Ele volta para o grupo de amigos e ela para perto da amiga. Então as duas saem do local que estavam. (Registro de campo)

Portanto, é importante analisar como essas relações são construídas, que envolve uma construção de consciência e personalidade, que não é estática e está em constante mudança, no qual o contexto onde são criadas e recriadas é importantíssimo para compreender essas transformações e permanências.

De maneira processual, o meu problema de pesquisa foi se redefinindo ao longo das idas à campo e análise bibliográfica. Em um determinado momento meu interesse se desloca da análise das relações afetiva-sexuais de mulheres negras, e se inclina para a compreensão das possíveis transformações dos comportamentos eróticos nos espaços de divertimento em Viçosa-AL, tanto aquele do tipo masculino como também o feminino. Portanto, a problemática central passa pelo crivo da relação existente entre os espaços de lazer, o erotismo e a estratificação social da cidade, pensando em uma transformação intergeracional. A partir das observações consigo ter um desenho de como o cortejamento aparece, atualmente, nesses espaços, e com uma observação mais atenta, posso conseguir perceber as posições sociais que esses indivíduos ocupam, tentando compreender as relações que mantêm uns com os outros.

### **1.3 Planos de análise**

É necessário problematizar aquilo que denomino como erótico no decorrer do trabalho, pois o erótico aqui se refere um jogo de sedução, no qual o prazer, isto é, a satisfação está no próprio jogar, mesmo que aquilo que é desejado não seja obtido de fato, portanto, o prazer erótico não é conseguido apenas no plano fisiológico, mas também nas suas etapas anteriores, nos olhares, na performance do corpo, etc. (SIMMEL, 2010, p. 99). As relações eróticas observadas nos bares, churrasquinhos e shows de forró passam por esses jogos de sedução, nos quais seus atores sociais agem a partir de códigos de comportamentos específicos e que são construídos socialmente.

Como já deixei evidente em pontos específicos do texto, a análise que estou fazendo é processual, e o objetivo principal é entender como se deram as transformações das relações eróticas nos shows de forró em Viçosa-AL, e sendo processual, é também intergeracional. Por isso é necessário trazer para o estudo informações sobre o passado erótico-dançante de Viçosa, que não corresponde com os tipos de shows analisados até o momento, pois não eram marcados

pelo forró eletrônico, mas por outros estilos musicais que segundo a irmã de uma de minhas interlocutoras, que não frequenta os shows de forró, “antigamente era muito bom, a festa era outra, não tinha tanta safadeza, as músicas não falavam de tanta putaria.” Dessa forma, estou trabalhando com diferentes gerações que já em um primeiro contato me apresenta comportamentos eróticos distintos.

No decorrer da pesquisa, consegui ter um acesso de curto tempo aos jornais, o que me abriu portas reflexivas extremamente importantes, pois embora a sua coleção fosse pequena, eu não me deparei com jornais do final da década de 1930 até 1940, o que me possibilitou conhecer os espaços de divertimento da elite viçosense neste período, além de ampliar a minha análise a respeito do processo de transformação do modo como as pessoas paqueravam e se relacionavam sexualmente. Além dos jornais, uma outra fonte de pesquisa foram os livros de crônicas escritos por viçosenses, e que nos apresentam suas memórias da infância e juventude, dando densidade à análise da década de 1950 até meados de 1980.

Dessa forma defini meu marco temporal para o final dos anos 1930 até o presente, o que deu oportunidade de realizar uma análise processual a respeito das relações aqui estudadas, fazendo com que fosse possível a comparação desses diferentes períodos com a atualidade, que nos permite afirmar a existência de uma mudança bastante considerável no modo como homens e mulheres, sejam jovens ou mais velhos, experimentam determinados prazeres e emoções, principalmente, os ligados ao cortejamento e trocas parentais.

Assim como Elias assinala, é importante enfatizar que esta análise das mudanças sociais e também das estruturas de personalidade não refere-se às análises do tipo evolucionistas, que se baseiam na ideia de progresso social, isto é, de um dever ser, mas sim uma análise do que é e quais os caminhos, ou, como tais comportamentos e figurações se desenvolveram até o presente, isto é, como eram e como são estabelecidas tais relações, analisando os elementos que possibilitaram determinadas transformações.

Portanto, o conceito de figuração, criado por Norbert Elias, é indispensável para este trabalho, pois “as estruturas de personalidade e da sociedade evoluem em uma inter-relação indissolúvel.” (ELIAS, 2001, p. 220). Mas em que consiste o conceito de figuração? E como ele se relaciona com as estruturas de personalidade dos indivíduos? É importante salientar que o autor cria este conceito para contrapor o antigo problema existente nas teorias sociológicas entre indivíduo e sociedade, que viam ambos como entidades separadas, no qual alguns davam ênfase a um indivíduo autossuficiente, que não dependia das relações sociais, isto é, fechado em si mesmo, enquanto que outros acreditavam na supremacia da sociedade em detrimento do

reconhecimento de que, mesmo sob constrangimentos, os indivíduos fazem escolhas, podendo alterar cursos de vida. Em contraste a tais teorias, Elias propõe uma superação dessa dicotomia, pois indivíduo e sociedade estão inter-relacionados, e a figuração é a rede de interdependências da qual o sujeito faz parte, e que é determinada pelas complementaridades e conflitos afetivos existentes entre eles. Portanto, a figuração consiste nas teias de interdependência, aquilo que liga os indivíduos uns aos outros, isto é, as relações sociais que estabelecem entre si, no qual a estrutura de personalidade, ou seja, a formação psíquica de tais indivíduos é influenciada pela figuração, ou figurações da qual fazem parte. Dessa forma o indivíduo possuirá uma personalidade aberta, que na própria definição de Elias, consiste em:

Possuir um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependentes delas. A rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexu do que aqui é chamado de configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. (ELIAS, 2001, p.249)

Portanto, analisar as transformações das relações de paquera estabelecidas nos shows de forró requer uma exposição e compreensão da figuração na qual tais indivíduos estão inseridos, onde as práticas de cortejamento analisadas se fazem presentes, bem como, analisar quais eram as figurações e tipos de cortejo que permeavam as gerações anteriores. Sendo assim, estamos tendo como foco um processo de mudança que liga as estruturas de personalidade, isto é, a formação psíquica dos indivíduos com a estrutura social na qual fazem parte, assim como Elias, estamos falando de uma sociogênese e uma psicogênese, o que torna a análise suficientemente complexa.

É preciso deixar claro que estamos falando de uma análise sócio-histórica, na medida em que se faz necessário recorrer a um modelo de sucessão – no qual ter uma visão do passado e relacioná-lo com uma visão do presente mostra-se importante para compreender o processo de mudança – porém este retorno não possui o objetivo de apenas demonstrar como era estabelecido o cortejamento, mas analisar as figurações nas quais se estabeleciam tais relações e como as emoções, o erótico, era vivenciado por tais indivíduos, isto é, o objetivo é analisar os processos sociais e psíquicos que envolviam os indivíduos, para entender a estrutura de seus comportamentos atualmente, pois “pode-se demonstrar sem dificuldade que tal mudança nas

estruturas de personalidade é um aspecto específico do desenvolvimento de estruturas sociais.” (ELIAS, 2001, p.220)

Para Elias, a mudança é algo normal na sociedade, e em sua obra “O processo civilizador” mostra como os códigos de costumes foram modificando-se até criar uma personalidade de segunda natureza, que tinha como base o controle das emoções, principalmente as tidas como perigosas. Segundo Cas Wouters, ele “descreve como, em um processo de longa duração de formalização dos costumes e maneiras e de disciplinamento de pessoas, emoções “perigosas”, como aquelas relativas à violência física (incluindo a sexual), passaram a ser controladas de modos cada vez mais automáticos.” (2012, p.546)

Mas em que consiste de fato a segunda natureza? E em que medida este conceito nos ajuda a pensar o problema proposto por este trabalho? Um dos aspectos importantes na sociologia processual de Elias, retomado por Cas Wouters e que ajuda a iluminar uma série de problemáticas nesta pesquisa se refere à análise que ele faz sobre a forma como ocorreu a emancipação das emoções nos indivíduos ao passar dos tempos, já que “mudanças nos regimes de comportamento são uma passagem rumo a mudanças nas relações entre pessoas, bem como a mudanças nas pessoas, isto é, em suas demandas de regulação emocional.” (WOUTERS, 2012, p. 549)

Elias analisa como as mudanças nas emoções dos indivíduos deixaram de ser conscientes e passaram a transformar-se em uma segunda natureza, mostrando assim como as estruturas de personalidade formam se modificando, no qual esta segunda natureza é caracterizada como sendo as dinâmicas de autocontrole, internalizadas por meio de constrangimentos sociais, isto é, a partir do momento em que estes indivíduos participam de uma rede de relações sociais. É importante enfatizar que Elias (2001) está analisando as condutas de uma “boa sociedade”, isto é, de determinados padrões de comportamento referentes a um grupo social específico que consiste na classe dominante, o qual o seguimento desses padrões de conduta faz com que os indivíduos sejam considerados como civilizados ou incivilizados. Neste momento, fala-se de relações sociais que formam uma estrutura específica, isto é, figurações caracterizadas por uma teia de interdependência sócio-afetivas, constrangimentos sociais e morais que foram naturalizados, tornando-se uma personalidade de segunda natureza, que consiste no desenvolvimento de uma consciência rigorosa em que os indivíduos conseguem controlar os impulsos e emoções tidos como perigosos ou inaceitáveis, portanto, o controle passou a ser exercido pela consciência dos indivíduos, um autocontrole. Wouters fornece uma descrição desta lógica social e psíquica.

Censura social tangenciando censura psíquica: as advertências quanto aos “efeitos traiçoeiros” da fantasia se expandiram, o que por si só demonstra a convicção prevalecte de que pensamentos perigosos levariam, quase automaticamente, a ações perigosas. (...) Esse tipo agudo de pressão moral assinalou o desenvolvimento, por meio da formação de uma consciência rigorosa, de formas bastante rígidas de se evitar qualquer coisa definida como perigosa ou inaceitável. Isso estimulou o aumento de pessoas que evitam o conflito, obcecados com autodisciplina, pontualidade, disposição metódica e a importância de se viver uma vida racional. Para elas, a visão das emoções passou a ser predominantemente associada com perigos e fraquezas. (WOUTERS, 2012, p. 555) 20

Portanto, o surgimento de uma segunda natureza está ligado a formação de uma personalidade que tentava afastar a vivência das emoções, prezando pela ordem e pela regularidade. Entretanto, a autorregulação foi arraigando-se de forma tão intensa nas consciências individuais que com o passar do tempo, e com algumas mudanças sociais, esta estrutura de personalidade de segunda natureza foi se desenvolvendo para a de uma terceira natureza, e com isso surge a emancipação das emoções.

O processo de emancipação das emoções implicou que um número cada vez maior de pessoas estivessem cada vez mais conscientes de emoções que, como regra, no passado, foram ignoradas ou escondidas por medo dos pais ou daqueles de quem dependiam. (...) Durante o surto de informalização na década de 1960 e 1970, muitas pessoas descobriram que autoconstrangimentos de todo tipo eram, na verdade, constrangimentos realizados pelos outros ou, pelo menos, estavam baseados em constrangimentos externos. Assim, tanto os aspectos biológicos quanto societários desses processos estiveram intimamente conectados. (WOUTERS, 2012, p. 567)

Ao contrário da segunda natureza, que se baseava no controle das emoções, a terceira natureza surgiu a partir de um processo de informalização das condutas, onde houve a necessidade de buscar mais flexibilidade no rigor dos códigos sociais, com o intuito de tornar possível a vivência e experimentação de determinadas emoções.

Houve uma significativa expansão de expressões explícitas de insubordinação, sexo e violência, particularmente no âmbito da imaginação e do entretenimento. O ego passou a dominar a consciência ou, mais especificamente, o superego, de forma que um modo de autorregulação dominado pelo ego se espalhou. À medida que se tornou natural compreender as necessidades e desejos tanto da primeira, como da segunda natureza, assim como os perigos e oportunidades de toda e qualquer situação ou relação (seja de curto ou longo prazo), uma espécie de terceira natureza se desenvolveu. (WOUTERS, 2012, p. 562)

Portanto, para uma personalidade de terceira natureza as etiquetas rígidas que regem o comportamento dos indivíduos são inflexíveis, havendo, dessa forma, a necessidade de experimentar emoções que antes eram perigosas, sem sentir culpa ou vergonha por isso,

tornando-se aceito uma conduta mais espontânea e relaxada. Porém, Wouters (2012) não está falando de um descontrole total das emoções, mas de um descontrole controlado. Controlado não por regras externas ou uma autoconsciência rígida em demasia, mas sim pela flexibilidade e flexibilidade de determinados padrões de comportamento. Para compreender isto, ele dá o exemplo do espartilho.

A expansão do uso do espartilho simboliza a expansão do movimento cada vez intenso de controle do corpo – perder a roupa significava perder a própria moralidade. Durante o fim do século XIX, com o movimento histórico de transformação dos modos de se vestir, os ideais de naturalidade foram combinados aos ideais de beleza. A partir desse momento até a década de 1960, o espartilho passou a ser usado apenas como item ortopédico para contenção de corpos femininos que estavam fora dos padrões de beleza. Padrões estes que, cada vez mais, continham ideais de naturalidade, mas sem a perda do controle. Claramente, tratava-se de um descontrole controlado, na medida em que o controle exercido pelo espartilho na forma de autorregulação: as mulheres passaram a fazer dietas, esportes, ginásticas e outras práticas para ‘trabalhar o corpo’ como a cirurgia plástica. (...) Desde os anos 1980 o espartilho apareceu como um artigo erótico, mas, na medida em que se tem como certo que a mulher que o utiliza não precisa dele para o controle do corpo, pode-se tomar o espartilho como um símbolo de beleza, naturalidade e autocontrole surgem e se desenvolvem entrelaçados uns aos outros – mais uma evidência da expansão de uma terceira natureza. (WOUTERS, 2012, p. 562)

Sendo assim, o surgimento de uma terceira natureza se dá pela necessidade de retorno à primeira, sem perder os controles da segunda natureza, ou seja, não é um natureza onde tudo é permitido, mas sim onde abre a possibilidade de experimentar novas emoções e perigos, sem perder de vista um processo de reflexividade acerca da própria conduta, e conseqüentemente da conduta do outro.

Até agora tentei expor de maneira precisa, alguns dos principais conceitos que orientam minha pesquisa, contudo, você deve estar se perguntando de que forma tal explanação teórica ajuda a resolver o problema de pesquisa proposto, bem como alcançar os objetivos apresentados. Como foi mencionado ainda nesta seção, um dos conceitos que orientam este trabalho é o de figuração, proposto por Elias, como este já foi exposto, cabe agora mostrar de fato como ele me auxilia a pensar as relações de paquera nos shows de forró em Viçosa-AL. Como apresentei ao longo deste texto, comecei a pesquisa fazendo etnografias não somente dos shows de forró, mas também dos bares e churrasquinhos, o que posteriormente me possibilitou delimitar os shows como o único campo para observar o cortejamento atualmente. Porém, a ida aos outros espaços me permitiu conhecer a estrutura ou figuração presentes nestes ambientes, para depois realizar o recorte desta pesquisa. Ao falar de figuração, estaremos nos referindo não somente à estrutura social desses espaços, isto é, de que maneira se estabelece a rede de relações

sociais entre os seus frequentadores, mas também às formas de interdependências em escalas mais abrangentes no interior dos quais shows de forró e paqueras se estruturam.

Ficou perceptível que os frequentadores dos bares e churrasquinhos, ao chegarem com seus grupos de amigos ou familiares, estão, em sua maioria, dispostos a interagirem somente com os seus, onde o espaço não é próprio ou, tão aberto, à pegação. Porém, os shows de forró possuem um estrutura ou figuração diferente, existindo uma relação muito estreita do estilo de música tocado, o forró eletrônico, com as diferentes manifestações comportamentais dos indivíduos, no qual o cortejamento ou, a paquera é muito mais explícita do que nos outros espaços que frequentei para realizar pesquisa. É perceptível que o tipo e nível de excitação nos shows de forró é fortemente marcado pelo erotismo, no qual as próprias músicas possuem cunho erótico. E é importante salientar que estes indivíduos estão inseridos em teias de interdependência que ultrapassam o ambiente do show. A maioria das pessoas se conhecem e mantêm relações sociais fora desses espaços. Isso não quer dizer que vão todos juntos ao show, pois assim como nos bares, eles chegam com os seu mais próximos, entretanto, a própria estrutura do show, marcada, principalmente, pela dança, faz com que em determinados momentos eles se separem dos seus e interajam com outros, possibilitando um tipo de cortejamento específico desse ambiente, no qual a dança é um dos elementos que possibilitam a paquera, acompanhada com o toque, carícias, conversas ao pé do ouvido, bem como outras ferramentas que vão para além dela.

Pensar as relações de paquera nos shows de forró em Viçosa – AL, é um exercício, no qual o conceito de segunda e terceira natureza apresentado anteriormente, é capaz de iluminar a reflexão e análise desse tipo de comportamento, pois fica evidente que nos ambiente do show os indivíduos estão sob um tipo de excitação, no qual percebe-se uma emancipação muito precisa de suas emoções, principalmente, as de cunho erótico, convivendo com práticas em que determinados autocontroles sociais atuam de maneira mais intensa. São mulheres dançando de forma muito sensual, descendo até o chão, com um intenso rebolado, subindo ao palco para dançar, enquanto todo o público aplaude e grita, tirando homens para dançar, paquerando e sendo paqueradas. Enquanto que homens oferecem cerveja para as mulheres por quem estão interessados, circulam pelo salão e quando encontram uma mulher que lhes agrada, a chama para dançar, enquanto outros tentam beijar a parceira de dança à força. Enfim, são vários os aspectos que revelam um tipo de comportamento muito diferente daquele encontrado em outros ambientes de divertimento. E a pergunta que fica é: Sempre foi assim? Em que momento esse tipo de comportamento começou a ser aceito entre os frequentadores desses espaços? Quais os

mecanismos de controle e autocontroles que os envolvem? Sendo assim, é importante fazer uma análise processual dessas relações eróticas, compreendendo de que forma as estruturas de personalidade das diferentes gerações foram e estão sendo estruturadas ou reestruturadas.

Nesta noite foi possível observar uma mulher de 48 anos sendo cortejada, respondendo a este cortejo, dançando, trocando número de telefone, mas quando o homem tenta beijá-la ela vira o rosto rapidamente, mantendo colado ao dele. Quando termina a dança, ele diz no ouvido dela que vai ao banheiro, e volta logo. Então a sobrinha dela oferece o guarda-chuva, porque estava chovendo, ela recusa porque está com calor, e fala para sobrinha que ele é um gato, só não fica com ele porque não gosta de beijar assim em público e no primeiro encontro, mas que já deu o número do seu celular e que depois se ele quiser que ligue. O homem volta e eles ficam um cortejando o outro um bom tempo. Enquanto que do lado tem outro casal, chegaram juntos na festa, entretanto, em um determinado momento, o homem começa a dançar sozinho e a interagir com um grupo de mulheres a sua frente, tira uma delas para dançar e acabam se beijando. Quando termina a música, ele retorna para outra parceira, começa a dançar com ela e a trocar carícias.

Estou citando essas experiências em campo, pois é essencial para exemplificar a existência de personalidades diferentes, onde as emoções são vivenciadas de maneiras distintas, e é por isso que os conceitos de figuração, de segunda e terceira natureza são essências para analisar as formas como os diferentes cortejamentos foram se modificando, focando nos processos sociais e psíquicos que envolveram e circundam os frequentadores desses shows de forró.

Por meio dos registros dos shows, conseguimos observar que as maneiras de cortejar masculinas e femininas são distintas, e muito mais que isso, a maneira como a mulher mais velha se comporta neste ambiente é diferente daquelas que pertencem a uma geração mais nova. Entretanto, muito mais do que uma diferença geracional, é necessário compreender um problema de gênero, onde as relações passam também por momentos de tensão, onde estruturas de personalidade estão sendo criadas e recriadas, onde o psiquismo das pessoas e estruturas emocionais também se transformaram, e o cortejamento, as relações eróticas são um reflexo dessas mudanças.

Como já foi exposto os códigos de cortejamento masculino são diferentes dos femininos, na maioria das vezes é o homem que toma a iniciativa, é ele que chama pra dança, que oferece a cerveja quando tá interessado em alguma mulher, que se separa do seu grupo de amigos a procura de mulheres para cortejar, evidenciando uma masculinidade específica, e que muitas vezes ainda é patriarcal, o qual alguns ainda tentam beijar a força, ou fazer com algumas mulheres sejam seus pares na dança, mesmo sem sua vontade, ou ficando constrangidos quando são paquerados, afastando-se dessas mulheres. Enquanto que a performance feminina se

apresenta de uma outra forma, e o comportamento feminino difere entre si, a depender, por exemplo, da idade. Mulheres jovens cada vez mais tomam a iniciativa na paquera, dançam de uma maneira mais sensual, não que algumas mulheres mais velhas não o façam, mas é em uma proporção bem menor comparado com as outras. Elas estão, sim, presentes cada vez mais nestes espaços, paqueram e são paqueradas, porém de uma forma mais discreta. Portanto, umas das tarefas que proponho é pensar e mostrar no trabalho o perfil dessas mulheres e homens viçosenses, e como a feminilidade e masculinidade desses indivíduos são definidas e redefinidas, buscando entender a mudança que ocorreu no psiquismo dessas pessoas, e para isso preciso criar um marco dessa transformação, isto é, o que vem provocando essas mudanças.

Os estudos de Thales de Azevedo nos possibilitam perceber que esse modo de vivenciar a sexualidade em espaços públicos é algo recente, pois a maneira como os brasileiros se relacionavam eroticamente era permeado por regras e padrões de comportamento, controlados principalmente pelas famílias.

A escolha dos cônjuges para as filhas e até para os filhos era, sob o regime patriarcal e familista do Brasil colonial, um privilégio quase exclusivo do pater famílias; por isso que o casamento interessava à solidariedade e à integridade dos grandes grupos de parentesco em que se apoiavam a ordem social, a economia, a política e a própria realização pessoal dos indivíduos. (AZEVEDO, 2004, p. 81)

Azevedo traz em seus estudos dados de um período anterior à urbanização do Brasil, isto é, de contexto estritamente rurais, onde as práticas de namoro aí presentes são tidas por ele como tradicionais.

Nesse Brasil tradicional, que de certo ponto de vista se diria antiquado, o namoro costumava passar por duas ou três fases que precediam o noivado propriamente dito: a troca dos primeiros e furtivos sinais de interesse recíproco e da exploração das possibilidades de aproximação e de comunicação interpessoal direta e próxima, a da associação deliberada ou namoro em sentido exato e a do compromisso preliminar ao noivado formal. (...) O namoro pode ser considerado como manifestação inicial da tendência biológica à formação de pares heterossexuais por atração sexual, que se desenvolve no homem a partir de mudanças orgânicas da adolescência e da puberdade; a tomada de consciência das diferenças de físico e de personalidade entre as pessoas de um ou outro sexo ocasiona as primeiras tentativas de sedução e estimulação afetiva recíprocas. (AZEVEDO, 2004, p. 84)

Entretanto, o mesmo autor assinala que não podemos reduzir esses aspectos da sexualidade à caracteres apenas biológicos ou naturais, pois derivam também de elementos culturais, isto é, comportamentos socioculturais, no qual o namoro começa casualmente em um encontro, onde este consiste no primeiro momento para que os pares troquem olhares e gestos

faciais, todos exploratórios, com o máximo de cuidado para não ter uma resposta negativa do par, evitando que os gestos sejam mal interpretados. Dessa forma é o costume que molda os comportamentos eróticos dos indivíduos.

Portanto, antes de dar continuidade, é necessário discutir, mesmo que brevemente, o que tomo neste trabalho como sendo patriarcal, deixo para discutir neste momento, pois os estudos de Azevedo demonstra como a paquera, namoro e casamento foram durante muito tempo estruturados em um sistema marcada pelo patriarcalismo. Segundo Mariza Corrêa, “a expressão família patriarcal brasileira foi principalmente difundida por Gilberto Freyre” ( 1981, p. 1) e o termo é usado para mostrar como o homem, durante muito tempo, teve o poder de decisão última das relações de troca de parentesco, isso fica claro, quando Azevedo demonstra como a decisão sobre quem seria o namorado de suas filhas, era o pai e como o homem sempre teve liberdades eróticas e sexuais muito mais do que as mulheres.

Azevedo demonstra como esse modelo tradicional foi se transformando, no qual uma das causas que proporcionaram tais mudanças, refere-se à urbanização das cidades, ao surgimento dos transportes, principalmente, dos públicos, que possibilitavam aos rapazes e moças flertarem uns com os outros. A decisão de quem seria o namorado ou namorada, foi aos pouco se deslocando do poder dos pais, para as mãos dos próprios indivíduos. Onde a praça, a igreja, as ruas, as janelas eram os ambientes propícios para paquera, um pouco distante da vigilância familiar, e com o surgimento das fábricas, e com a inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho, o contato entre os diferentes sexos foi intensificado, possibilitando formas de cortejamento.

É claro que o que foi exposto até aqui, não dá conta de todos os aspectos teóricos dos estudos de Azevedo, mas aponta um tipo de literatura que terei que encarar para o desenvolvimento de meu trabalho. E revela toda uma dinâmica processual dessas relações.

Um outro autor, já exposto aqui anteriormente, com quem busco fazer um intenso diálogo é Wouters (2004). Claro que ele não estudou a realidade brasileira, mas seu trabalho “*Sex and Manners: female emancipation in the West 1890-2000*”, no qual descreve as transformações nas formas de conduta de homens e mulheres em quatro países, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra e Alemanha, partindo da análise e comparação de livros de etiquetas que circulavam no países do final do século XIX ao final do século XX, evidenciando as modificações nas etiquetas eróticas que envolve esses contextos sociais, principalmente no que diz respeito às formas de cortejamento que acompanharam o movimento de emancipação feminina.

O autor analisa, a partir dos livros de etiqueta, como determinados processos sociais, e inovações modificaram o comportamento feminino e masculino no que diz respeito ao cortejamento, isto é, à paquera. Mulheres que estavam destinadas a vivenciar o amor e controlar seus impulsos sexuais, começaram a ter a possibilidade de se tornarem também sujeitos sexuais. Claro que as mudanças não ocorreram de uma hora pra outra, e Wouters destaca os processos que possibilitaram tais mudanças, no qual os impulsos sexuais e emocionais tornaram-se permitidos aos indivíduos, havendo uma mudança de estrutura de personalidade de uma segunda natureza para uma de terceira, o que ocasionou também uma sexualização do amor e erotização do sexo.

Portanto, as análises de Wouters e Azevedo me ajudam a esclarecer alguns dos dilemas que estou enfrentando. Não quero transpor as análises para o contexto social em que minha investigação está inserida, mas me valer de determinados conceitos para compreender as mudanças ocorridas nas relações eróticas estabelecidas nos shows de forró em Viçosa-AL, no qual muita coisa ainda precisa ser delimitada teoricamente.

Portanto, este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado *Divertimento e erotismo em Viçosa nos anos de 1930-1940*, que objetivei apresentar um panorama de como as relações de paquera se estabeleciam neste período, e quais os principais espaços de divertimento frequentados por homens e mulheres, tendo como fonte de dados os jornais consultados. Neste capítulo faço uma discussão de que forma o conceito de boa sociedade, criado por Elias, nos ajuda a compreender as relações eróticas e amorosas de determinados grupos viçosense, pois neste período verificamos a existência de uma elite que estava criando os seus próprios espaços de divertimento, e regulamentando os critérios de inclusão e exclusão de seus frequentadores, que mostrou-se ter estreitas relações com as táticas sociais de regulamentação das trocas parentais, pois seus ambientes de sociabilidade extremamente fechados nos leva a considerar como um dos mecanismos que a boa sociedade utilizava para regular a sexualidade dos jovens, delimitando a idade e espaços a serem frequentados. Neste momento os rapazes e moças já possuíam uma maior liberdade para flertar e escolher seus parceiros, com níveis diferentes de intensidade, o que era preciso fazer com que a elite viçosense impedisse que os estratos sociais mais baixos fizessem parte de seu grupo social, comprometendo sua coesão.

O segundo capítulo, que se chama *As relações de paquera a partir da década de 50*, se refere a toda a segunda metade do século XX, e diferente do primeiro, tem como fonte de dados, as crônicas e entrevistas realizadas com pessoas mais velhas. Nesta seção, analisamos de que

forma novos espaços de divertimento começam a surgir e a integrar grupos sociais diferentes, diminuindo a distância social entre gerações diferentes de homens e mulheres. É neste momento em que começamos a perceber uma maior flexibilização, ou como Wouters denomina, informalização dos costumes. Pois os jovens começam a experimentar determinados prazeres e emoções longe da vigilância de seus pais, frequentando os cinemas, discotecas e bailes. Portanto, o capítulo tem como foco apontar a direção que as transformações das relações de paquera tomam ao longo dos anos, e como a lógica patriarcal começa a enfraquecer.

Por fim, o último capítulo e o mais contrastante com as relações estabelecidas no passado, se refere ao modo de paquerar atual, bem como o tipo de consumo musical ligado aos espaços de divertimento, o que nos leva a afirmar uma maior liberação sexual para que os jovens e adultos vivenciem determinados prazeres, pois é nesse período que o contato íntimo e físico se estabelece sem nenhum pudor, flexibilizando as fronteiras de contato entre as diferentes gerações. O capítulo teve como base as entrevistas e observações que fiz em shows de forró, bares e churrasquinhos, revelando os principais aspectos das dinâmicas eróticas que envolvem estes ambientes, evidenciando assim determinadas ampliações ligadas às linguagens dançantes e musicais, além de uma intensa redução das distâncias sociais e psíquicas entre gerações e estratos sociais diferentes.

## **2 DIVERTIMENTO E EROTISMO EM VIÇOSA NOS ANOS DE 1939-1940.**

Toda a pesquisa tem como foco principal uma análise processual das transformações das linguagens eróticas presentes nos espaços de divertimento em Viçosa-AL. Portanto, o meu objetivo é que, ao final da leitura, o leitor tenha um desenho de aspectos das transformações das relações eróticas entre homens e mulheres através de espaços de divertimento entre os viçosenses. Ademais, ao tentar captar algumas mudanças, também me preocupo em apontar algumas das direções dessas transformações, algo que tenho percebido como um processo de informalização dos costumes e conseqüentemente, dos afetos, ou seja, uma maior emancipação das emoções.

Dessa forma, este capítulo tem o objetivo de analisar o passado da cidade de Viçosa, particularmente o final da década de 30 e início da década de 40, a partir das relações de paquera e aproximações psíquico-sociais em bailes organizados pela elite viçosense. Mas de que forma isso foi possível? Qual a fonte de dados capaz de revelar esse passado? Neste momento não recorro a história oral, mas sim a edições de um jornal que circulava em Viçosa naquela época, intitulado “A folha de Viçosa”, cujo material me ajudou a compreender algumas das diferenças e transformações pelas quais as relações eróticas passaram. Ficará perceptível que as informações reportadas pelos jornais trazem à tona um passado marcado por uma vida festiva bastante intensa, como os bailes e festas religiosas, além de noivados tradicionais, que assim como nos lembra Azevedo (2004), seguia regras e fases muito específicas que revelavam toda a dinâmica das relações familiares em si e com outras famílias.

Antes de construir o processo propriamente dito, bem como as direções tomadas pelo mesmo. Quero abrir um espaço para discutir conceitualmente aquilo que venho chamando como relações patriarcais, relações eróticas e boa sociedade viçosense. A base analítica do presente capítulo é analisar de que forma o erotismo, patriarcalismo e o divertimento se entrecruzam no contexto viçosense, buscando compreender as transformações das linguagens eróticas dos indivíduos envolvidos. Os bailes e, em certa medida, as festas religiosas tornam-se o cenário principal para analisar a regulamentação da vida erótica em um contexto marcado por relações patriarcais, nas quais homens e mulheres são submetidos a uma série de padrões comportamentais, como cavalheirismo, elegância, zelo pela própria reputação e da família, bem como trocas de parentesco com os membros de seu grupo social.

Como disse acima, estamos falando de uma vida erótica e social de uma determinada classe, na qual o conceito de “boa sociedade” nos possibilita pensar de que forma a elite

viçosense regula as emoções de seus integrantes, bem como as relações que estabelecem entre si e com outros grupos sociais.

A partir desse momento, abro um espaço para discutir o que venho denominando como erotismo e patriarcalismo e boa sociedade, conceitos que aparecerão de forma constante no decorrer do capítulo, e em todo o trabalho.

Podemos encontrar na literatura existente, principalmente na psicanálise, uma ampla e diversificada discussão sobre o erotismo, que vai desde a sua definição, até a forma como este se manifesta na vida dos indivíduos. Entretanto, neste momento nos apropriamos da definição de George Bataille (1987) e Freud para exemplificar o que denomino como linguagem erótica, olhando para o erotismo não apenas como algo biológico.

Segundo Bataille (1987, p. 10), a atividade sexual faz parte da vida de quase todos os animais, entretanto, “só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica”, e isso se dá pelo fato de que uma das singularidades dos seres humanos é que eles possuem uma vida interior, sendo capazes de se perceberem como seres descontínuos no mundo. Dito de outra maneira, o que Bataille (1987) indica é que nós possuímos a capacidade de não nos reconhecer como parte do outro, pois este existe para além da nossa existência. Sendo assim, estamos propensos a buscar superar essa descontinuidade, criando uma continuidade na medida em que nos relacionamos uns com os outros. Portanto, o erotismo é uma das características dessa vida interior do homem, no qual busca em objetos exteriores satisfazer um sentimento de continuidade, existindo assim o erotismo dos corpos, marcado pela atividade sexual; o erotismo dos corações, referente às paixões; e o erotismo sagrado, caracterizado pela relação prazerosa com o místico.

O pensamento de Bataille (1987) se identifica com a teoria de Freud na medida em que já afirmava que o sujeito é um ser incompleto, e por isso dependente do outro, intensamente dotado de pulsões, isto é, marcado pelo desejo de várias coisas, inclusive pelo desejo do outro para tentar amenizar essa incompletude. Sendo assim, a teoria da sexualidade de Freud também é marcada pelo desejo, ou seja, pelo erótico.

Não pretendo, neste momento, dissertar sobre as diferenças dos tipos de erotismo defendido por Bataille (1987), nem me deter sobre a teoria Freudiana, mas apenas indicar que a sexualidade faz parte de toda a vida humana e está ligada a uma busca por satisfazer seus desejos, alguns de cunho estritamente sexual. Além disso, o homem é dependente de outros através de símbolos e suas relações de busca por gratificação, inclusive as amoroso-sexuais, sendo reguladas de maneiras diversas em diferentes momentos de diferentes sociedades

Se como foi apresentado, o ser humano é dotado de descontinuidades, ou incompletudes, e está buscando satisfazer um sentimento de continuidade à medida que deseja o outro, quando falo de erotismo, ou melhor, de linguagem erótica, estou falando das maneiras, ou ações dos indivíduos para conquistar, experimentar e jogar com o objeto desejado. Neste momento, estou falando da relação entre homens e mulheres estabelecidas por meio do cortejo, das formas de paquerar e de se aproximar afetivamente de seus pares, ou seja, no período analisado neste capítulo, o erótico é menos sexualizado, e está presente até na troca de olhares, no tirar para dançar e na performance dos indivíduos no momento em estão relacionando-se uns com os outros.

As relações de namoro, paquera e casamento começaram a aparecer na literatura brasileira em estudos como os de Antônio Cândido e Thales de Azevedo (2001). Eles mostraram como estes elementos da vida social estavam arraigados em um sistema de relações patriarcais que foi se modificando com a urbanização e industrialização do país. Para compreender esta afirmativa, Thales de Azevedo (2001) apresenta a partir de exemplos muito precisos como o namoro, a paquera, o noivado e casamento aconteciam nesse contexto patriarcal e como foram se desvinculando do controle total dos pais, como uma transformação voltada para uma flexibilização dos controles eróticos foram se estabelecendo aos poucos.

É importante salientar que o conceito de família patriarcal estava muito presente nesses estudos, e que segundo Mariza Corrêa (1981, p. 7), foi usado pela primeira vez por Gilberto Freyre para analisar as características familiares do Brasil Colonial.

Portanto, antes de voltar para os estudos de Thales de Azevedo, quero abrir um espaço para discutir algumas questões sobre o conceito de família patriarcal, que segundo Corrêa (1981) foi utilizado durante muito tempo para pensar as relações familiares no Brasil. Entretanto, assim como Schneider (1984) aponta em sua obra *A critique of the Study of Kinship*, os pesquisadores que analisavam as relações de parentesco quase sempre acabavam estendendo os seus próprios modelos culturais e sociais à todos os outros estudados. Os estudiosos sobre as relações familiares no Brasil colonial não ficam de fora dessa crítica. De acordo com Corrêa, tal conceito não pode ser estendido à toda a sociedade brasileira, mas somente à um grupo social específico que era o dominante, o que ela quer não é negar a existência de uma família patriarcal, mas enfatizar a vivência de tipos de famílias patriarcais diferentes, o que tinha que ser levado em consideração os diferentes contextos e classes sociais.

A sociedade colonial nestes 300 anos esteve composta de duas partes: uma familiar (a família patriarcal) e outra não familiar, que reunia maioria da população, a massa

anônima dos socialmente degradados. (...) A família patriarcal pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante: apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira. (CORRÊA, 1981, p. 7-10)

O que Corrêa (1981) problematiza é a possibilidade de pensar não somente a partir de um único modelo, o dos senhores da casa-grande, mas também para as relações familiares dos outros grupos sociais que não necessariamente condiz com o seu. Basta observar os estudos de Sarti (1994) e Fonseca (2004) sobre as relações de parentesco de classes populares no Brasil, para perceber que essa pluralidade de relações parentais no Brasil ainda coexiste umas com as outras.

Então qual a necessidade de retornar ao conceito de patriarcal para entender as relações de paquera? A resposta se dá pelo fato de que as relações patriarcais, e uso aqui o patriarcal, como o sistema em que a decisão última sobre as relações de parentesco ficava nas mãos dos pais e das mães, e existia uma série de padrões que definiam um ideal de feminilidade como sendo recatada, a que controla suas emoções e desejos e etc., revelando um tipo de sistema em que o homem também possuía mais poder do que as mulheres. Olhando o patriarcalismo dessa perspectiva, é possível compreender as etiquetas eróticas acionadas pelos indivíduos que possuem o patriarcalismo interiorizado em suas personalidades e práticas.

Dessa perspectiva podemos analisar de que maneira o erotismo se vincula com o patriarcalismo, pois como afirmei anteriormente, as práticas eróticas não ficam aquém das regulamentações sociais, e olhando para o contexto viçosense nos anos de 30 e 40, podemos perceber como tais práticas foram moldadas por este aspecto da vida social da época, no qual ficava a cargo dos pais regulamentar a aproximação de seus filhos, principalmente filhas, com seus possíveis cônjuges, visando a integração de diferentes famílias pertencentes, preferencialmente, ao mesmo seguimento social. O que para isso criou espaços de divertimento, como por exemplos, os clubes, para que o cortejamento entre os jovens fosse possível, respeitando uma série de regulamentações ou até mesmo, o perfil de frequentadores desse espaço. O trecho a seguir mostra a importância da criação dos clubes em Viçosa.

O Clube dos diários tem sido objeto de respeitosa admiração por parte de ilustres visitantes. Todavia, nunca lhes foi causa de surpresa, porque sempre se lhes tem esclarecido que ele se pauta pelos mesmos princípios de austeridade e disciplina que distinguem as mais tradicionais famílias Viçosenses, as quais, todas, nele colaboram em uma bela reafirmação de amor a terra comum (Folha de Viçosa, 1939)

O Clube dos diários, do qual falaremos mais adiante, constitui um dos marcadores do divertimento das famílias viçosenses, mas antecipo essa notícia porque ela nos ajuda a perceber o papel que a família ocupa nas relações de divertimento, e conseqüentemente eróticas, possuindo princípios de “austeridade” e “disciplina” que servem como elementos de distinção desse grupo social. O que quero enfatizar é que em um contexto de relações patriarcais o centro gravitacional da festa, do divertimento, era a família, existindo um controle bastante rígido de quem podia se aproximar delas, bem como dos padrões de controle que estabeleciam. Analisando os jornais, percebi a existência de uma boa sociedade viçosense que, como mostra o trecho acima, defende a tradição como ideal de grupo, estabelecendo a fronteira entre os de dentro e os de fora da boa sociedade e, ao mesmo tempo, servindo de referência para os outros grupos sociais medirem a sua inferioridade.

Como falei anteriormente, utilizo o conceito de “boa sociedade” para entender as relações entre a elite viçosense, bem como com os outros grupos sociais. Neste momento me refiro ao conceito desenvolvido por Elias, inicialmente, em “Sociedade de corte” e posteriormente em “Os estabelecidos e os Outsiders” e que diz respeito à existência de um grupo, mais precisamente, de uma elite que possui uma determinada identidade social formada, além de exercer mais poder e influência frente aos demais grupos sociais. Esta boa sociedade é caracterizada por um conjunto de ideais de superioridade de suas maneiras e imagens de grupo através dos quais se sentem distintos dos outros grupos sociais em seu entorno, grupos aliás dos quais dependem socialmente. Assim, vivem a vida gozando de um sentimento de “superioridade” e prestígio em relação aos demais. Suas ações são reguladas por determinados padrões que servem como elementos de distinção. Sendo assim, a boa sociedade expressa uma identidade grupal bastante forte e coesa e também uma tendência de transposição de determinadas regras por aqueles que se sentem incluídos dentro do repertório de idealizações da imagem de grupo superior para aqueles que anseiam fazer parte da mesma. Dito de outra forma, a ideia de boa sociedade se refere a um grupo de estabelecidos, que possuem o poder econômico e simbólico em suas mãos, possuidores do que dentro do grupo é visto como signos incontestáveis de condição superior que não pode ser conspurcada como o exercício de boas maneiras e do bom gosto. Portanto, a análise que se segue diz respeito à uma boa sociedade viçosense, formada por famílias que constituíam o polo gravitacional do poder econômico, político cultural, incluindo o intelectual em Viçosa. Ela foi responsável pela criação de espaços de divertimento que revelam um conjunto de boas maneiras e seletividade deste grupo. As edições da “Folha de Viçosa” noticiavam aspectos de sua vida social, cultural e econômica e

estavam estreitamente vinculadas à dinâmica social que reproduzia a “boa sociedade” local, ou seja, as pressões sociais para as dinâmicas de idealização do grupo fossem aceitas pelos demais.

Para Wouters, a boa sociedade possui uma função modeladora porque serve como um ideal para todos aqueles que anseiam fazer parte dela, já que se tornar amigos ou manter relações com o grupo que a compõe se relaciona com o fato de seguir determinadas etiquetas sociais e adquirir a aura social idealizada. A função representacional está ligada ao fato de que as boas maneiras de um grupo social dominante refletem a balança de poder entre o grupo estabelecido e os outsiders, pois na medida em que os grupos sociais tornam-se emancipadas e começam a se integrar na boa sociedade, os códigos sociais da mesma começam a os representar, refreando os sentimentos e comportamentos dos mesmos. Por fim, as boas sociedades regulam a mobilidade social porque serve como um sistema de inclusão e exclusão dos indivíduos que querem fazer dela, garantindo que os novos integrantes interiorizem seu regime de boas maneiras e autorregulação.

A boa sociedade viçosense não escapa a essas funções sociais pertencentes ao grupo de estabelecidos, e aos poucos foi criando espaços onde a sociabilidade entre os seus integrantes fosse mais intensificada, criando uma funcionalidade diferente daqueles referentes às festas religiosas e manifestações populares. Os espaços criados por essa boa sociedade referem-se à clubes, principalmente, o Clube dos Diários, que promoviam bailes e festas que aos poucos transformava a maneira como as pessoas se relacionavam eroticamente e sexualmente, isto é, tais mudanças apontam em direção a uma maior liberdade para os jovens, especialmente as mulheres, pois homens e mulheres não podiam escolher seus parceiros, embora os homens pudessem ter mais livremente relações sexuais. Portanto, é importante ressaltar que o aparecimento dos clubes se refere a uma mudança estrutural da boa sociedade em relação às festas religiosas e populares.

Em uma notícia sobre uma festa intitulada “Micareme”, promovida pelo clube em 1940, e que constitui uma festa de carnaval fora de época, um dos editores do jornal fala que “cada vez mais, a sociedade viçosense vai galgando a superioridade dos povos cultos. (...) O empreendimento feliz que deu lugar ao Clube dos Diários foi a força impulsionadora para a colocação do povo de classe num lugar de classe” (Folha de Viçosa, 1940). Isso significa que a boa sociedade viçosense estava tentando criar espaços de divertimento que revelassem seu arsenal de etiquetas e boas maneiras que os diferenciava dos outros, permitindo que o grupo fosse mais coeso.

Falar da integração do grupo não é deixar de lado todos os aspectos amorosos que fazem com que membros de diferentes famílias pertencentes a esse seguimento, mobilizem para se unirem uns aos outros, antes o contrário, parece ocupar uma função central em suas dinâmicas de coesão e buscas por poder. Esses espaços de divertimento propiciavam que o cortejamento e casamento acontecesse entre os próprios membros de tal grupo, pois as relações entre diferentes famílias era um aspecto importante da sociedade patriarcal, e da sociedade viçosense.

É importante enfatizar que não me proponho, neste momento, a fazer uma história do divertimento, pois o intuito não é simplesmente apresentar uma série de acontecimentos isolados, realizados por homens singulares e igualmente apartados (ELIAS, 2001), mas sim analisar de que maneira o cortejo e o divertimento se entrecruzam com as transformações das relações de aproximações eróticas, amorosas e sexuais, em Viçosa. Em resumo, a análise que aqui se apresenta difere de uma análise histórica na medida em que, como Elias enfatiza, está preocupada em investigar a maneira como os indivíduos estabelecem relações recíprocas entre si, evidenciando as posições sociais que ocupam e as figurações das quais fazem parte, e dando ênfase na tentativa de captar direções atreladas às transformações que ocorreram em tais figurações e, por conseguinte, apreendendo transformações no plano das ações individuais.

Portanto, analisar o divertimento viçosense e sua regulação erótica no passado contribui para entender o processo de transformação ocorrido neste âmbito da vida social e afetiva dos viçosenses. Dito de outra forma, analisar o passado, a maneira como as pessoas se divertiam, isto é, se relacionavam emocionalmente e afetivamente nos proporciona ter uma compreensão mais detalhada do modo como tais relações se apresentam na atualidade.

Estamos falando de uma análise processual, na qual a ideia de processo defendida por Elias (2006, p. 27) está relacionada “às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não aquém de três gerações – de figurações formadas por seres humanos, ou de seus aspectos (...)” Dessa forma, os processos sociais apresentam rupturas ou continuidades em relação ao processo anterior, marcado por conflitos e uma balança de poder entre os grupos relacionados em tal processo de desenvolvimento.

Não é possível imaginar nenhuma formação social, nenhuma conexão humana, seja grande ou pequena, pertencentes a tempos remotos ou ao presente, cujo estudo objetivo e rigoroso, comparado ao de qualquer outro, possa contribuir em maior ou menor grau para ampliar e aprofundar nosso conhecimento do modo como os indivíduos se relacionam mutuamente, em todas as situações, no pensamento como no sentimento, no ódio como no amor, na atividade como na inatividade. A variabilidade dessas conexões humanas é tão grande e diversificada que, pelo menos em termos das dimensões restritas e das lacunas do nosso saber atual, não se pode imaginar nenhuma investigação objetiva de uma figuração humana ainda não

pesquisada, e de seu desenvolvimento, que não traga nada de novo para a compreensão do universo humano, para a compreensão que temos de nós mesmos. (ELIAS, 2006, p. 34)

Trago esta ideia de Elias, para enfatizar que este capítulo é o ponto de partida para entender as transformações ocorridas nos tipos de divertimento viçosense e das maneiras como as pessoas se relacionam eroticamente. Sendo assim, começamos a analisar os principais aspectos das figurações estabelecidas em um cenário marcado por relações patriarcais e familistas, no qual as aproximações eróticas e trocas de parentesco eram regulamentadas por uma série de padrões que faziam com que a coesão entre a elite viçosense fosse mantida, e que os ideais de nobreza e elegância estivessem presentes nos comportamentos dos diferentes indivíduos ao se relacionarem afetivamente.

Como já enfatizei, estamos falando de uma análise sócio-histórica, na medida em que se faz necessário recorrer a um modelo de sucessão – no qual ter uma visão do passado e relacioná-lo com uma visão do presente mostra-se importante para compreender o processo de mudança – porém este retorno não possui o objetivo de apenas demonstrar como era estabelecido o cortejamento, mas analisar as figurações nas quais se estabeleciam tais relações e como as emoções, o erótico, era vivenciado por tais indivíduos, isto é, o objetivo é analisar os processos sociais e psíquicos que envolviam os indivíduos, para entender a estrutura de seus comportamentos atualmente, pois “pode-se demonstrar sem dificuldade que tal mudança nas estruturas de personalidade é um aspecto específico do desenvolvimento de estruturas sociais.” (ELIAS, 2001, p.220)

Antes de iniciar a análise do material, quero, finalmente, enfatizar que esta seção tem como base analítica a tríade: erotismo, divertimento e patriarcalismo, ou seja, estaremos pensando na importância do divertimento para pensar a regulação emocional e erótica que envolvia os indivíduos em uma sociedade patriarcal.

É importante abrir um pequeno parêntese para explicar ao leitor como consegui ter acesso aos jornais, isto é, qual o caminho percorrido para ter acesso a riqueza de material que será analisado aqui, e nas seções seguintes começaremos a nos enveredar pelo universo viçosense revelado pelos jornais, e as análises sociológicas que desenvolvo a respeito do mesmo.

## **2.1 A folha de viçosa – o caminho trilhado para ter acesso aos jornais.**

A consulta aos jornais nem sempre esteve presente no arsenal de técnicas de pesquisa que pretendia usar, entretanto, com o desenrolar da investigação, com a necessidade de

delimitar o objeto e redefinir o problema de pesquisa, mostrou-se necessário repensar quais recursos me possibilitariam conhecer e analisar o passado viçosense em relação ao divertimento e ao erotismo para além das memórias das pessoas obtidas através das entrevistas, através das quais pretendo construir uma história oral. Dessa forma, um meio de conseguir captar um pouco mais desse passado, e com mais precisão, foi consultar os jornais. Entretanto, uma série de dificuldades começaram a aparecer. Viçosa possuía jornais circulando pela cidade nas décadas anteriores? Se sim, onde encontrar os jornais, já que a cidade não possui um instituto histórico, nem uma biblioteca que disponha de tais arquivos? Inicialmente, fiquei desanimada e estava prestes a descartar a possibilidade, quando lembrei de perguntar a uma amiga jornalista se conhecia alguém que tivesse esses arquivos disponíveis.

Ao entrar em contato com ela, disse-me que o ex-prefeito da cidade possuía uma coleção de jornais antigos, pois havia sido colaborador do jornal há muito tempo, mas que seria difícil ele me conceder o acesso. Mesmo assim, entrei em contato com o mesmo e após negociações e viagens perdidas consegui acesso aos jornais em uma manhã de quarta-feira.

Neste dia fui até sua casa às 09:00, pois já tínhamos marcado na semana anterior, e fiquei esperando por ele na sala de visitas enquanto conversava com sua empregada doméstica. Após uns 15 minutos ele sai com uma pasta preta e me pede para segui-lo até a outra casa, uma espécie de museu onde guarda vários objetos que coleciona referentes às manifestações das culturas populares de Viçosa. Fomos caminhando, ele me pediu para ser rápida porque ainda tinha outro compromisso naquela manhã. Respondi que não tinha problema, se ele quisesse fotografaria uma parte dos jornais e depois voltava para fotografar o restante, pois assim não causaria nenhum incômodo. Ele disse-me que não, preferia que eu terminasse naquele mesmo dia. Quando chegamos à casa, ele me levou para um dos quartos, abriu a pasta que levava com ele e mandou eu ir fotografando. Na pasta continha apenas recortes de reportagens específicas de jornais da década de 80 e 90, muitas delas escritas por ele. Antes que eu começasse a tirar as fotos, ele vai até o outro quarto e traz uma pasta enorme, com edições do jornal “A folha de Viçosa”, referentes à 1939 e 1940 e diz que tem muito cuidado com aqueles porque não estão em bom estado de conservação. Então fico animada com os jornais, começo a explicar o porquê de ser tão importante consultá-los, e no que estou interessada. Ele pede para que eu comece a tirar as fotos logo para ir adiantando. Dessa forma, ele mesmo vai passando folha por folha porque diz que é melhor, já que o papel está frágil e já perdeu muita coisa ao emprestar materiais ou deixar as pessoas consultando sozinhas. De início ele vai me mostrando as matérias mais interessantes segundo sua percepção, e vou tirando as fotos, mas dizendo que estou interessada nos aspectos relacionados ao divertimento, às festas, noivados, dentre outros. Então a cada página passada por ele de maneira apressada, ia intervindo de maneira rápida para tirar foto de colunas, matérias e anúncios essenciais ao meu trabalho. Depois de fotografar os jornais, tiro foto das matérias da pasta que ele trouxe consigo. Ele me mostra todo o seu acervo, me explica conseguiu colecionar alguns, e depois de um tempinho conversando, agradeço e despeço-me, ele com um sorriso no rosto, diz que não foi nada e que qualquer coisa eu sabia onde encontra-lo. (Registro de diário de campo)

Você deve estar se perguntando qual a necessidade de descrever uma parte do percurso e dificuldades para conseguir consultar os jornais, no entanto, acredito que apresentar esses dilemas ajudam, não a justificar, mas a fazer com que o leitor compreenda um pouco das limitações que a análise dos periódicos indicará. Mesmo sem conseguir fotografar todos os jornais da maneira que queria como, por exemplo, as edições completas, foi possível coletar uma série de informações sobre o passado erótico viçosense e que são caras ao trabalho em desenvolvimento.

Comecei a conhecer, de fato, as informações que tinha coletado quando cheguei em casa e pude analisar as fotografias. Então uma série de angústias e dúvidas enquanto pesquisadora começaram a surgir, embora estivesse empolgada com o tipo de notícia que tinha nas mãos, a preocupação era se realmente seria possível traçar um passado da linguagem erótica daquela época somente com as fotografias que tinha conseguido coletar, já que constituíam recortes de notícias de festas e noivados, que algumas vezes me pareciam soltas por não ter conseguido analisar as edições dos jornais de maneira completa.

No entanto, uma das coisas que aprendi enquanto pesquisadora, desde a minha graduação em Ciências Sociais, é que não posso desperdiçar o meu material encontrado em campo, eles sempre podem ajudar a resolver alguma dimensão de meu problema de pesquisa, isso vai desde os “nãos” recebidos até toda a performance e as coisas não ditas pelos meus interlocutores no momento da entrevistas ou quando estão sendo observados no desempenho das atividades pertinentes à investigação. Dessa forma, assumi a postura de trabalhar com o que tinha em mãos, e tentar desenhar e analisar minuciosamente todo o material. Por meio dos jornais, foi possível observar a existência de uma boa sociedade viçosense, que estava tentando definir ou redefinir seu conjunto de hábitos e costumes ligados ao divertimento, o que nos abre espaço para pensar a regulamentação erótica daquele grupo.

O que nos leva a perguntar, qual a necessidade de publicar, semanalmente, nos jornais os bailes promovidos pelos clubes, seus estatutos, bem como os anúncios de casamento? Sobre quem e para quem o jornal se direcionava? Até mesmo, qual o perfil do senhor que fez questão de guarda-los em seu acervo? De maneira muito objetiva, o jornal era extremamente voltado para essa elite viçosense, falava sobre ela e para ela, com o intuito de informar os principais aspectos de sua rotina e divertimento. O próprio colecionador dos jornais, Manoel dos Passos Vilela, conhecido como Vô, embora não tenha conhecido de perto as dinâmicas daquela época, é ex-prefeito, filho de um pensador viçosense e descendente desta figuração social que, nesse

trabalho, estou compreendo como a boa sociedade viçosense, para quem é importante guardar a memória da mesma, e de toda a vida cultural que marcou a cidade.

Na década de 30 e 40, a imprensa como veículo de comunicação não era um mecanismo recente em Viçosa, pois como é apresentado no álbum do centenário da cidade por Cônego Cícero Vasconcelos (2008), embora a produção jornalística não fosse numerosa comparada com outras cidades brasileiras naquela época, não se podia afirmar que era insignificante. O primeiro jornal registrado em Viçosa se chamava a “Mocidade”, publicado em 1873, no qual o seu editor sem ter tipografia fez com que sua primeira edição publicada fosse manuscrita. Depois da “Mocidade” surgiram cerca de 29 jornais que não possuíam longa existência e “versaram os mais variados problemas filosóficos, religiosos, econômicos e sociais. (VASCONCELOS, 2008, p. 164)

Elevadas ou degradantes, construtoras ou dispersivas das energias pátrias e demolidoras da obra de civilização que vae sendo a conquista lenta, mas incontestável da nossa raça, todas as idéas que se chocam na vasta imprensa nacional, vieram refletir-se nos jornaes de Viçosa às vezes apenas embrionárias ou veladas, defendidas com ardor e brilho. (VASCONCELOS, 2008, p. 163)

A reflexão que Vasconcelos (2008) traz a respeito da imprensa viçosense nos leva a pensar sobre a importância dos jornais para uma sociedade do interior alagoano como Viçosa, a qual está passando por transformações dos costumes, mudanças estas ocorridas principalmente nos hábitos de uma determinada elite que constitui uma boa sociedade viçosense.

Os jornais no século XX, principalmente no final da década de 30 para 40 tem um papel importante para a consolidação de determinados ideais grupais de civilização que circulam no país, bem como de um consumo de hábitos culturais europeizados ou americanizados, dialogando de maneira direta com a a modelação e a coesão da boa sociedade, o qual se torna um veículo de comunicação voltado para este grupo, dando ênfase em todo um arsenal de etiquetas que delimita muito bem os indivíduos pertencentes a tal seguimento, bem como toda a regulamentação social dirigida a todos aqueles que desejavam fazer parte dessa boa sociedade.

O jornal analisado neste trabalho, “A folha de Viçosa”, se dirige a este perfil de pessoas, ou seja, à boa sociedade e aos aspirantes que desejam ingressar na mesma. O periódico apresenta em suas colunas sociais os aniversariantes, recém-casados, os regulamentos dos clubes e bailes, além de artigos que revelam todo o ideal de nobreza e civilidade compartilhado por este grupo social, delimitando os pertencentes das mesmas, bem como suas práticas sociais, econômicas e culturais, além de ser uma fonte de informação sobre os hábitos culturais que

estão sendo introduzidos no Brasil e que devem ser seguidos a fim de manter ou assegurar um determinado grau de civilização que se expressa em um conjunto de boas maneiras de uma elite brasileira.

Portanto, “A folha de Viçosa” é um mecanismo importante que ajuda a assegurar toda a coesão, ou integralização da boa sociedade, reafirmando todos os seus ideais de grupo, e as fronteiras estabelecidas com os grupos populares, pois conceber a existência de uma boa sociedade nos leva a afirmar a existência de grupos populares que não fazem parte da mesma, no qual existe uma tendência da classe alta em se diferenciar cada vez desses outros grupos.

## **2.2 Divertimento popular X Boa sociedade**

Esta seção tem como objetivo analisar, de forma propriamente dita, os espaços de divertimento frequentados pela elite viçosense e de que forma a regulamentação do erótico se apresentava, dando ênfase nos clubes e bailes promovidos por seus membros. Entretanto, não podemos nos abster de evidenciar alguns aspectos culturais viçosenses que foram importantes na criação de uma identidade cultural entre sua população. Embora estejamos dando ênfase a uma boa sociedade específica, o divertimento não fazia parte apenas desse grupo social. Dessa forma, nos perguntamos onde estavam as classes populares? De que modo se divertiam no passado e como ela se relacionava com a elite? As respostas a estas perguntas podem ser encontradas nos escritos de alguns folcloristas viçosenses que desempenharam um importante papel no registro das culturas populares alagoanas.

Viçosa possui uma história econômica e social marcada pelos engenhos de cana-de-açúcar, possuindo intensas raízes agrárias, o que proporcionou o surgimento de vários grupos de culturas populares (SOUZA, 2014), como o reisado, guerreiro, pastoril e bandas de pífano. Segundo Manoel Diégues Júnior (2002), existe uma relação muito estreita entre tais folguedos e os engenhos, “aqui folclore e engenho se unem, ligam-se e oferecem oportunidades a uma abundância de observações; porque é rico o material folclórico de que se encontram (...) (DIÈGUES JÚNIOR, 2002, p.209) Para o autor, os engenhos também forneceram à Alagoas seus principais intelectuais, pois os pais proporcionavam isso aos seus filhos ao enviarem os mesmos para cursos superiores.

Em Viçosa, foi por meio de tais intelectuais que uma identidade cultural, própria do município, foi criada. Viçosa já possuiu vários títulos – primeiramente foi denominada “Atenas de Alagoas”, em referência a quantidade de intelectuais provenientes da cidade, e posteriormente de “berço da cultura alagoana”, devido às vastas manifestações das culturas populares presentes do município. Entretanto, essa visão, além de ter espelhado o real, foi, principalmente, uma construção desses estudiosos

pertencentes à “escola de Viçosa”, como Théo Brandão, José Maria de Melo, José Aloísio Vilela, José Pimentel Amorim, dentre outros. (SOUZA, 2014, p. 19)

Embora não tenha o objetivo de me deter de maneira mais detalhada em tal aspecto, o que quero mostrar com essa reflexão é que durante um determinado tempo as classes populares se divertiam através do que para os grupos intelectuais eram compreendidas como manifestações folclóricas que produziam, e também animavam as festas da elite, bem como as festas religiosas populares. Viçosa possui uma significativa linhagem de folcloristas que se dedicou a registrar aspectos dessa vida cultural voltada para os folguedos, intelectuais estes que viveram suas infâncias e parte da juventude nos engenhos de seus pais ou avôs, e que trazem à tona um divertimento popular que tinha lugar nas festividades públicas e daquelas promovidas pela boa sociedade viçosense.

O álbum do centenário de Viçosa, que teve sua primeira edição publicada em 1931, e que reunia diferentes textos de intelectuais viçosenses sobre os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais do município, apresenta os folguedos, como por exemplo, o guerreiro, reisado e pastoril, como sendo os “costumes e tradições da nossa gente do campo, dessa gente semi-barbára que perpetua a vida colonial dos engenhos e das fazendas.” (p. 151) Dessa forma percebemos uma vida rural bastante forte, no qual um patriarcalismo rural que girava em torno das casas grandes era presente, sendo o senhor de engenho a figura que exercia mais poder neste tipo de relação, regulamentando as trocas parentais entre os seus, mas não conseguindo regulamentar as trocas parentais entre os grupos populares, que de certa forma seguiam padrões diferentes dos impostos pela elite, como por exemplo, não estar preocupado em manter um grupo social familista coeso.

Segundo Théo Brandão em sua obra “O Reisado Alagoano”, mostra como os ensaios do reisado são um ponto social importante não somente no interior do estado, isto é, nos engenhos, mas também nos subúrbios de Maceió, capital alagoana, onde nos intervalos “as conversas, os namoros, os diz-que-dizque, os encontros, etc.; se processam entre cafuzos, mulatos, ‘poor-white’, pretos e caboclos e até mesmo indivíduos das classes mais elevadas que se aproveitam de tais reuniões como ambiente mais livre para suas conquistas”. (BRANDÃO, 2007, p. 23)

Os ensaios do folguedo é apenas uma etapa preparatória para os ciclos de festividades ocorrida durante o período natalino, no qual os grupos folclóricos saíam com o intuito de se apresentar em diferentes casas ou engenhos que os aceitassem para dançar. Brandão afirma que houve uma diminuição da aceitação dos mesmos em determinadas localidades e os folguedos

tiveram que encontrar outras maneiras de fazer com que as apresentações acontecessem, como mostra o trecho a seguir.

(...) E quando em vilas ou cidades não encontravam casa para que os aceite para dançar (o que é muito comum hoje que antigamente, quando a aristocracia rural dos banguês e a classe média das cidades do interior a ela ligada ainda não possuíam, nem rádios, nem vitrolas, nem cinemas e era grande apreciadora das folganças populares) realizam os folguedos nos mercados públicos, cobrando como entrada pequena contribuição. Ou então, se algum chefe político ou pessoa influente da localidade patrocina a exibição, ela se realiza em armazéns, pátios cimentados, galpões e não mais nas salas de visita ou de jantar como acontecia nos tempos antigos. O mesmo acontece hoje nos engenhos. Raríssimos são os senhores de engenho que ainda cedem a Casa-Grande para a realização do folguedo, como era praxe há mais de 30 ou mais anos atrás. Ou colocam-nos a dançar nos picadeiros do engenho (de fogo morto, na maioria) e nos cimentados de secar açúcar, ou reservam-lhes para a “função” o salão da escola ou galpões de palha adrede construídos tal como se usa nos bairros de Maceió. (BRANDÃO, 2007, p. 24)

Trago essa discussão, pois já nos permite observar um deslocamento do divertimento viçosense de um tipo popular, que animava também as festas da elite, bem como as festas religiosas - pois embora sua presença fosse marcante no contexto rural, os mesmos se faziam presentes nas festas religiosas natalinas, se apresentando em frente à matriz da igreja - para um tipo de divertimento mais urbano, marcado pela cultura dos bailes, revelando um desejo das elites de se distinguirem enquanto grupo social, possuidor de aspectos culturais específicos, que os faziam se aproximar de outras elites brasileiras.

Em Viçosa os indivíduos frequentavam, além dos ensaios dos folguedos, rodas de pagode e samba para se divertir, pois de acordo com Aloísio Brandão (2008), “no romantismo das noites de luar, sai a procura de pagodes, de sambas, e de salas de dança, a bambolear o corpo ao gemer magoado das sanfonas, a dançar baianos na dolência das violas, a cantar tuadas ao rufar do pandeiro, ou a cantar côcos ao som retindo dos ganzás”. (BRANDÃO, 2008, p. 152)

Esses aspectos da vida cultural popular nos revela também como se dava as relações eróticas entre os diferentes indivíduos, pois como demonstra Théó Brandão, os ensaios, que reunia gente das mais diversas classes sociais, proporcionavam as trocas eróticas e o estabelecimento de namoros, e no que diz respeito, às classes mais altas, essas trocas se davam de maneira “mais livre”, o que revela um tentativa de fugir a toda uma regulamentação social e familiar da sexualidade e, por conseguinte, do erótico, que também é revelado por meio das canções e poesias populares.

Não zombes tanto de mim  
Que até as pedras tem pena  
De me ver sofrendo assim (...)

Como a lua está tão linda,  
Como a lua está tão bella!  
Só parece a minha amada,  
Debruçada na janela (...)

As moças lá da Viçosa,  
Quando sai a passear,  
São uns anjinhos do céu,  
Deus queira me perdoar.

As moças lá da Viçosa,  
Não andam mais de rosário,  
Só anda de lenço verde,  
Pra fazer dicionário.

Ninguém faça pontaria,  
Onde chumbo não alcança,  
Ninguém bote o seu sentido  
Onde não tem esperança

A poesia acima nos leva a refletir sobre uma forma de cortejo específica, ao mesmo tempo que já aponta para uma transformação das relações de paquera, ao afirmar que embora o feminino esteja associado à pureza angelical, existe uma mudança no comportamento das mulheres, que passa a estar cada vez mais atento a sedução, por meio não do contato íntimo, mas das trocas de olhares e do se deixar ser cortejada, pois já não levam o rosário nas mãos, mas um lenço verde que chama a atenção dos rapazes. Além disso, mostra uma regulamentação das trocas eróticas ao afirmar que nenhum indivíduo “faça pontaria” para alguém que não vai alcançar, ou seja, que ninguém empenhe seus esforços no cortejo em alguém que não há esperança em retribuir, o que pode ser barreiras de vários tipos, como o desinteresse da moça, bem como as barreiras sociais e familiares. A poesia ainda traz a janela como um espaço onde as trocas eróticas eram estabelecidas, pois como Azevedo (2002) aborda ao estudar as relações de paquera no contexto brasileiro, a janela constituía um espaço utilizado pela moça para paquerar, longe dos olhares de seus familiares ou acompanhantes, pois dava um acesso direto a rua, mesmo que sem sair de casa.

Percebemos ainda, um tipo de cortejamento patriarcal, na medida em que o rapaz é o responsável por tomar a iniciativa na paquera, embora as mulheres possam por meio dos olhares, sinalizar o desejo de estar com o outro. Entretanto, o as trocas matrimoniais, ou início do namoro era de iniciação masculina.

Até este momento, tentei desenhar um divertimento e erotismo presentes no contexto rural, entretanto, já conseguimos perceber um deslocamento das relações entre as classes populares e a elite para um contexto mais urbanizado, no qual a elite viçosense cria espaços no qual a regulamentação das trocas parentais começa a ser regulamentadas por etiquetas sociais que representam a boa sociedade viçosense. Tal transformação também teve como fator uma mudança da vida econômica e cultural da cidade, pois com o surgimento de pequenas e grandes indústrias de algodão, bem como o fortalecimento do comércio, os engenhos foram perdendo sua força, ou deixaram de ser o centro de toda a economia viçosense, criando novas redes de relações sociais mais urbanas, ou seja, a vida na cidade começou a se intensificar e contato com diferentes tecnologias, como aparelhos de rádio, vitrolas, dentre outros, fez com que aspectos culturais que estavam invadindo o Brasil fizesse parte da boa sociedade viçosense, como por exemplo os bailes e as etiquetas sociais que os identificariam como seres civilizados.

Portanto, até agora discutimos o divertimento e a relação entre a boa sociedade e o popular, que no século XIX possuía uma relação mais próxima, embora as distâncias sociais fossem garantidas. Entretanto, como já mencionei, tal relação começou a ser afetada em um período marcado pela urbanização e ideais de civilização que expressavam uma vida muito mais europeia, o qual os folguedos populares, principalmente os de raiz afro-brasileira se apresentavam como ameaçadores dos bons costumes de uma elite brasileira.

Segundo Cavalcanti em seu artigo “Bons e sacudidos – o carnaval negro e seus empasses em Maceió”, o início do século XX foi marcado pela instalação de uma nova ordem republicana brasileira que trouxe consigo um processo no qual as altas sociedades brasileiras passaram a se aproximar esteticamente e espiritualmente de um mundo mais moderno e civilizado, que alterou também as suas formas de lazer e festividades, pois o maracatu e os folguedos foram tirados de cena, dando lugar a espaços mais seletivos e caracterizados pelos bailes, foxtrote, elegância e nobreza das vestimentas e comportamentos, pois “a festa não deveria representar uma oportunidade de desregramento das boas maneiras, muito ao contrário”. (CAVALCANTI, 2006, p. 10)

Cavalcanti está analisando o desaparecimento dos maracatus e o combate aos folguedos e religiões de matriz africana em Maceió no início do século XX e um deslocamento dos espaços e tipos de divertimento da elite maceioense que passou a se identificar com o modo ser europeu, ou civilizado, combatendo todas as práticas que ameaçassem a consolidação de um conjunto de boas maneiras. E embora Cavalcanti esteja falando da capital alagoana, quando começamos a analisar o divertimento da boa elite viçosense percebemos que esta não ficou a

margem desse processo de transformação e a década de 30 e 40 foi marcada pela intensificação de um novo modo de ser, o que deixava de lado o modo de ser e se divertir próprios das classes populares, à medida em que os folguedos deixaram de ser o centro das festas e uma nova figuração do divertimento, expressa nos clubes e bailes começou a instaurar.

### **2.3 O divertimento viçosense em 1939-1940**

Quando analisamos os anos de 1939 e 1940, temos um deslocamento da boa sociedade viçosense para o divertimento da cultura de bailes, criando uma imagem individual e coletiva que os distinguiu dos demais, além de ter uma força integralizadora muito forte, o que fazia com que o grupo continuasse no poder e cada vez mais coeso.

Os jornais mostram que no final da década de 30 para a década de 40, Viçosa teve uma vida social bastante marcada pela diversão, principalmente pelas festas religiosas, que se realizavam nos meses de maio e nos meses juninos, nas quais as famílias da boa sociedade desempenhavam um papel fundamental na realização das mesmas, preparando novenas em suas residências, ou mesmo fazendo doações para igreja, como mostra o trecho a seguir:

A família Carnáuba, cristã e muito devota do seu santo protetor, como sempre festejou-o no dia 28. Foi um acontecimento muito significativo. Num ambiente, feliz de luz, de música e religiosidade, os amigos do nosso grande industrial, compartilharam com suas alegrias. Nada faltou. Fôra, a majestosa e tradicional fogueira, lá estava crepitando, os clássicos foguetões rasgavam de quando em vez o espaço, os balões multicolores confundiam-se com as estrelas faiscantes e os fogos populares pela extensão da rua. A festa interna, foi mais suntuosa. O acolhimento cordial da família foi a supremacia. (Folha de Viçosa, 1939)

Percebe-se que a festa oferecida pela família Carnáuba reuniu uma parte das famílias viçosenses pertencentes ao seu círculo social, entretanto, a mesma teve uma festa interna e outra externa, o que revela a relação e integração da boa sociedade. Embora o jornal só se referira à suntuosidade e grandeza da festa interna, podemos deduzir que a festa externa foi marcada, também, pela presença de pessoas das classes populares, por isso a necessidade de fazer uma diferenciação do interno e externo, o qual a festa interna tinha como objetivo reunir somente os pertencentes ao seu meio social.

Festas como essa eram comuns em Viçosa, além das festas de padroeiros e quermesses promovidas pela igreja católica. É fato que tais festas religiosas constituíam um espaço onde o flerte, os cortejos se faziam presentes, de maneira sutil, principalmente por meio de olhares. Antes a escolha do namorado ou cônjuge era feita especialmente pelos pais da moça, e o contato com seus pares não extrapolava o espaço da sala de visitas, o qual, era vigiado por algum

familiar, principalmente as mães e tias. Entretanto, tal aspecto foi se transformando e dando abertura para que a escolha de um parceiro também estivesse sob o poder dos jovens interessados.

Thales de Azevedo (2001) faz uma análise dos noivados, namoros e formas de fazer a corte tidos como tradicionais no Brasil no final do século XIX e no decorrer do século XX, evidenciando as transformações ocorridas nas relações eróticas estabelecidas entre os indivíduos daquela época, no qual ao mesmo tempo em que era intensamente regulamentado pelas relações familiares, na medida em o Brasil foi introduzindo ao seu contexto elementos mais urbanizados, como os transportes, clubes, bailes, praças e etc., os jovens passaram a exercer um determinado poder na escolha de seus parceiros, mesmo que a decisão última ainda estivesse sob o controle dos pais.

Segundo Azevedo (2001), as relações de paquera, noivado e casamento eram influenciadas por um sistema patriarcal, no qual a escolha dos parceiros das filhas era estabelecida pelos pais, isto é, pelo sistema de parentesco. Os ideais de comportamento de uma mulher, como casta, recatada, capaz de dar conta dos afazeres domésticos prevaleciam no momento da escolha de seus pares, no qual tais relações seguiam fases ou técnicas específicas, estando o casal sob a vigilância dos pais, principalmente dos pais da moça.

O autor também traz em seus estudos dados que fazem parte de contexto estritamente rural, onde as práticas de namoro aí presentes são tidas por ele como tradicionais, porém à medida em que os contextos sociais brasileiros foram se urbanizando, novas práticas de namoro e noivado foram se estabelecendo, fazendo com que fosse possível a criação de espaços que permitissem aos indivíduos paquerarem longe de seus pais, fugindo em certo sentido da força da regulamentação parental.

Azevedo demonstra como o modelo tradicional foi se transformando, no qual uma das causas que proporcionaram tais mudanças, refere-se à urbanização das cidades, ao surgimento dos transportes, principalmente, dos públicos, que possibilitavam aos rapazes e moças flertarem uns com os outros. A decisão de quem seria o namorado ou namorada, foi aos pouco se deslocando do poder dos pais, para as mãos dos próprios indivíduos. Onde a praça, a igreja, as ruas, as janelas eram os ambientes propícios para paquera, um pouco distante da vigilância familiar, e com o surgimento das fábricas, e com a inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho, o contato entre os diferentes sexos foi intensificado, possibilitando formas de cortejamento.

O que quero dizer ao trazer o estudo de Azevedo para o meu trabalho, é que ao focar aspectos do cortejo e da paquera do passado brasileiro, o autor nos ajuda a pensar em como os espaços de divertimento em Viçosa se cruzam com as regulações do erótico, pois embora haja uma maior abertura dos pais para aceitar os parceiros escolhidos pelos seus filhos, tal aceitação e liberdade ainda não está livre de uma série de regulamentações de cunho patriarcal. Alguns ideais femininos, como ser recatada e prendada ainda prevaleciam, e muito mais do que isso, se as festas promoviam a aproximação entre moças e rapazes, a boa sociedade viçosense criou espaços para vigiar e regulamentar essa aproximação, tentando fortalecer seus vínculos sociais com os ideais que ela atribuía como sendo digno de seu grupo social. Em resumo, a boa sociedade viçosense criou clubes e bailes nos quais podiam apresentar seus filhos à sociedade sob sua vigilância, no qual já existia uma seleção dos frequentadores dos bailes, bem como dos possíveis candidatos para trocas eróticas, como olhares, flertes ou um pedido de dança.

Como Azevedo evidencia, durante muito tempo a paquera não ultrapassava os limites das salas de visita dos pais da moça, sendo vigiados por um acompanhante para assegurar que o contato íntimo não fosse estabelecido, pois poderia ofender a reputação da mesma. Entretanto, aos poucos este espaço de cortejamento foi se ampliando e passou a acontecer nas praças, janelas, igrejas, clubes, transportes públicos, dentre outros, o que nos leva a pensar em uma maior flexibilização dos controles familiares, no qual a regulamentação do erótico passou a ter como base os autocontroles, isto é, os jovens começaram a exercer um pouco mais de poder em relação às suas trocas amorosas.

Em certa medida podemos pensar que as transformações expostas por Azevedo (2001) dialogam em certa medida com os estudos realizados de Wouters ao analisar, por meio dos livros de etiqueta, as transformações das relações eróticas entre os europeus, que caminhou para uma maior reflexividade e flexibilidade de tais formas de se relacionar.

Wouters (20016) em seu estudo sobre o processo de mudança do cortejamento e da sexualidade europeia e americana, afirma que esse processo reflete uma mudança nas balanças de poder entre as diferentes gerações, e é composto por uma transformação na balança dos controles, da formalização e informalização e da balança dos desejos.

Segundo Wouters (2016), a balança dos controles é referente às transformações gradativas dos controles externos para os controles internos ou autocontroles, ou seja, os controles sociais que regulamentavam a vida afetiva e emocional dos indivíduos começaram a estar focados em autocontroles, isto é, foram internalizados nas personalidades dos indivíduos de tal forma, que as regulamentações externas começaram a perder sua funcionalidade. Já a

balança da formalização e informalização é caracterizada pela “transformação de regras fixas para diretrizes flexíveis, a depender dos vários tipos de situações e relações” (WOUTRES, 2016, p. 16), a informalização deu aos indivíduos um arsenal mais abrangente de maneiras de sentir e se comportar socialmente. Por fim, a balança dos desejos fez com que houvesse ao mesmo tempo um desejo por gratificação sexual, como também por relações amorosas mais duradouras, um não excluí o outro.

Entretanto, de que forma a conceituação de Wouters dialoga com os estudos de Azevedo? De que maneira os dois autores, tratando de contextos distintos, com um aparato teórico e metodológico diferente, nos ajuda a pensar a regulação erótica em Viçosa nas décadas de 30 e 40? O primeiro aspecto é que meu trabalho tenta dar conta de um processo, cuja análise realizada neste capítulo é apenas uma parte desse percurso, e a direção dos estudos de Wouters e Azevedo, me ajuda a analisar todo o processo de transformação do erótico em Viçosa até os dias atuais. Porém, neste momento estamos apenas dando ênfase a uma parte do processo, cuja regulamentação das relações eróticas ainda estava submetida a uma intensa padronização dos costumes que levou os indivíduos a interiorizarem determinados aspectos das mesmas e basearem seus comportamentos em um determinado grau de autocontrole, na medida em que começaram a paquerar em lugares públicos e bailes sem uma presença tão forte de acompanhantes.

Um ponto em comum nos estudos de Wouters e Azevedo é que ambos tratam desse processo de transformação das relações eróticas, e por conseguinte da sexualidade, que embora não sejam idênticos e tratem de universos completamente distintos, nos leva a pensar em um processo de mudança que vai em direção a uma informalização de determinados costumes e emoções, que significa uma flexibilização de determinadas regras que diziam como e quem as pessoas deveriam namorar, paquerar e casar, os quais estavam intensamente relacionados com um intenso controle familiar.

O processo de transformação da balança de formalização, que é a submissão a regras muito fixas, para a informalização é um processo de longa duração, que ainda não aconteceu em Viçosa no período aqui analisado, nem em outros contextos brasileiros, que assim como na Europa só começou a se intensificar com a Revolução sexual de 1960 por meio da liberação das pílulas anticoncepcionais, do sexo antes do casamento, e do anseio por gratificação sexual feminina, dentre outros aspectos.

Embora ainda não estejamos falando desse processo, todas as transformações apresentadas por Azevedo nos levam a afirmar a existência de um afrouxamento maior das

regulamentações mais rígidas no que diz respeito ao controle da sexualidade, no qual como Wouters afirma, essa regulação passou a ser baseada no autocontrole, pois não era mais necessário que o casal sempre estivesse com alguém ao lado, ou a moça tivesse que disfarçar os olhares e interesse pelo rapaz, e etc.

Olhando para Viçosa e para os espaços de divertimento da boa sociedade viçosense, mais precisamente para os clubes e bailes, podemos observar uma maior abertura para o cortejamento, no qual era esperado um autocontrole das emoções e comportamentos femininos e masculinos, para garantir a elegância das relações sociais ali estabelecidas. Ao mesmo tempo que flexibilizava tais relações, os jovens não estavam livres das regulamentações sociais, pois a seletividade dos frequentadores desses ambientes, assim como a presença dos pais, fazia com que as trocas de parentesco não saíssem do seio da boa sociedade e a integração entre as famílias pertencentes a este círculo fosse garantida. É como se os pais dissessem: tudo bem, vocês já podem paquerar à vontade e até escolher seus namorados, noivos, ou maridos, mas nós é faremos uma pré-seleção dos candidatos.

Note que neste momento, ainda estamos falando de um processo de formalização, no qual os indivíduos estavam submetidos à regras e controles dos seus pais, embora algumas já tinham sido internalizadas de tal forma que passaram a fazer parte das suas estruturas de personalidade.

#### **2.4 Clube dos Diários**

Como já afirmei, um dos principais espaços de divertimento encontrado nos jornais foi a existência de um *Clube dos Diários*, que quando não apresentava, em todas as edições analisadas, informações sobre sua fundação, baile e estatuto, noticiava, no mínimo, anúncios de seu *vesperal dançante* semanal. O clube foi criado em 1938, e tinha como diretores membros da elite viçosense, Dr. Evilásio Torres, Manoel Loureiro e o tesoureiro Sady de Carvalho.

Em meio a atividades de lazer baseadas nas festas religiosas e culturas populares, o contato entre os diferentes grupos sociais se dava de alguma maneira, a boa sociedade de Viçosa encontra na criação desses espaços a constituição de práticas culturais que vão de encontro com as existentes, e que também se caracteriza com o divertimento de uma elite brasileira, voltada para práticas culturais europeias e americanas. Há nesse momento um consumo cultural que se volta para uma cultura internacional, de bailes, jazz bands, dentre outros aspectos.

Por começar a haver uma abertura dos pais para que seus filhos pudessem ter a liberdade de escolher seus pares, ainda era necessário regulamentar essa busca, e não sair de cena de

maneira completa, vigiando o cortejamento e evitando que seus filhos se relacionem com pessoas fora de seu círculo social.

Ideias de civilização eram bastante presentes no imaginário desses viçosenses, o tesoureiro do clube, chegou a enfatizar em um de seus discursos que “Viçosa é a sentinela da civilização alagoana”, em outros momentos os editores dos jornais ao se referirem aos bailes, comentam que os mesmos “esteve á altura dos foros de nossa civilização”, o que significa dizer que seus encontros festivos estão vinculados a um arsenal de bons costumes e boas maneiras de uma determinada classe social.

Portanto, o modo ser civilizado é a maneira de ser de uma elite específica, detentora de relativo poder, que atribui a si um status de superioridade em oposição aos indivíduos que não compartilham dos mesmos aspectos culturais, no qual os bailes revelam um pouco desse universo.

Em uma notícia que descrevia um dos bailes promovidos pelo clube, o redator chamou a atenção para o fato de que “as danças se prolongaram até alta madrugada sempre em perfeita cordialidade e nobreza de elegância”. Portanto, a cordialidade e elegância se relacionavam com o modo de ser civilizado e regulava a forma como o encontro entre homens e o “belo sexo” se estabelecia.

Para entendermos um pouco sobre o que se trata o *Clube dos Diários*, exponho abaixo um texto que ao comunicar a reabertura dos seus salões, a diretoria do clube evidencia alguns dos artigos de seu estatuto e resoluções, o que nos ajuda a entender quem eram os frequentadores e um pouco mais das atividades propostas por essa “sociedade triunfante”.

CLUBE DOS DIÁRIOS – Sociedade particular consagrada a fins culturais: intelectual, social, moral, artístico e esportivo.

A diretoria do Clube dos Diários comunica aos interessados que reabrirá os seus salões de festa no próximo domingo, 23 do corrente ano, onde as Festas Sanjoaninas serão condignamente celebradas, com conforto e elegância, ao som do melhor Jazz do Estado para esse fim especialmente contratados.

Tratando-se de uma festa de caráter oficial, oferecida sem despesa alguma da parte dos associados, festa excepcionalmente brilhante, que decorrerá dentro das disposições estatutais já publicadas, a Diretoria encarece aos Srs. Sócios a necessidade de regularizarem sua situação, afim de que a mesma não as veja privada do prazer de emitir o competente convite.

Outrossim, para melhor conhecimento dos interessados, a Diretoria houve por bem republicar alguns Artigos dos nossos Estatutos Provisórios em vigor, bem como dar conhecimento das determinações extraordinárias que resolveu adotar para a referida festa.

#### Artigos dos Estatutos

*Art. 14* – Sendo o clube uma instituição de caráter particular, só será permitida a entrada no estabelecimento, dos sócios respectivos e suas famílias.

§ 1º - Serão considerados membros da família do associado as pessoas residentes sob o mesmo teto e que estejam sob responsabilidade moral e financeira do referido sócio.

§ 2º - Exceção feita para as pessoas que tiverem convite especial, emitido e enviado pela Diretoria e desde que essas pessoas residam fora do Município ou que aqui tenham fixado residência há menos de um mez.

*Art. 15* – Os sócios que não estiverem em dia com a Tesouraria, ficarão automaticamente privados de todos os direitos assegurados pelos Estatutos.

*Art. 16* – Os casos não previstos em os Estatutos serão resolvidos a critério da Diretoria. (Folha de Viçosa, Junho, 1940)

Podemos observar que a proposta do clube é promover as mais diferentes atividades de cunho educacional e esportivo. Entretanto, pode-se dizer que exerce a função de integrar as diferentes famílias da classe alta do município tornando-se o espaço no qual as relações familiares são mantidas, e somente com aqueles que compartilham dos mesmos desejos, práticas e ideais, gerando assim uma interdependência específica. Podemos observar aqui as três funções da boa sociedade assinalada por Wouters. O clube dos diários tinha a função de modelo para os grupos que queriam fazer parte de seu círculo, representava os ideais de boas maneiras de uma classe social específica e impunha regras estritas para selecionar seus frequentadores, excluindo todos os que não se encaixavam no seu modelo de comportamento, nem faziam parte desse grupo dominante.

A família ocupava um papel central no contexto viçosense e ajudava a criar uma identidade social baseada nos distintivos do que seus integrantes chamavam de “civilização”. Pertencer à uma família rica era a porta de entrada para fazer parte do mundo civilizado, internalizando em suas consciências individuais todo um arsenal de etiquetas que estruturariam a sua personalidade, bem como a sua imagem enquanto grupo social, ou seja, enquanto coletividade.

No inciso §1º do artigo 14 do estatuto do clube, que apresenta as regras para os associados, define o que seria os membros da família naquele contexto como sendo “as pessoas residentes sob o mesmo teto e que estejam sob a responsabilidade moral e financeira do social”. Desse modo, o conceito de patriarcal do que seria uma família permanece e não está somente ligado à consanguinidade, pois como Sarti afirma, percebe-se a existência da família “como uma ordem moral onde o homem representa a autoridade” (SARTI, 1994, p. 49) e as relações entre pais e filhos são estabelecidas por meio de determinados constrangimentos sociais, por meio de obrigações morais e regulamentando a vida sexual dos filhos.

Era um ambiente no qual a estratificação social não era acentuada, as diferenças sociais eram quase mínimas, fazendo com que o convívio entre os pares fosse mais “confortáveis” e seguissem padrões de conduta parecidos, por isso a necessidade regular a entrada de seus frequentadores, para não ter que se defrontar com as desigualdades externas. O conforto,

elegância e moral eram atributos indispensáveis para a realização das atividades de entretenimento promovidas pelo clube, e naquele contexto essas características estavam ligadas ao fato de que as relações deveriam ser entre pares do mesmo grupo, que compartilhavam os mesmos gostos, como também se vestiam e agiam de forma parecida, obedecendo a regras de conduta específicas. O cortejo, o erótico não era tão sexualizado, e como já mencionei, se dava por meio da discrição, da troca de olhares, do convidar à dança, e etc, diferente do que acontece nos bailes de forró atualmente, onde o erótico já é mais sexualizado e o contato corpo-a-corpo não é tão regularizado. Nos bailes promovidos pelo clube dos diários, apreciar o “belo sexo” já era exprimia a vida erótica dos homens, não pautada pelo contato imediato com suas candidatas à esposa.

A noite dançante é característica marcante nos bailes, no qual, um dos estilos musicais mais presentes nas festividades do clube era o jazz, presente nos bailes comemorativos, no vespéral dançante e também na Micareme. A boa sociedade viçosense começou a ter como modelo de divertimento as práticas culturais das cidades grandes mais urbanizadas, e trazia para seus bailes as jazz bands que tocavam na capital alagoana. Segundo Giller (p.3), “as jazz-bands proliferaram para substituir as orquestras de baile, inserindo no repertório novos gêneros, inovando a formação instrumental, a performance e o figurino dos músicos que também haveria de modificar o padrão”.

Ainda segundo Giller (p.2), à medida que as cidades foram urbanizando-se começou a haver uma demanda por mais espaços de divertimento e fantasias, o qual a presença o jazz revela “a presença da cultura norte americana na música popular urbana do Brasil, na primeira metade do século XX.” Alagoas não ficou de fora dessa modernização das práticas culturais, e por conseguinte do divertimento.

Os eventos culturais, quase todos ligados à música, restringiam-se em alguns clubes e associações atléticas que, por sua vez, eram privados a um público mais aristocrático que prestigiava a maioria dos eventos. (...) embalados por um ritmo contagiante de muito metal (trompetes, saxofones, e trambones, à guisa de jazz band), a alta sociedade alagoana se reunia em matinês e soirées para se divertir. (SOUZA, 2017, p. 2)

Sendo assim, ao analisar tal aspecto, o que está em questão é como um modelo de divertimento de lugares com uma urbanização mais densa migraram para cidades, como Viçosa, cuja intensidade de urbanização é menor. Portanto, no que diz respeito ao divertimento, Viçosa, na metade do século XX, não era indiferente ao que estava acontecendo em Alagoas e no Brasil,

e sua boa sociedade começou a incorporar elementos que os colocassem no mesmo patamar das boas sociedades de cidades mais urbanas.

Os bailes seguiam regras específicas que vão desde o regulamento da roupa, como também a organização das mesas e seleção de seus frequentadores, abertos, principalmente, para os sócios e suas famílias e a depender do tipo de baile, convites especiais são emitidos.

Exponho abaixo algumas resoluções que os frequentadores do clube deviam seguir, caso quisessem comparecer a uma festa promovida pela direção do clube.

A diretoria do Clube dos Dários, no gozo de suas atribuições, em reunião de 2 de Agosto corrente, determinou para a festa do próximo dia 15 do mesmo mez:

1ª. Cada sócio terá direito a um convite em favor de uma família ou pessoa estranha ao nosso quadro social, desde que o convidado resida fora do município, seja idoso e observe as disposições do nosso estatuto.

2ª. É vedada a entrada a menores de 12 anos.

3ª Não será permitida a entrada de senhoras ou senhores que não pertençam a família de sócio, no sentido dado pelo estatuto.

4ª Mesas serão reservadas a partir dessa publicação. Os interessados queiram se entender diretamente com o tesoureiro.

a) Para ditas mesas condignamente ornamentadas, existe uma numeração e colocação inalteráveis, considerando-se reservadas a mesa que tiver sido previamente paga.

5ª Os serviços de música serão contratados em Maceió.

6ª Traje-rigor branco para cavalheiros, soirée para senhoras e senhoritas. Contudo, será permitido traje de passeio. (Folha de Viçosa, 1939)

Portanto, como podemos observar, para frequentar determinados tipos de festa é necessário seguir uma série de padrões, ou seja, a inserção dos indivíduos neste meio está relacionada com uma série de mecanismos reguladores de suas práticas e afetos. Havia um controle rígido de quem podia chegar pelo das famílias e dos controles estabelecidos pelas mesmas. A regra para a pessoa estranha “ao nosso quadro social” era referente aos familiares mais velhos. A festa estabelecia um limite etário que favorecia a manutenção de um formato familiar onde moços e moças acima de 12 anos podiam frequentar a festa e aí trocar olhares entre pessoas da família e de seus pais. Dificilmente uma pessoa fora do filtro da família entraria. A numeração das mesas era inalterável, o que assinala uma hierarquização social específica. Além disso, os serviços musicais dependiam de Maceió, provavelmente das jazz-bands, que como enfatizei acima, fazia parte dos espaços de divertimento frequentados pela alta sociedade maceioense.

## **2.5 Publicação dos casamentos**

Na coluna social das edições do jornal “A folha de Viçosa”, ao lado de comunicados sobre aniversários e falecimentos, foi comum encontrar anúncios e informações sobre

casamentos, aniversários e notas de falecimento referentes às pessoas de destaque do município, o que corresponde aos indivíduos pertencentes à elite viçosense. Segundo Azevedo, tal prática foi comum durante muito tempo entre os pertencentes às classes sociais mais altas, o que podemos dizer que evidencia uma prática cujo o intuito era dar publicidade aos casamentos e noticiar a sociedade que tais indivíduos não estão mais disponíveis para estabelecer determinados tipos de cortejamento.

Portanto, tenho como ponto de partida algumas questões necessárias para que a compreensão do material seja alcançada. Quais as informações presentes nos anúncios? Qual o perfil dos noivos? Por que era necessário publicar, semanalmente, os nomes das pessoas que se casaram naquele período? Será que por meio de tais anúncios podemos entender como se davam as trocas de parentesco?

Sendo assim, inicialmente apresento ao leitor alguns dos anúncios encontrados nos jornais para que se possa conhecer a estrutura do mesmo:

Contratam-se em casamento no dia 20 deste mez, José Eduardo Godoi – Francisquinha C. Cavalcante. José Eduardo Godoi é filho do Sr. Alberto Eduardo Godoi e de sua esposa. Bizézo (como lhe chamam na intimidade) é um jovem distinto dotado de bons sentimentos morais e cavalheirescos. Francisquinha é muito relacionada na Villa de Chã Preta e nesta cidade. Pelos seus dotes espirituais e morais, tem sabido conquistar grande número de amizades. Esta “Folha” da qual a jovem noiva é colaboradora, sente-se jubilosa em registrar tão significativo acontecimento e envia aos noivos, votos de felicidades. (Folha de Viçosa, 1940)

Outro anúncio diz o seguinte:

Num ambiente de muita satisfação, realizou-se no dia 27 do mês corrente, o enlace matrimonial de Antonio Sandes de Araújo – Alice Acioli Costa. O ato foi celebrado pelo cônego Cândido Machado, vigário da paróquia e o ato civil pelo Dr. Durval Belo, juiz de direito desta comarca. O ato religioso e civil serviram de paraninfos pelo noivo, o Sr. Dionízio Acioli e senhora, e pela noiva, O Sr. Ernesto Ferro Jatobá e senhora. Os nubentes que fazem parte de nossa sociedade foram muito felicitados. Ao jovem par nossos parabéns. (Folha de Viçosa, 1940)

A partir do que foi exposto acima, podemos ter clareza do que se trata os anúncios de casamentos, os quais tem como objetivo dar publicidade aos casamentos que são realizados no município. Entretanto, somente é necessário dar publicidade aos casamentos que fazem parte de famílias integrantes da elite, no qual, informações sobre quem são os pais e padrinhos é de extrema importância. Dessa forma, os noivos são conhecidos por meio das redes de relações sociais que os envolve, fazendo com que as redes de interdependência sejam de grande importância para que a sociedade conheça e valorize o casamento alheio.

É importante ressaltar, que quando um dos nubentes é morador de outro município é necessário deixar claro o contexto e relações que os envolve, como mostra o anúncio a seguir,

No dia 8 do corrente mez, na Uzina João de Deus, em Capela, realizou-se o enlace matrimonial da senhorita Julieta Moreira, filha do Cel. José Octávio Moreira, usineiro naquele Município, com o Dr. Orácio Gomes de Mello, promotor público de Viçosa. Os actos civil e religioso foram efetuados, às 4 horas da tarde, na casa de residência do pai da noiva, oficiado na cerimônia religiosa o padre José Monteiro, de Capela, que fez uma alocação aos jovens nubentes. O acto civil foi presidido pelo Dr. João de Mello, juiz municipal de Capela. Foram padrinhos por parte da noiva, nas cerimônias o senhor José Francisco de Almeida e a exma. esposa e o senhor José Maria Avila e a senhora Darcy de Farias Mello. Por parte do noivo foram padrinhos Hercílio Gomes de Mello e exma, esposa. Numerosos convivas assistiram às cerimônias nupciais, que decorreram num ambiente de grande contentamento. Ao almoço usou da palavra o Dr. Durval Bello que em vibrante improvisado saudou os noivos, sendo em seguida agradecido pelo Dr. Oracio Gomes de Mello. Esta folha deseja aos jovens nubentes sejam donos de um lar feliz. (Folha de Viçosa, 1941)

O que quero reafirmar ao apresentar os anúncios de casamento, é que a regulação das práticas eróticas da boa sociedade viçosense está intensamente relacionada com o objetivo de constituição de novas famílias, mas principalmente, fazer com que os mais jovens se casem com pessoas de seu círculo social, fazendo com que a balança de poder entre o grupo de estabelecidos e outsiders seja alterada o mínimo possível. Os bailes se apresentam como o cenário no qual as primeiras etapas que precedem o casamento sejam estabelecidas, como o máximo de regulamentação possível, ao publicar nos jornais os nomes dos recentes casais, é regulamentar que os mesmos não podem mais cortejar ninguém, visto que são conhecidos pela maioria de seu grupo social.

Entretanto, os aspectos que aqui foram desenhados passam por determinadas transformações que começaremos a discutir no próximo capítulo, que a partir da segunda metade do século XX, as relações de paquera estabelecidas pela elite e por seguimentos populares começam a se direcionar para uma liberdade em começar a vivenciar determinadas gratificações amorosas e sexuais.

### **3 AS RELAÇÕES DE PAQUERA EM VIÇOSA A PARTIR DA DÉCADA DE 50**

O que mudou nas relações de paquera estabelecidas entre homens e mulheres na segunda metade do século XX em comparação com as décadas de 30 e 40? Esta é a principal pergunta que este capítulo busca responder, pois a partir da análise que se segue poderemos compreender de que forma os costumes e emoções de determinados viçosenses se alteraram à medida em que surgem novos espaços de sociabilidade e com isso novas relações de interdependência. No início do período analisado não conseguimos observar uma ruptura ou mudança drástica no modo como as pessoas cortejavam umas às outras, pois ainda observaremos o desdobramento de determinados espaços e modos de se relacionar. Contudo, mesmo que de maneira sutil, determinadas relações vão se modificando, o que abre espaço para a experimentação de novos tipos de emoções, sem determinados constrangimentos sociais, como por exemplo, a negação de contato íntimo entre os casais antes do casamento e a possibilidade de flertar mais abertamente em espaços públicos, longe dos olhares e controle dos pais.

Um das características de minha escrita, e que reflete a uma de minhas preocupações, é deixar claro a metodologia, bem como as fontes de dados utilizadas em cada seção, o que faz com que o leitor tenha compreensão de como o caminho investigativo foi trilhado. Diferente do capítulo anterior, neste capítulo os dados apresentados não se referem a jornais que circulavam em Viçosa, mas sim à história oral, bem como às crônicas escritas por viçosenses que fazem com que seus leitores tenham uma visão do passado a partir das experiências vividas por esses indivíduos. Consegui uma bibliografia significativa desse estilo literário, o que me possibilitou compreender o que acontecia em Viçosa nas décadas de 50, 60 e 70, ficando os dados das décadas posteriores à cargo das histórias orais.

É preciso deixar claro que uma das características das crônicas analisadas é que foram todas escritas por homens, que viveram a infância e parte da juventude em Viçosa, mas que em um determinado momento de suas vidas, deixaram a cidade e foram morar em Maceió, ou em outros Estados com o intuito de estudar. Dessa forma, os textos foram escritos por advogados, médicos, engenheiros, dentre outros, que mesmo morando fora da cidade não deixaram de frequentá-la em suas férias, ou em outros períodos. Portanto, em determinados momentos estaremos falando de Viçosa sob a perspectiva de homens que faziam parte da elite viçosense e, através de suas memórias, pretendo revelar um ângulo das mudanças pelas quais a boa sociedade de Viçosa passou a partir de linguagens de divertimento, paquera e troca de parentesco.

As histórias orais trazidas aqui nos revelam um período que vai de 80 a 90, no qual pudemos identificar mudanças significativas no modo como as mulheres e homens paqueravam e escolhiam seus companheiros. Também pude identificar o surgimento de novos cenários de divertimento na cidade, que expressavam uma diminuição da distância social e psíquica entre homens e mulheres de diferentes gerações.

Já deixei claro anteriormente o que significa ter a ideia de processos sociais como base analítica, entretanto, retomo brevemente a discussão para enfatizar que a partir deste capítulo poderemos compreender de maneira mais significativa a direção em que as transformações das relações de paquera tomaram no decorrer do século XX em Viçosa, analisando tanto as mudanças como também as permanências, embora estas não sejam tão significativas comparadas com o nível de transformações dessas relações sociais.

Segundo Elias (2001), uma das características das sociedades humanas é a possibilidade de transformação de sua estrutura, isto é, das formas como os indivíduos estabelecem relações de interdependência entre si. Entretanto, tais transformações não acontecem tão rapidamente, por isso a dificuldade de apreendê-las.

Portanto, a direção que as relações eróticas seguiram em Viçosa, pode muitas vezes parecer idênticas ao cenário anterior, ou seja, inalteradas, mas as peculiaridades do cotidiano dos viçosenses daquela época nos mostra que por mais sutil que seja, transformações ocorreram, e transformações que tiveram como direção um processo de informalização dos costumes e afetos, processo esse que já fizemos referência no capítulo anterior, e que é trazido à tona nos trabalhos de Wouters. Aos poucos uma personalidade de terceira natureza começou a surgir, na medida em que jovens começaram a burlar todo o sistema de controle dos pais, e começaram a ter mais autonomia para escolher com quem se relacionar eroticamente. Os espaços de divertimento e sociabilidade, como clubes, discotecas, cinemas, ruas e becos, praças públicas e festas religiosas foram o ambiente no qual se concretizavam a possibilidade de um contato mais íntimo entre os casais, mesmo ainda não possuindo um relacionamento sério, isto é, público e com o consentimento da família do casal, principalmente da família da moça.

Como Wouters (2007) enfatiza em seus estudos sobre a sexualidade e o cortejamento nos países europeus e nos Estados Unidos, o processo de transformação desses aspectos da vida social, diz respeito a um processo no qual a balança de poder entre as gerações, e entre homens e mulheres foram modificando-se. Em Viçosa podemos ver isso, não totalmente igual aos processos analisados por Wouters. Na segunda metade do século XX, Viçosa também passou por uma intensificação das mudanças dos controles externos para autocontroles, da

formalização para a informalização dos costumes, que significa uma maior possibilidade de comportamentos e emoções aceitos socialmente, sem estarem tão ligados a regulações mais rígidas, no qual as mulheres aos poucos, e ainda que timidamente, começaram a ansiar por gratificação sexual, porém essa abertura se mostra de maneira mais intensa nos tipos de relacionamentos eróticos estabelecidos no século XXI.

É importante enfatizar que tais transformações não estiveram livres de conflitos, e não aconteceu de uma hora para outra, mas de maneira lenta, no qual o que acontecia na década de 30 e 40 se perpetuou durante a segunda metade do século XX, como por exemplo a existência de determinados espaços de divertimento, como o Clube dos Diários e os seus bailes, bem como todo o cortejamento realizado a partir das trocas de olhares, da dança, com um repertório de linguagens de aproximação e intimidade baseados em autocontroles e até controles externos, como a vigilância de terceiros. Em outros termos, os indivíduos vivenciam um jogo de sedução bastante específico. Entretanto, aos poucos, podemos observar na literatura analisada, bem como nas histórias orais, e que difere do cenário apresentado no capítulo anterior, uma maior abertura dos jovens para o estabelecimento de namoros e flertes que aconteciam sem a vigilância familiar, e quando os pais descobriam, eles iam contra a decisão parental, estabelecendo namoros às escondidas.

Portanto, falar de processos sociais é falar de transformações, e é esse o foco de todo o trabalho, cujo objetivo desse capítulo é mostrar as diferenças no tipo de divertimento apresentado nesta seção e na anterior, servindo como elo analítico para compreender as relações eróticas e o tipo de divertimento estabelecido na atualidade. A ideia é mostrar o percurso que tais transformações seguiram, pois não se trata apenas de um processo de transformação dos ambientes de divertimento, mas também uma transformação da estrutura da personalidade dos indivíduos que começaram a estar mais abertos para experimentar novas emoções, o que nos proporciona observar um tipo de comportamento que difere das gerações anteriores. Trato também de uma mudança nas estruturas de personalidade dos indivíduos e do caminho percorrido para satisfação de seus desejos eróticos, no qual o ápice de toda essa transformação é apresentado no capítulo seguinte.

Para compreender esse processo de transformação do cortejamento a partir da década de 50, como já aponte, mesmo que brevemente, utilizaremos os trabalhos de Cas Wouters (2007), principalmente no que diz respeito aos processos de informalização dos costumes e emancipação das emoções. Dessa forma, abro um espaço para discutir, de maneira mais precisa, os principais aspectos da teoria de Wouters e como se vincula à investigação que desenvolvo.

Como já mencionei no capítulo anterior, Cas Wouters (2007) desenvolveu uma série de estudos acerca das mudanças relacionadas aos regimes de comportamentos e emoções ocidentais a partir de 1890, em países como a Inglaterra, EUA e Países Baixos, tendo como base os estudos de Norbert Elias, principalmente a obra *O processo civilizador*, no qual, segundo Wouters (2012), Elias mostra de que maneira as transformações nos regimes de comportamento são um caminho para transformações no modo como as pessoas se relacionam e regulam suas emoções. Para o autor, os processos civilizadores analisados por Elias tiveram continuação nos séculos XIX e XX, pois nesse período podemos observar o “aumento de constrangimentos sociais em favor de condutas descontraídas, além de reflexivas, flexíveis e alertas” (WOUTERS, 2012, 546). Toda essa série de constrangimentos sociais provocou um processo de informalização dos comportamentos e emancipação das emoções, à medida em que emoções reprimidas e negadas socialmente começaram a ter mais aceitação social. Mas em que consiste o processo de informalização? Não dá para falar de informalização sem entender o que foi o processo de formalização dos costumes, além disso, conceitos como “segunda natureza” e “terceira natureza” começam a aparecer.

Para Elias, a mudança é algo normal na sociedade, e em sua obra “O processo civilizador” mostra como os códigos de costumes foram modificando-se até criar uma personalidade de segunda natureza, que tinha como base o controle das emoções. Segundo Cas Wouters, ele “descreve como, em um processo de longa duração de formalização dos costumes e maneiras e de disciplinamento de pessoas, emoções “perigosas”, como aquelas relativas à violência física (incluindo a sexual), passaram a ser controladas de modos cada vez mais automáticos” (2012, p.546).

Elias analisa como as mudanças nas emoções dos indivíduos deixaram de ser conscientes e passaram a transformar-se em uma segunda natureza, mostrando assim como as estruturas de personalidade foram se modificando. Esta segunda natureza é caracterizada como sendo as dinâmicas de autocontrole, internalizadas por meio de constrangimentos sociais, isto é, a partir do momento em que estes indivíduos participam de uma rede de relações sociais. É importante enfatizar que Elias (2001) está analisando as condutas de uma “boa sociedade”, isto é, de determinados padrões de comportamento referentes a um grupo social específico que consiste na classe dominante, o qual o seguimento desses padrões de conduta faz com que os indivíduos sejam considerados como civilizados ou incivilizados. Neste momento, fala-se de relações sociais que formam uma estrutura específica, isto é, figurações caracterizadas por uma teia de interdependência sócio-afetiva, constrangimentos sociais e morais que foram

naturalizados, tornando-se uma personalidade de segunda natureza, que consiste no desenvolvimento de uma consciência rigorosa em que os indivíduos conseguem controlar os impulsos e emoções tidos como perigosos ou inaceitáveis, portanto, o controle passou a ser exercido pela consciência dos indivíduos, um autocontrole. Wouters fornece uma descrição desta lógica social e psíquica.

Censura social tangenciando censura psíquica: as advertências quanto aos “efeitos traiçoeiros” da fantasia se expandiram, o que por si só demonstra a convicção prevalecente de que pensamentos perigosos levariam, quase automaticamente, a ações perigosas. (...) Esse tipo agudo de pressão moral assinalou o desenvolvimento, por meio da formação de uma consciência rigorosa, de formas bastante rígidas de se evitar qualquer coisa definida como perigosa ou inaceitável. Isso estimulou o aumento de pessoas que evitam o conflito, obcecadas com autodisciplina, pontualidade, disposição metódica e a importância de se viver uma vida racional. Para elas, a visão das emoções passou a ser predominantemente associada com perigos e fraquezas. (WOUTERS, 2012, p. 555)

Portanto, o surgimento de uma segunda natureza está ligado a formação de uma personalidade que tentava afastar a vivência das emoções, prezando pela ordem e pela regularidade.

O processo de emancipação das emoções implicou que um número cada vez maior de pessoas estivesse cada vez mais conscientes de emoções que, como regra, no passado, foram ignoradas ou escondidas por medo dos pais ou daqueles de quem dependiam. (...) Durante o surto de informalização na década de 1960 e 1970, muitas pessoas descobriram que autoconstrangimentos de todo tipo eram, na verdade, constrangimentos realizados pelos outros ou, pelo menos, estavam baseados em constrangimentos externos. Assim, tanto os aspectos biológicos quanto societários desses processos estiveram intimamente conectados. (WOUTERS, 2012, p. 567)

Ao contrário da segunda natureza, que se baseava no controle das emoções, a terceira natureza surgiu a partir de um processo de informalização das condutas, onde houve a necessidade de buscar mais flexibilidade no rigor dos códigos sociais, com o intuito de tornar possível a vivência e experimentação de determinadas emoções.

Houve uma significativa expansão de expressões explícitas de insubordinação, sexo e violência, particularmente no âmbito da imaginação e do entretenimento. O ego passou a dominar a consciência ou, mais especificamente, o superego, de forma que um modo de autorregulação dominado pelo ego se espalhou. À medida que se tornou natural compreender as necessidades e desejos tanto da primeira, como da segunda natureza, assim como os perigos e oportunidades de toda e qualquer situação ou relação (seja de curto ou longo prazo), uma espécie de terceira natureza se desenvolveu. (WOUTERS, 2012, p. 562)

Portanto, para uma personalidade de terceira natureza as etiquetas rígidas que regem o comportamento dos indivíduos são inflexíveis, havendo, dessa forma, a necessidade de experimentar emoções que antes eram compreendidas e experimentadas como perigosas, sem sentir culpa ou vergonha por isso, tornando-se aceito uma conduta mais espontânea e relaxada. Porém, Wouters (2012) não está falando de um descontrole total das emoções, mas de um descontrole controlado. Controlado não por regras externas ou uma autoconsciência rígida em demasiado, mas sim pela reflexibilidade e flexibilidade de determinados padrões de comportamento que são internalizados. Em outros termos, há, em alguma medida uma parcial conversão de controles externos em internos, moldando as novas estruturas de personalidade. Para compreender isto, ele dá o exemplo do espartilho.

A expansão do uso do espartilho simboliza a expansão do movimento cada vez intenso de controle do corpo – perder a roupa significava perder a própria moralidade. Durante o fim do século XIX, com o movimento histórico de transformação dos modos de se vestir, os ideais de naturalidade foram combinados aos ideais de beleza. A partir desse momento até a década de 1960, o espartilho passou a ser usado apenas como item ortopédico para contenção de corpos femininos que estavam fora dos padrões de beleza. Padrões estes que, cada vez mais, continham ideais de naturalidade, mas sem a perda do controle. Claramente, tratava-se de um descontrole controlado, na medida em que o controle exercido pelo espartilho na forma de autorregulação: as mulheres passaram a fazer dietas, esportes, ginásticas e outras práticas para ‘trabalhar o corpo’ como a cirurgia plástica. (...) Desde os anos 1980 o espartilho apareceu como um artigo erótico, mas, na medida em que se tem como certo que a mulher que o utiliza não precisa dele para o controle do corpo, pode-se tomar o espartilho como um símbolo de beleza, naturalidade e autocontrole surgem e se desenvolvem entrelaçados uns aos outros – mais uma evidência da expansão de uma terceira natureza. (Wouters, 2012, p. 562)

Sendo assim, o surgimento de uma terceira natureza se dá pela necessidade de retorno à primeira, redefinindo, e não extinguindo, os controles da segunda natureza, ou seja, não é um natureza onde tudo é permitido, mas sim onde abre a possibilidade de experimentar novas emoções e perigos, sem perder de vista um processo de reflexividade acerca da própria conduta, e conseqüentemente da conduta do outro.

Trago novamente estes aspectos da teoria de Elias e Wouters ao trabalho para argumentar que a partir da segunda metade do século XX, começamos a observar em Viçosa-AL um desenvolvimento mais intenso de um processo de informalização dos costumes, relacionados ao tipo de cortejamento praticado por moças e rapazes, o que revela uma mudança na estrutura de personalidade da boa sociedade Viçosense. Em anos anteriores esta mesma boa sociedade estava inaugurando uma série de hábitos culturais ligados ao divertimento familiar, como a criação de clubes e com eles os seus bailes, que serviam como mecanismo de controlar

com quem, onde e de que forma seus filhos deveriam se relacionar eroticamente e assim escolher seus pares, fazendo com que a boa sociedade permanecesse coesa.

Contudo, com o passar dos anos os jovens dessa mesma boa sociedade, grupo este que criava os métodos de seleção de seus integrantes, como também costumes e que os diferenciavam dos outros, começaram a vivenciar uma série de hábitos e emoções que revelavam uma determinada diminuição do distanciamento social, principalmente no que se refere ao gênero e gerações, abrindo espaços para a informalização de determinados costumes e um início de emancipação das emoções. Quando me refiro à tais aspectos quero dizer que a partir da década de 50 a boa sociedade viçosense começou a experimentar uma série de emoções e comportamentos ligados ao erotismo, principalmente à paquera, que revelava uma maior flexibilidade de determinados constrangimentos morais e familiares que já estavam arraigados nas personalidades dos indivíduos. Isso se diz respeito a possibilidade dos jovens se tornarem, aos poucos, mais atuantes na escolha de seus candidatos(as) à casamento, no qual foram criados espaços para o flerte, para a paquera que iam de encontro com toda a vigilância familiar. Estes espaços foram os bares, onde a boemia surge com um estilo de vida, tanto entre homens adultos como também entre jovens, o footing é intensificado, assim como as festas religiosas, o surgimento do cinema e das discotecas, já por volta da década de 70 e 80, se perpetuando até meados da década de 90.

Ao retomar a teoria de Wouters sobre informalização, quero enfatizar que no período analisado neste trabalho, Viçosa começava a dar passos importantes que podem compreendidas pela concepção de tal processo. O que consta aqui não é uma tentativa de enquadrar os estudos de Wouters na realidade viçosense, mas mostrar que o contexto aqui analisado possui semelhanças com o contexto analisado por Wouters, mesmo que essas semelhanças não sejam idênticas. Em resumo, os processos de emancipação das emoções informalização dos comportamentos analisados nos EUA, Países Baixos e Inglaterra (WOUTERS, 2007) dizem respeito a regulamentação erótica de homens e mulheres, revelados pelos livros de etiqueta, que dizem de que forma o namoro, noivado e casamento deve acontecer, obedecendo aos interesses familiares das boas sociedades, bem como à aspectos morais, no qual se uma moça não se comportar de determinada forma, sua honra é questionada, assim como também a maneira como o rapaz procede revela se ele é o par ideal para determinadas moças, no qual namoros podem ser interrompidos ou não terem o consentimento dos pais.

Porém muito mais do que isso, Wouters revela como os interesses sexuais eram regulamentados, pois em determinados momentos a gratificação sexual era algo que fazia parte

dos anseios masculinos, restando às mulheres o anseio apenas pelo amor. No entanto, tal aspecto começou a ser modificado a partir da Revolução sexual de 1960, que fez com que o anticoncepcional fosse liberado, as mulheres começaram a ocupar cada vez mais o mercado de trabalho e começaram a ansiar por gratificação sexual, e o contato íntimo entre os namorados começaram a ser tornar mais aceitos.

Viçosa – AL, não vivenciou a Revolução sexual da mesma forma, mas a abertura para uma vivência de determinadas emoções começou a surgir, o que acompanhou a modificação das redes de interdependência entre a boa sociedade. Surgiram novas formas de se relacionar e novas formas de vivenciar determinadas relações eróticas. Os estudos de Azevedo nos revelam as direções que as transformações do namoro, noivado e casamento tomaram no Brasil, revelando uma maior flexibilização nestes tipos de relacionamentos, o que nos leva a refletir sobre as transformações realizadas em Viçosa-AL.

Azevedo (1981), ao analisar o namoro e noivado no contexto brasileiro, tanto grandes cidades como no interior do país, nos mostra que determinadas regras tradicionais que regiam estas relações, foram perdendo espaço ou validade para novas regras, um pouco mais flexíveis.

A escolha de maridos para as filhas, e até para os filhos, sob um regime patriarcal e familista do Brasil colonial, um privilégio quase exclusivo dos *pater familias*, por isso que o casamento interessava à solidariedade e à integridade dos grandes grupos de parentesco em que se apoiavam a ordem social, a economia, a política e a própria realização pessoal dos indivíduos. (AZEVEDO, 1981, 223)

Segundo Azevedo, esta regra começou a ser modificada ainda no século XIX, o qual ideais de amor romântico começaram a invadir a vida das pessoas, portanto “firmava-se a norma do consentimento condicionado” (AZEVEDO, 1981, 223), que consistia em eleger um parceiro pela “simpatia, pela atração física, pela correspondência afetiva, tudo subordinado a critérios de estamentos ou de classes sociais” (AZEVEDO, 1981, p. 223)

Portanto, o elemento da classe social permanecia, mas no século XX começou-se a intensificar tal transformação, por meio da urbanização do país, principalmente da criação das praças, surgimento do transporte público, intensificação das festas religiosas, e surgimento dos cinemas, que abria as possibilidades para que rapazes e moças trocassem olhares e bilhetes, manifestando seu interesse erótico uns pelos outros. Dito de outra forma, os espaços para o flerte se deslocam das salas de visita, festas familiares e janelas para espaços públicos, onde é possível forjar meios para fugir do controle dos pais.

Este tipo de modificação das relações amorosas identificadas por Azevedo já revela a informalização de determinados costumes, ao permitirem que os jovens vivenciem suas

relações sem tantos intermediários, o que revela um processo, ainda que lento, de determinados constrangimentos sociais, que se assemelha com o que aconteceu em Viçosa ao inaugurar novos estilos de vida que reduzem a distância social e psíquica entre homens e mulheres.

### **3.1 As transformações das relações de paquera a partir de 1950**

Em um trecho de uma publicação do jornal *O estudantil* da edição de 1957, encontramos algumas evidências de como as relações de paquera e de amor se transformavam junto com as formas de vida dos jovens de Viçosa nos anos 50, relacionadas ao aumento de liberdades de expressão de sentimentos de atração erótica sexual associadas aos esportes e as férias.

Já estão de volta os nossos queridos e endiabrados componentes do Estudantil. É o cruel mês de março. Parece mesmo que a nossa Viçosa chora neste começo de aulas e fim de férias. Chora com saudades desses três meses em que, com aqueles estudantes, houve vibração, alegria e amor. (...) Haja vista a velha Viçosa. São eles que a movimentam nesses três meses. O estudantil, pequeno clube, mas que vem tornando mais alegre a nossa querida “Princesa das Matas.” Seu jornal que nos faz crer que ainda pulsa, palpita a inteligência em nossa terra. As tardes esportivas que nos oferecem momentos de emoção e entusiasmo nas disputas com a pelada. As algazarras que nos fazem rir e que às vezes irrita a nós mais velhos, embora saibamos compreendê-las, pois, também já fomos moços. E os romances amorosos, que muitas vezes se tornam para o futuro em gerações e entrelaçamentos de família? A turma estudantil vai embora... Ficam as saudades dos torcedores, as saudades dos eleitores, as saudades das meninas. E a eles, que também levam muitas saudades, o nosso até breve, com desejos de um feliz regresso. (O Estudantil, Viçosa, 17 de março de 1957)

O jornal era dirigido por estudantes que moravam em outras cidades ou estados, mas eram oriundos de Viçosa e passavam as férias com suas famílias na cidade. Eles produziam as edições que circulavam somente no período de férias desses rapazes, o que aponta para a transformação dos processos de transição da vida de uma criança para a de adolescente. Relacionadas à ampliação de tal transformação, podemos perceber que aumentam-se os espaços de liberdade de aproximação psíquico-social entre garotos e garotas, em lugares com menor controle e vigilância dos pais.

É importante salientar que os casamentos e as trocas eróticas aqui ainda são tidos como um dos mecanismos para a integração entre diferentes famílias, ou melhor o “entrelaçamento familiar” como nas palavras do escritor do artigo publicado no jornal. Entretanto, o flirt estava sendo cada vez mais propagado, e as trocas eróticas diretas, pelo encontro face-a-face, mais frequentes. Diferente dos dias atuais, todos os jogos de sedução ainda obedeciam determinadas características morais que os regulamentavam. Os locais onde se desenvolviam as liberdades para a paquera continuaram sendo os clubes. Entretanto, com o fechamento do Clube dos Diários, a elite viçosense começou a frequentar o Clube Social de Viçosa, que era dirigido por

uma associação comercial, no qual determinados bailes eram promovidos, ainda com a mesma elegância que o clube dos diários. O Clube Social de Viçosa começou a flexibilizar a entrada de seus frequentadores, pois começou a aceitar a presença de não associados, até mesmo indivíduos de classes sociais populares.

Rebhun (1999), em sua obra *The heart is unknown country – Love in the changing economy of Northeast Brazil*, faz uma análise de como o amor se apresentava no contexto social de Caruaru – PE, no século XX, a partir de como os indivíduos descrevem suas diferentes experiências amorosas, no que se refere ao namoro, casamento, relações familiares e amizade. Uma das propostas da autora é mostrar que a ideia de amor, bem como as relações baseadas neste sentimento não são universais, pois os aspectos culturais de diferentes contextos interferem em como o amor é vivenciado, bem como se estrutura a ideia que os indivíduos possuem acerca do mesmo. Para isso é preciso desmistificar a primeira ideia que vem à mente das pessoas ao escutarem a palavra amor, associando-a unicamente ao amor romântico, pois existe uma série de complexidades que envolve esse tipo de sentimento. Um exemplo disso é que muitas vezes ele pode ser pautado por uma significativa racionalidade. Portanto, é necessário entender como o amor afeta a vida das pessoas, levando em consideração as experiências e os contextos sociais nos quais estão inseridos.

A partir da ideia da autora sobre as complexidades que fogem do ideal do amor romântico, podemos pensar que no período analisado por ela em Caruaru, a maneira como as pessoas se relacionavam eroticamente, no que diz respeito à paquera, namoro e casamento, era regulamentada por mecanismos morais e culturais, que refletiam todo um arsenal de interesses sociais, como por exemplo, o que estava por trás da regulamentação da escolha dos parceiros amorosos, principalmente na classe média e alta, o qual estava relacionado aos interesses familiares e econômicos. Era necessário fazer com que os filhos casassem com pessoas de seu próprio grupo social, o que revelava uma distância social e uma determinada seletividade no momento da paquera e escolhas de companheiros.

Estes aspectos dialogam muito bem com o que acontecia em Viçosa a partir dos anos 50, no que diz respeito a toda a regulamentação que envolvia as relações eróticas de jovens rapazes e moças. Dessa forma, focaremos no amor romântico e nas mudanças pelos quais ele passou ou vem passando. Falaremos do amor romântico para compreender de que forma as relações eróticas são estabelecidas em Viçosa, e como esse ideal estruturou boa parte das estruturas de personalidades dos indivíduos que viviam nesse período.

Segundo Rebhun (1999), dentre os inúmeros usos da palavra amor, ela pode se referir às atrações românticas, como o namoro, relacionamentos sexuais e casamentos. De acordo com a autora, durante muito tempo, o casal só poderia namorar na casa da mulher e com uma pessoa entre eles para desencorajar o contato íntimo. Com o passar dos anos algumas mudanças começaram a ocorrer, determinadas mulheres se submetiam por completo ao controle dos pais, outras faziam de tudo para fugir deles, algumas tornavam-se “indecentes” e acabavam se contentando em estabelecer relacionamentos curtos, e outras acabavam alugando seus corpos, tornando-se prostitutas. Entretanto, o caminho a ser seguido por elas não dependia inteiramente de suas escolhas individuais, mas das influências recebidas pelo contexto social no qual estavam inseridas, como a família, classe social e etnicidade.

Com uma série de mudanças geracionais e a urbanização da cidade, ficou mais difícil para os pais controlarem o relacionamento erótico de seus filhos, pois estes acabavam encontrando um meio para estarem o mais perto que conseguiam de seus pares, tendo uma chance para um contato físico, mesmo que moderado.

A ideia de que o “amor nasce de um olhar, cresce num sorriso, e amadurece numa paixão” (REBHUN, 1999, p. 131) reflete a ideia do romantismo, e influencia os jogos de sedução utilizados pelos rapazes e moças, principalmente no que se refere ao início da paquera, sem o contato físico de maneira íntima.

### **3.2 Espaços de divertimento em Viçosa a partir da década de 50**

Mas qual o tipo de divertimento cultivado em Viçosa na segunda metade do século XX? Como as relações eróticas são estabelecidas neste espaço? O que mudou nesta relação entre homens e mulheres? Um dos marcadores do divertimento apresentado no capítulo anterior foi o divertimento de uma elite viçosense, no qual compreendemos a existência de uma boa sociedade que estabeleceu hábitos que os distinguiam dos indivíduos provenientes de outros grupos sociais, regulando a entrada e permanência dos seus integrantes. O clube dos diários foi o palco principal que reunia toda a elite viçosense, que promovia bailes que ao mesmo tempo que proporcionavam o divertimento familiar, constituía um espaço utilizado para o cortejamento, para a paquera, para o estabelecimento de novos casais e integração entre as diferentes famílias dessa boa sociedade.

O caminho percorrido até aqui, como também as análises apresentadas no capítulo anterior, nos oferece um panorama de como as relações de paquera entre homens e mulheres se estabeleciam em determinado período da década de 30 e 40. Esta trajetória analítica nos ajuda

a perceber a existência de um passado viçosense que foi marcado pelo divertimento popular – referente ao contexto rural da cidade - e posteriormente urbano, que se relaciona com o que estava acontecendo em determinadas partes do Brasil, principalmente no que diz respeito às mudanças dos hábitos culturais de uma determinada elite, que começa a ter uma cultura do divertimento voltada para os clubes e bailes.

Quando me refiro ao divertimento popular, estou destacando o fato de que Viçosa possui um passado extremamente agrário, marcado pela cultura de engenho e relações sociais patriarcais e familistas, no qual, os folguedos, como por exemplo, o reisado e o guerreiro, formados por pessoas pertencentes à classe popular, constituíam o principal tipo de divertimento destas pessoas, como também dos donos das fazendas e suas famílias, pois eram estes grupos que animavam algumas festas familiares, além de se apresentarem no período natalino nas fazendas que os contratavam, além das festas religiosas, ou seja, estes folguedos também eram brincados pela elite, pois foi introduzido no Brasil pelos portugueses, isto é, pela elite.

Podemos observar a existência desse tipo de festa a partir do relato do cronista João Maria de Melo (1986), que descrevendo as memórias acerca de sua infância, lamenta o fato de que o reisado não dançava mais na fazenda de sua família, pois seu pai não gostava dessa manifestação da cultura popular. Melo, questiona se não teria sido o fato do pai ter saído de Viçosa para estudar medicina na Bahia a ter-lhe “apagado na alma o amor à tradição matuta”, entretanto o mesmo não acredita que tenha sido isto e escreve: “se fosse por isso eu não me conservaria adepto fervoroso de toda e qualquer “função”. Cada um nasce com a sua estrela na testa, no espírito ou no sangue. O meu pai não gostava de ouvir nem o grito de Mateu.”(MELO, 1986, p.27)

Quem mais sofria com essa ojeriza, era eu. Ficava morto de inveja por saber que o Tenente Juvêncio, do Brejo – seu cunhado -, gastava cem, duzentos mil réis por ano, para ver reisado dançar uma, duas, três vezes, para regalo da família e da cabroeira. Só raramente consentia o meu pai à solidão lamurienta dos filhos e de nossa mãe – advogada nossa -, dispondo-se a proporcionar-nos uma noite de alegria, contanto que o reisado não dançasse na casa grande. Reservava-lhe a casa de engenho; com o que muitos mestres não concordavam, e com razão, sob a alegação de que o pelo da cana e a poeira do chão batido amarrotavam-lhes as roupas e os enfeites. Avaliem quanto sofríamos, ao dar-se esta recusa. (...)Haveria de ser, porém, a Viçosa, que me transfundiria, até a última gota, o amor à tradição. Acrescentou-me o que do berço trazia. Na Viçosa é que enchi – como quem diz – saciei-me de tanto assistir folguedos populares; reisado, chegada, quilombo, caboclinho. Anos atrás – bons tempos – em que eu era médico, médico e moço, e não era homem político que depois vim a ser, quando ainda não existia o rádio, que levou de cambulhada muita coisa simples, bela e poética de nossa gente – não me cansava em esperar tempo de festa, para comprazer-me com as ingênuas e legítimas diversões populares. (MELO, 1986, p.28)

Trago esse trecho de uma das crônicas de José Maria de Melo para mostrar de que maneira o divertimento era vivenciado antigamente em Viçosa, dando ênfase para um tipo de divertimento rural que difere dos espaços de sociabilidade criado em Viçosa no período em que a cidade passava por um processo de urbanização. Além disso, podemos observar que o cronista só conseguia associar o fato do pai não gostar dos folguedos populares ao fato de que cada já nasce com determinadas predisposições e gostos, e coube ao seu pai não gostar do Reisado. Mas podemos pensar que o afastamento do pai para estudar medicina, pode o ter levado a vivenciar um conjunto de hábitos culturais diferentes daqueles vivenciados nos engenhos de Viçosa, o que fez com que o mesmo não apreciasse o Reisado da mesma forma que sua família e conterrâneos. Entretanto, mesmo não conseguindo apreciar o Reisado em sua infância, Melo nos apresenta que em determinado período de sua juventude, tais manifestações populares estavam presentes no contexto urbano da cidade, pois quando ele fala que foi em Viçosa que conseguiu assistir determinadas apresentações, que dizer que foi no espaço urbano, pois a fazenda de seus pais pertencia ao município.

As apresentações dos folguedos no espaço urbano aconteciam nas festas religiosas, principalmente, na festa do padroeiro e no período natalino, no qual se apresentavam na porta da Igreja do Rosário, existente em Viçosa desde a sua fundação. Mas de que forma tais manifestações se associam com o repertório de comportamentos eróticos mobilizados por determinados indivíduos nesse período? Como nos lembra Azevedo, neste período o Brasil possuía uma série de regulamentações acerca de como e com quem as pessoas deveriam se relacionar eroticamente, o casamento era algo controlado diretamente pelos pais, principalmente no contexto rural, pois era o pai que decidia com que seus filhos se casariam, já que tal instituição possuía o objetivo de integralizar determinadas famílias, e como vimos no capítulo anterior, tal regulamentação era extremamente presente no contexto da boa sociedade viçosense.

Em uma Viçosa já urbanizada, aquela em que João Maria de Melo viveu a sua juventude e presenciou a manifestação de determinados grupos populares, podemos afirmar que as mudanças, já apontadas no primeiro capítulo, referentes ao tipo de regulamentação erótica aos rapazes e moças começava a se alterar, principalmente com a criação de determinados espaços de divertimento, como por exemplo, os clubes e seus bailes. No momento em que Melo relata suas memórias acerca da juventude, ele se refere à década de 50, período em que Viçosa já possuía um determinado divertimento voltado para a boa sociedade, como por exemplo o Clube

dos Diários, e que já começou a revelar de maneira mais evidente uma lenta informalização dos costumes, mas também incorporava em seu repertório de divertimento as festas religiosas, que contavam com a apresentação dos folguedos. E mesmo sem toda a seletividade que o Clube dos Diários proporcionava, a boa sociedade ocupava esse espaço, e o mesmo era um ambiente para trocas eróticas.

Azevedo já nos mostra que as missas, quermesses, festas de padroeiro, eram as desculpas mais usadas pelas moças para saírem de casa e mesmo que timidamente e de longe, trocaram olhares com os rapazes que as interessavam, e em Viçosa esse tipo de fenômeno estava presente, e quando era festa natalina ou do padroeiro, os folguedos se faziam presentes. Embora não fossem o alvo dos rapazes da elite para o casamento, as moças que dançavam nos folguedos também eram cortejadas por eles, entretanto, podemos presumir que sem o interesse para um compromisso mais sérios, pois interesses familiares e sociais ainda estavam presentes naquele contexto.

José Maria de Melo relata que os homens tiveram a ideia de criar um grupo de Reisado só com mulheres, o que para eles era uma maravilha, já que podiam apreciar toda a beleza das moças que se apresentavam, e que eram condizentes com alguns ideais de beleza dos mesmos.

Houve épocas, não distantes, em que foi adotado na Viçosa, com sucesso incomum, o reisado das moças. A ideia deve ter partido dos homens. Deus me perdoe, mas o seu Zé Aloísio, da Mata Verde, O Capitão Gé, do Barro Branco, e Major Vivaldo, da Boa Sorte, não me parecem estranhos a essa ideia! O mais famoso destes reisados foi o de Maria Odilon, cabocla nova, bonita e boa, exímia em dançar e melhor em cantoria, que fez perder o juízo a muita cabeça que não o tinha. (MELO, 1986, p. 29)

Utilizo este relato de Melo para mostrar que o interesse erótico pelas mulheres pertencentes à classe popular existia e era, mesmo que não explicitamente, manifestado. Além disso, o fazer perder o juízo se refere ao fato de contrariando determinadas regras da boa sociedade, os homens decidiam cortejar ou vivenciar alguma relação com determinadas moças, e neste caso Maria Odilon, pois ter juízo é se autocontrolar e seguir determinadas regulamentações sócias, porém, se alguns o perdem, isso significa que algumas emoções não estão sendo negadas, e neste caso, pode até ser a tentativa ou manutenção de uma relação extraconjugal. Melo se refere a essa passagem de sua vida de maneira saudosista e lamenta toda a mudança pelas quais os folguedos passaram, até no que se refere à composição dos reisados femininos, pois seus ideais de beleza já não são correspondidos. Ele afirma que “as próprias mulheres nos desencantam! Tenho visto, por essas brenhas, muita matuta jeitosa, desfigurada

– no rigor do último figurino – com roupa saco, balão, Charleston, colher, trapézio, diretório...O cão!” (MELO, 1986, p. 29).

Portanto, a beleza não se refere apenas aos aspectos físicos da mulher, mas sim às suas vestimentas e comportamentos, o que juntos são capazes de encantar os homens, tanto é que um outro cronista ao falar das mulheres afirma que:

Admiro-lhes esse interesse permanente em fazerem-se belas, esse zelo meticuloso em bem se apresentarem, no desabrochar de um sorriso, no brilho de um olhar, na meiguice de um gesto, no enfeite de um vestido. Mostrarem-se belas ainda é o recurso insuperável de que dispõem as mulheres para atrair o homem, condição propícia a que as procurem as abelhas, na dupla missão de sugar-lhes o néctar e transportar-lhes o pólen destinado à fecundação. (...) A experiência de vida nos ensina que, quando mais cobiça nos desperta um objeto, mais nos leva a julgamentos contraditórios, conforme tenhamos ou não possibilidade de possuí-lo. É o que acontece com a mulher. Se nos corresponde é um anjo; se nos recusa é um demônio. Tenho ouvido dizer que três coisas neste mundo dão prazer ao homem: cachaça, dinheiro e mulher. (PASSOS, 1993, 75)

Podemos observar no trecho apresentado, o ideal de feminilidade na perspectiva de alguns homens, como também quais os recursos a serem utilizados pelas moças para atraírem os desejos e interesse dos rapazes, o que exige delas todo um conjunto de etiquetas, ao mesmo tempo em que os homens estão mais abertos para vivenciarem determinadas emoções, isto é, os prazeres que o cronista diz serem os únicos da vida de um homem.

O cronista toca em um ponto importante para este trabalho, que é a cachaça, pois esta ocupou um lugar específico na vida de terminados indivíduos da elite viçosense, por meio da boemia, o qual é dela que iremos falar agora, e como se vincula ao universo erótico viçosense.

### **3.3 “Sem método até água de pote faz mal” - A boemia viçosense na segunda metade do século XX.**

Segundo Melo (1995), a existência do Clube dos Diários durou cerca de 30 anos, aproximadamente até o final da década de 60, e durante toda a sua permanência continuou ativo, com seus bailes e encontros festivos. De acordo com o mesmo autor, frequentar o clube dos diários significava o deslocamento da infância para a juventude, e isto queria dizer que a dança, o álcool e o flerte começavam a fazer parte de suas vidas, pois o clube não era coisa para crianças, mas para adultos, que embora a entrada fosse proibida só para menores de 12 anos, a presença de adolescentes só era permitida com a companhia dos pais, já que para frequentar o clube era necessário seguir um estatuto bem delimitado.

(...)Mas o melhor estaria por vir: o baile, à noite, no Clube dos Diários. Já havia dançado em festas de aniversário de meninos de minha laia e tinha gostado. No Clube dos diários, nunca. Lá era lugar exclusivamente para gente grande, diziam-me. Porém o baile era o ponto alto do programa, e se eu havia participado das demais solenidades, sujeitando, compenetradamente, a ouvir uma batelada de discursos intermináveis, com aquele Dr. Vilela, que durou 151 anos – desde a fundação de Viçosa em 1790, por Manoel Francisco até a data da visita do Major Ismar em 1941 – por que seria impedido de desfrutar do melhor? Partindo dessa premissa, ciente e convicto dos meus direitos desafiei as incertezas que ainda me continham e, sem pedir permissão a ninguém, na onda dos acontecimentos, fui, pela primeira vez ao clube dos diários. Lá, todo fagueiro, vestido numa roupa de tropical marrom (pena que calça curta) balancei o esqueleto até de madrugada no embalo de Siboney, dançando ao som da famosa Jazz-Band do 20º Batalhão de caçadores que viera de Maceió para tocar naquela oportunidade. (...)Depois daquela noite da minha estreia no Clube dos Diários, me senti desimpedido para tentar novos desafios. Já não era mais menino de cueiros, asseverava a mim próprio, e aos poucos, fui botando as unhas de fora. (Melo, 1995, p. 167-168)

O trecho apresentado acima consiste em um relato do cronista acerca de um episódio de sua adolescência, revelando alguns de seus anseios sociais. O fato dele ter ido ao Clube dos Diários sem a permissão dos seus pais é consequência da necessidade que determinados adolescentes possuíam e que se referia ao desejo de experimentar os prazeres e emoções que as festas e o universo adulto proporcionavam. Naquele momento, embora houvesse significativos regulamentos que o proibiam de frequentar o clube, ele cria meios para que a sua ida fosse possível, o que demonstra a satisfação de determinados prazeres sem a culpa que determinados constrangimentos sociais tentavam impor aos indivíduos.

Este relato de Denis de Melo, não se refere a segunda metade do século XX, mas sim ao ano 1941, uma festividade ocorrida em Viçosa para festejar a visita do Major Ismar Góes Monteiro, Interventor Federal. Essa visita fez com que a elite festejasse durante dois dias, com jantares, discursos e finalizando com o baile. Melo ainda era pré-adolescente quando frequentou o clube dos diários pela primeira vez, ocasião que provou a cerveja. Além disso, trago o trecho porque após alguns anos, quando retorna à Viçosa para morar, já na sua juventude, o Clube dos Diários torna-se de fato um de seus ambientes favoritos, bem como o bar do Zé do Cavaquinho, grande boêmio da época. Entretanto, o local preferido de Melo para se divertir não era o clube, mas sim o bar, as ruas, a boemia. A boemia começou a ser apreciada por boa parte da juventude, eminentemente masculina, que começou a se juntar com os boêmios mais velhos e expandir esse tipo de divertimento na cidade. Os bares e calçadas eram pontos de encontro entre os homens viçosenses, que por meio de serenatas exibiam toda uma série de galanteios para as moças da época. Galanteios estes que eram exibidos nas praças e pelas ruas que passavam, já que o principal bar ficava localizado na praça central, onde acontecia os passeios familiares, os festejos natalinos e festas do padroeiro. Os galanteios consistem em todas as práticas masculinas

utilizadas para cortejar as moças, como por exemplo, fazer elogios, trocar olhares, enviar bilhetes, com o cuidado para não ser interceptado pelos pais, pagar a entrada do cinema, comprar doces para a moça, ser gentil, fazer serenatas, dentre outros.

No esplendor dos 18 anos, vivi em Viçosa a fase áurea da minha juventude. Os meus compromissos com o serviço militar no tiro de guerra eu os cumpria à risca, o que não impedia o meu engajamento na sublime e inefável boemia viçosense, sob o comando do insuperável e jamais esquecido Zé do Cavaquinho, uma daquelas figuras, segundo Teotônio Vilela, que só aparecem uma vez em cada século para se tornarem eternas. Fui com muito orgulho seu amigo e discípulo. Com dezoito anos completos, achei que já era tempo de estrear na farra. Foi o que fiz e nunca me arrependi. Afinal, é como diz o ditado: cada fuso com seu uso. Nas paralelas da vida, infeliz daquele que não gozar da quadra da mocidade. (...) Zé do Cavaquinho, em sábia filosofia, sempre alertava: “para tudo tem que haver método, e completava: sem método, até água de pote faz mal. Segundo o seu conselho, metodizei a boemia dentro dos limites apenas do diletantismo. Nada além disso. (...) Naquela época, em Viçosa, o que não faltava era músico de conjunto regional tocando cavaquinho, violão, banjo, clarinete, piston, sanfona, etc. Havia uma saudável mesclagem entre a turma da velha e nova guarda. (...) O ano já se encaminhava para o fim e eu ia aproveitando de tudo aquilo que a Viçosa ainda tinha de bom e divertido, dentro daquele delicioso espírito provinciano que tanto me encantava e que a tornava uma cidade inigualável para mim. Quantas festas! Quantas brincadeiras! Quantas serenatas! Quantos episódios memoráveis! (MELO, 1995, p. 309)

A narrativa exposta envolve uma série de elementos que são indispensáveis para compreender a vinculação da boemia com o cortejamento, e para entender de que forma expressa aspectos de informalização dos comportamentos e emoções, pois o que ela mais proporcionava aos seus adeptos, era a experimentação de determinados prazeres, que não eram de todo liberados, o que revela um dos aspectos da teoria de Elias, retomada por Wouters, ao falar do descontrole controlado. Segundo Wouters (2012) “havia uma distância social e psíquica decrescente entre classes sociais, sexo e gerações, uma mistura de códigos e ideais, identificações mútuas em expansão e uma emancipação das emoções. Tudo somado, essas tendências inter-relacionadas apontam para uma informalização de comportamentos, para crescentes demandas pela regulação das emoções” (WOUTERS, 2012, 548). Ao falar de informalização neste caso da boemia, estamos nos referindo a diminuição da distância psíquica entre gerações, pois Denis de Melo afirma que havia uma mistura entre os mais velhos e mais novos. Além disso, aspectos das regulamentações da geração mais velha, como “metodizar a boemia”, foram apropriados pelos mais jovens e revela o descontrole autocontrolado exposto por Elias, que significa a capacidade de experimentar novas emoções sem deixar de lado a reflexividade a respeito das mesmas, pois nem tudo é permitido, e o indivíduo precisa ter isso arraigado em sua consciência e personalidade.

Para o cronista, a mocidade é o momento de estrear na farra. Mas o que isso significa? Pelo relato do mesmo, ao enfatizar as festas, as serenatas e os galanteios, o que se vincula aos prazeres masculinos identificados por João Maria de Melo, como a cachaça, dinheiro e mulher, podemos presumir que ir para farra significa vivenciar uma série de prazeres ligados ao álcool e ao cortejamento, o que acredito que neste contexto, está incluso as idas aos bordéis que existiam na cidade.

A partir do relato apresentado por Denis de Melo ainda podemos perceber que existia um tipo de regulamentação social e moral que delimitava a idade para que os rapazes começassem a frequentar determinados espaços de divertimento, e até mesmo consumir bebidas alcoólicas. Eles até podiam fazer uso do álcool na adolescência, mas às escondidas, como ele relata sobre sua primeira ida ao Clube dos Diários. Dezoito anos era a idade socialmente aceita para os homens consumirem bebida alcoólica e para frequentar espaços sem a companhia de seus familiares. As mulheres não tinham tais liberdades e por isso que ele fala que “*aos 18 anos já era tempo de estrear na farra*” pois uma das funções da mocidade é usufruir de todos os prazeres que o divertimento os oferece. Ela deve ser usada para isso, afinal “*cada fuso com seu uso*”. Além disso, Ruy Sales Costa publica em um artigo no jornal *A voz de Viçosa* (1951) “*mocidade, és a fase dos prazeres e galanteios. Corrente de alegrias, sonhos e esperanças.*”

Pelo relato do cronista ao enfatizar as festas, as serenatas e os galanteios, o que se vincula aos prazeres masculinos identificados por João Maria de Melo, como a cachaça, dinheiro e mulher, podemos presumir que estrear na farra significa vivenciar uma série de prazeres ligados ao álcool e ao cortejamento, o que acredito que neste contexto, está incluso as idas aos bordéis que existiam na cidade.

O principal personagem que vem à mente ao falar sobre a boemia viçosense é José Rodrigues de Moura, conhecido como Zé do Cavaquinho. Segundo Vasconcelos (2009) Zé do Cavaquinho era “*boêmio, trovador, seresteiro, recordista de farras, sem dúvida um grande artista da música regional com suas composições e interpretações de choros, polcas e valsas.*” (VASCONCELOS, 2009, p. 52)

Quando tinha bar, mas não tinha freguês, era chegar o Zé do Cavaquinho, sentar numa mesa e tudo resolvido. “Adelmo”, dizia o Zé, “quer ver chegar freguês?! Basta que eu comece a tocar um chorinho daqueles e não falta gente pra comprar...” E assim fazendo, começava a aglomeração, depois a farra e depois o grito: “Traz o pitu e a cerveja!” (VASCONCELOS, 2009, p. 52)

Zé do Cavaquinho possuía um bar localizado na praça Apolinário Rebelo, a principal da cidade, e que era frequentado por várias pessoas, inclusive os homens integrantes da elite viçosense, principalmente os rapazes. O bar ainda existe, e foi um dos ambientes observados durante o início da pesquisa, possuindo o mesmo nome “Bar Trovador Berrante”, e constitui um dos principais bares da cidade, frequentado pelas classes média e alta viçosenses e administrado por seu filho, João do Cavaquinho. Segundo Vasconcelos, o bar Trovador Berrante *“foi e continua a ser ponto de atração para turistas, farristas, curiosos, autoridades, saudosistas e para todos. Hoje, existem fotos dele com parceiros de música e com pessoas renomadas e de sua maior amizade (...)”* (p. 54)

Segundo Melo, Zé do Cavaquinho foi quem o ensinou a tocar o cavaco, e o introduziu ao universo da boemia, bem como a alguns de seus amigos. Ele o chamava de mestre, e não esconde o orgulho que sentia ao afirmar isso. Cavaquinho era sinônimo de festa e alegria para os rapazes que faziam questão de tê-lo em seus círculos sociais

Não possuímos dados da presença feminina no universo da boemia em Viçosa, ou seja, não podemos observar a existência de mulheres que reservam um determinado tempo de suas vidas para tocar, cantar e beber nos espaços de sociabilidade da cidade como bares, praças e ruas. O que enfatizo não é o fato de que a boemia só tenha começado a existir a partir dos anos 50, mas que nesse período ela começou a atrair os rapazes pertencentes à boa sociedade viçosense, e embora as bebedeiras e cantorias não contem com a presença das mulheres, e por isso, não seja frequente o estabelecimento de relações eróticas entre os atores sociais masculinos e femininos nestes espaços, a boemia provocou uma abertura maior para que os jogos de sedução acontecessem, pois os espaços públicos, como por exemplo as praças, e principalmente a praça principal onde estava localizado o bar trovador berrante era um ambiente frequentado por moças que passeavam com suas amigas e famílias. A própria praça tornou-se um ponto de encontro, e os rapazes que estavam na farra distribuía seus galanteios, chegando a cantar serenatas para as moças pelas quais estavam interessados.

### **3.4 Footing**

Para Thales de Azevedo (1981), um dos marcos na transformação do namoro tradicional, extremamente controlado pelos pais, foi a modernização das cidades, instituindo o *footing* que consiste em um passeio dos jovens, tanto rapazes, como moças, pelas novas ruas da cidade.

O footing era ocasião para o flerte, um primeiro comércio de olhares, aparentemente casuais, de sorrisos, de gestos significativos. Seria a primeira vez que moças se expunham deliberadamente, ainda que de modo dissimulado, a conquista pelos rapazes em vista do namoro. Ainda hoje persiste, particularmente nas pequenas cidades; o hábito desse passeio das moças diante dos grupos de rapazes que estacionam à beira das calçadas ou no meio das ruas, nos domingos após a missa, à noite durante as retretas filarmônicas, para tirar uma linha e encetar um namoro sério. (AZEVEDO, 1981, p. 227)

De acordo com o autor, fazer o footing era o mecanismo utilizado pelas moças para se oferecerem ao flerte dos rapazes, podendo também escolher os homens com quem queriam flertar. Este sistema está na raiz de circular pelas praças e ruas centrais, no qual os rapazes iam em uma direção e as moças em outra, o que facilitava a troca de olhares no momento em se encontravam.

Abro esse espaço para discutir a respeito do footing porque ele era um sistema presente em Viçosa desde a década de 40, e alguns cronistas relatam de que forma e onde aconteciam em Viçosa, pois as noites de domingo eram marcadas pelo encontro de moças, rapazes, casais de namorados, amigos e familiares na praça Apolinário Rebello.

O coreto era ocupado pela banda de música da prefeitura, sob a batuta do professor Ventura, para a realização das populares retretas; os passeios ficavam congestionados com o footing de grupos de moças e rapazes, senhoras e cavalheiros, que desfilavam apresentando os seus melhores trajes, falando da vida alheia, das novidades, dos seus projetos de vida, dos seus amores secretos, de tudo, enfim; os bancos eram tomados pelos casais de namorados, inebriados de amor, mas sem direito, sequer, a um encontro de mãos, sob pena de escandalizar os fuxiqueiros de ofício; o caramanchão, na placidez de seu ambiente arrefecido pelas folhagens que lhe serviam de teto e parede, atraía senhores de idade mais avançada para conversar sobre suas reminiscências. (MELO, 1995, p. 176)

Portanto, o *footing*, assim como os bailes e festas religiosas, era ao mesmo tempo um espaço e uma lógica de lazer que favorecia o desenvolvimento de padrões de paquera em Viçosa. As praças e ruas, espaços onde aconteciam o footing, eram extremamente regulados pelos olhares dos familiares e de outros que controlavam o contato íntimo. Entretanto, as crônicas, bem como os recortes de jornais trazidos nos livros analisados, nos apresentam a direção que as transformações eróticas seguiram ao longo dos anos em Viçosa, no qual, determinadas regulamentações começaram a perder força na medida em que a nova geração passou a encontrar mecanismos e espaços para fugir do controle dos pais. Determinadas ruas e becos escuros tornaram-se ponto de encontro entre os casais de namorados, ou de pessoas que não estão em um relacionamento sério, mas que querem fugir dos olhares e mexericos dos

outros, que eram também frequentados pelos rapazes e moças da elite viçosense, principalmente dos moços que se dedicavam à boemia.

### **3.5 Beco dos amores**

Ainda se referindo aos dados trazidos por Rebhun (1999) sobre Caruaru, existe um fato que também se assemelha com o que estava acontecendo em Viçosa. Em um determinado momento começou a se desenvolver em Caruaru um sistema de encontros ou namoros de esquina, que acontecia às escondidas, e não em uma esquina propriamente dita, mas em ruas e becos escuros, mantendo um contato íntimo maior e fugindo dos olhares da parentela.

Viçosa também possuiu algo parecido, existem referências ao Beco dos Amores, lugar frequentado pelos casais no período noturno.

O beco de dia era deserto como tal Saara lá da África. Só e sol lá em cima queimando os batentes de cimento do armazém. Á noite, enchiam-se os batentes de amantes. E eles se grudavam tanto que as beatas saíam comentando rua afora – É a filha do Zé. – Pior tava Zuleide. Mas não dava jeito não. Não adiantava nada as beatas falarem. Deviam era rezar com mais fervor. E todas as noites os batentes do armazém estavam cheinhos da silva. Os beijos eram dados ao som lúgubre do lampião da venda de seu Tavares. Mas é a vida mesmo. (PASSOS, 1993, p. 29)

Portanto, as gerações mais novas foram encontrando meios para fugir de toda uma série de regulamentações, que mesmo não vividas como uma liberdade legítima compreendida como plenamente aceitável, fez com que novas experiências e emoções fossem vivenciadas e, dessa forma, abrisse caminho efetivamente para sua aceitação. Todavia, tais vivências ainda não podiam aparecer na cena pública, isto é, as trocas de carinho não podiam ser tão publicitadas assim.

Durante muito tempo em Viçosa, os ideais de amor e romantismo tiveram que conviver com a racionalidade dos interesses e preocupações familiares, que interferiam veementemente nas escolhas de seus filhos o máximo possível. E tal interferência estava também ligada ao fato de quem era a família a se relacionar, como também se o rapaz possuía condições financeiras para ser o provedor da casa, isto é, sustentar a sua família.

### **3.6 Clube Social de Viçosa**

Em um determinado momento houve um deslocamento da elite viçosense do Clube dos Diários para o Clube Social de Viçosa, pois o primeiro clube fechou. Entretanto, os bailes elegantes continuaram a existir, porém o seu estatuto era um pouco mais maleável. Um dos meus interlocutores, que era locutor dos principais bailes do Clube Social de Viçosa, que

começou a frequentá-lo aos 16 anos de idade, relatou que diferente do Clube dos Diários, que delimitava intensamente o perfil dos frequentadores, o atual clube promovia bailes que eram abertos a todo o público, porém os associados eram isentos das taxas de entrada, enquanto que os outros que quisessem participar teriam que comprar o ingresso, que não era tão barato assim. Diferente do Clube dos Diários, os Clube Social de Viçosa já possuía uma flexibilização, a partir da década de 70, em relação ao contato entre diferentes classes sociais, pois permitia a entrada de determinados indivíduos mediante um a determinada taxa, porém meu interlocutor disse que ele não era frequentado tanto pela classe popular porque a entrada não era tão barata.

Além das bandas de jazz trazidas de Maceió, os bailes contavam com a apresentação de manifestações populares como, por exemplo, as baianas. Porém uma das características dos grupos populares apresentados nos bailes do Clube Social, é que os mesmos eram formados por pessoas da boa sociedade viçosense, principalmente senhoras que se dispunham a participar dessas manifestações, o que revela as fortes relações que a boa sociedade possuía com os folguedos.

Segundo ele, a dança era um dos meios utilizados para a paquera, no qual os olhares eram distribuídos com muita facilidade entre os rapazes e moças, tudo de forma muito respeitosa, pois determinados limites não podiam ser ultrapassados, esses limites diziam respeito por exemplo ao beijo em público. Porém, a presença de mulheres e homens desacompanhados dos seus pais começou a ser mais frequente tanto nos bailes, como também nas praças, festas religiosas e cinema.

Uma de minhas interlocutoras relata que namorou um rapaz e que se encontravam com frequência nos finais de semana, tanto no Cine Godoy como também nas festas religiosas que aconteciam na praça, e ele ia leva-la em casa, porém só ia até determinado ponto do caminho, pois seu pai não sabia do namoro, e antes de se despedirem olhavam para os lados para ver se não tinha ninguém e se beijavam rapidamente e ela seguia para casa sozinha.

A entrevistada diz que “adorava” ir aos bailes, mas a porta de entrada para esse meio foram as amigas pertencentes à elite viçosense e que estudavam com ela no “Colégio Normal”, o que identificamos como um sintoma da informalização, pois a distância social entre as diferentes classes conhecia uma redução. De acordo com ela, só conseguiu conhecer essas amigas a partir do momento que começou a frequentar a escola e como era muito extrovertida as meninas a queriam sempre por perto. Segundo ela, a escola possuía vários conflitos, pois “o preconceito rolava solto, quem só podia estudar no Normal era quem tinha seu sobrenome...a menina pobre não podia estudar no Colégio Normal.”

Segundo a interlocutora, ela trabalhava como feirante nas horas vagas porque precisava comprar o tecido dos vestidos para o baile, que fazia questão de ser bonito. Sempre frequentava os bailes com suas amigas que, como falei anteriormente, era a porta de entrada para este universo, contudo saía de casa várias vezes escondida do pai, que era extremamente rígido, e muitas foram as vezes que apanhou ao retornar para casa, mas segundo ela, valia o sacrifício: “Eu apanhava, mas apanhava feliz”

De acordo com Manoel dos Passos, na década de 80 o clube era um lugar de paquera, os meninos iam para dançar, mas também observar a beleza das moças que frequentavam o espaço e paquera-las. Existia um baile mensal das debutantes, no qual as meninas que completavam 15 anos naquele mês se inscreviam e 15 meninas eram sorteadas, o baile era feito para elas, e Manoel dos Passos, disse que era um modo de apresenta-las à sociedade, ou melhor, aos rapazes, que faziam questão de não perder este momento. Era como se dissesse: prestem atenção, essas moças já possuem 15 anos, dessa forma já estão na idade de namorar, prontas para estabelecerem um relacionamento.

Portanto, os bailes e o Clube Social de Viçosa constituíam um dos ambientes mais frequentados pela elite viçosense, que mesmo de maneira mais sutil ainda era capaz de regulamentar parte do erotismo de seus integrantes, mas já apresentava elementos que nos possibilita observar a informalização de determinada informalização, pois as moças já frequentavam os bailes sem a companhia dos pais, e a aproximação social e psíquicas entre diferentes pessoas era estabelecida.

### **3.7 Cinemas**

O cinema apareceu em Viçosa no ano de 1910, trazido por um exibidor ambulante alemão que numa curta temporada de dez dias, exibiu trinta fitas. O agrado foi geral e logo em 1911, Manoel Costa fundou o Cinema Edson, funcionando quatro vezes por semana num trecho da rua Joazeiro. Em 1914, o cinema fechou por ter seu proprietário se fixado em Penedo. Mas, no ano seguinte, uma empresa composta de Honorato Sá, Manoel Brandão Vilela e Manoel Brandão, adquiriu o cinema Edson que desde então passou a se denominar Cinema Aliança. No ano de 1917, sob a regência do maestro Nuno Pimentel, as sessões passaram a ser animadas por uma orquestra constituída de piano, flautas, bandolins e violinos. Em 1919, o cinema foi vendido a Ovídio Edgard de Albuquerque e Sebastião Cardoso, e transferido para uma casa localizada na ladeira da matriz, próxima ao prédio onde funcionou o Banco de Viçosa. (Melo, 1995, p. 105)

Começo esta seção relatando o momento em que o cinema surge em Viçosa, para mostrar que este tipo de divertimento não era algo recente na segunda metade do século XX. O

último cinema que Viçosa possuiu era chamado de Cine Godoy, localizado na praça Apolinário Rebello e existiu até meados da década de 90. O cinema constitui um dos espaços onde o contato entre diferentes pessoas de classes sociais distintas era estabelecido, seguindo até a década de 50 e 60 um tipo de estratificação social em seu interior bastante específica, pois o cronista evidencia isto no seguinte trecho, a respeito do Cine Aliança.

O Cine Aliança era o espelho das classes sociais de Viçosa que ali podiam ser facilmente distinguidas pois cada uma delas ocupava um determinado setor da plateia. Os mais abastados e as autoridades, ficavam na ala direita; a classe média, nas fileiras centrais; o proletariado, na ala esquerda; os meninos, nas primeiras filas da frente, e a ralé no puleiro. E ainda havia mais uma sexta classe que ocupava uma malvista fileira da ala esquerda, onde até as cadeiras eram diferentes das demais. Ali, ninguém sentava; era o reduto exclusivo das chamadas mulheres da vida. (MELO, 1995, p. 111)

Neste relato podemos contrastar a imensa distância social que havia entre os diferentes seguimentos da sociedade viçosense, o que revelava também a distância psíquica dessas pessoas, como também a “superioridade” da boa sociedade Viçosense, o que começou a ser quebrado com o processo de informalização dos regimes de comportamentos dos indivíduos a partir do final da década de 60, no qual o Cine Aliança é fechado e surge o Cine Godoy, que de acordo com os meus interlocutores a diferenciação social apresentada pelo cronista não era presente, e tal espaço tornou-se um ponto de encontro e aproximação dessas diferentes classes sociais.

Outro aspecto importante a ser analisado, é a presença e expressão de “mulheres da vida”, pois embora não tenhamos analisado o bordel como espaço de manifestação das relações eróticas entre os Viçosenses, podemos presumir que a presença do mesmo era intensa, no qual, a divisão do Cine Aliança revelava a “inferioridade” das prostitutas, que não obedeciam aos regulamentos sexuais impostos às mulheres em geral, principalmente, as da boa sociedade que eram impedidas de se aproximarem intimamente com seus pares antes do casamento, porém a existência do bordel nos revela que a vivência sexual era permitidas aos homens ao mesmo tempo que negadas às mulheres, e quando permitidas as relegavam um espaço e prestígio social inferior.

Diferente do Cine Aliança, que havia toda essa separação, uma de minhas interlocutoras, oriundas de uma família de baixa renda, afirmou que frequentava o Cine Godoy com intuito de assistir tanto os filmes, como também encontrar o namorado longe da vigilância de seu pai, e diz que a praça em frente era uma extensão da sociabilidade ao final das sessões.

O Cine Godoy possuía as matinês liberados para todas as idades, mas possuía também suas sessões de filmes pornô, que só era permitido aos maiores de idade. Dois de meus

interlocutores afirmam que durante a adolescência, eram os filmes pornôns que chamavam as suas atenções e a de seus amigos, mas lamentavam não conseguirem entrar.

Aí tinha os filmes bons, filmes da época, eu gostava muito de “Teixeirinha e sete provas”, era cada filme romântico...gostava também de luta, ele gostava (o namorado) e eu tinha que acompanhar, que era na época o famoso Brucili. Então eu era louca pra assistir o filme pornô, mas nunca assisti, porque eu tinha tamanho, eu era grande, só não tinha idade. Só que o porteiro do cinema conhecia o meu pai e me conhecia. Aí eu dizia, “seu Biu deixa eu entrar, eu tenho 18”...Ele dizia: Tem não, eu vou falar com seu pai se você teimar (risos) Aqueles filmes que chamavam atenção, aí botavam no cartaz e a gente se interessava, mas não podia. (Entrevista concedida a autora)

A presença do filme pornô é outro sintoma da informalização, pois os desejos sexuais, começava a ser algo presente entre os viçosenses, prazeres e emoções que eram antes negados socialmente, por meio de determinadas moralidades, sendo regulados ainda pela idade dos indivíduos.

### **3.8 Discotecas**

As discotecas será o último espaço a ser analisado neste capítulo, no qual nos deteremos ao perfil das pessoas que frequentavam esses espaços, como também o tipo de relações eróticas estabelecidas naquele universo. As discotecas surgem em Viçosa por volta da década de 80 e duram até a década de 90. Segundo uma interlocutora, as discotecas possuíam dois formatos de diversão, uma voltada para o público jovem e outra para os adultos. Os adultos, ou casais de namorados e noivos, frequentavam as discotecas nos dias de serestas, que aconteciam aos sábados à noite, já os jovens frequentavam a discoteca nas tardes de domingo, se prolongando para o período noturno. Era nas tardes de domingo que minha interlocutora costuma ir à discoteca, começou a frequentar esse espaço com cerca de 15 anos e ia acompanhada das irmãs mais velhas, uma delas trabalhava na bilheteria da casa de shows.

Segundo ela, o ambiente era marcado por jovens de diferentes idades e classes sociais, e a “azaração” era algo recorrente. Azaração segundo ela era a paquera, a conversa ao pé do ouvido e os beijos e carícias trocados. Quando perguntei se a mesma paquerou muito nesse espaço, ela rindo e gesticulando muito fala que sim, que era ‘muito bom’, e que a paquera acontecia em um momento específico, no período em que as músicas românticas começavam a tocar, o que facilitava a aproximação entre os pares, pois de acordo com ela, vários estilos musicais eram tocados, como por exemplo o Axé Music, pagode e as músicas mais lentas que levavam as pessoas a dançarem em pares. E era nesse momento que começava a conversa ao pé do ouvido, as mãos do rapaz começavam a acariciar o corpo da musa de maneira sutil, até

culminar nos beijos. Ela mesma diz: “Já beijei muita gente naquela discoteca, minha irmã mesmo nem se fala...E os caras ainda pagam tudo pra gente”. Neste contexto o oferecimento de bebidas, bem como outras coisas era, algo constante no momento em que os homens iam cortejar uma mulher, e elas gostavam disso.

Outra interlocutora diz que durante a adolescência e juventude, foram as discotecas os lugares mais frequentados por ela e suas amigas, porém em sua adolescência sua mãe não permitia que ela frequentasse esse espaço, então ela esperava anoitecer e quando sua mãe dormia, pulava a janela e ia para a discoteca. Ela disse que “gostava demais”, porque adorava dançar, mas nunca beijou nenhum homem durante os momentos que estava por lá, pois ela disse que não gostava de se relacionar com ninguém em público, mas que sempre “rolava” alguma coisa depois, pois quando ela se interessava por alguém não deixava de flertar, mas só se relacionaria com ele após algumas conversas.

A partir do que as duas interlocutoras trazem à tona ao falarem sobre suas experiências nas discotecas podemos observar que é no final do século XX que determinadas experiências amorosas começam a se intensificar, que mesmo com a resistência de alguns pais, elas conseguiam frequentar os espaços, paquerar e ter um contato mais íntimo sem a vigilância de terceiros. O processo de informalização e emancipação das emoções apresentados por Wouters começam de fato a se intensificar à medida em que transformações entre a relação de pais e filhos, classes sociais diferentes, e gênero começam a ficar mais evidentes. Neste momento, algumas interlocutoras disseram que também tiveram relações sexuais antes do casamento, sem os pais saberem, o que revela uma maior predisposição desses indivíduos a experimentarem emoções que as gerações anteriores não experimentavam, ou quando acontecia, constrangimentos sociais faziam com que se sentissem culpados, ou mesmo eram julgados socialmente pelos seus pares.

#### 4 A AMPLIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE DIVERTIMENTO E RELAÇÕES AMOROSO-SEXUAIS EM VIÇOSA NO SÉCULO XXI

Caprichados do forró começa a tocar. As pessoas se animam e iniciam a dança. Homens começam a chamar mulheres para dançar, o convite é feito com um gesto, um estender das mãos, o toque na cintura ou braço. Fico observando as pessoas dançarem e beberem durante algum tempo, até que decido voltar para o espaço vip. Chegando lá, vou comprar uma cerveja. Bruna, uma amiga que estava me acompanhando, fica no mesmo local onde ficamos assim que entramos. Compro uma água e volto para perto dela. Começamos a dançar sozinhas enquanto bebo minha água. De repente uma amiga pega na minha cintura e diz que está estranhando eu estar naquela festa. Nós começamos a rir, e explico o que estou fazendo. Então ela diz que vai me ajudar, porque observar paquera é com ela mesma e fica dançando com a gente. Quando estou dançando um homem que estava atrás de mim, me pega pela cintura e começamos a dançar. Dançamos duas músicas e depois ele sai caminhando pelo salão. Quando termino a dança, vejo que Bruna está dançando com um homem. Sheyla me diz para ficar de olho. Enquanto a Bruna dança, o homem fica falando ao seu ouvido, acariciando suas costas e depois tenta beijar sua boca. Ela vira o rosto. Ele tenta novamente e não consegue. Continuam dançando. Quando a música termina, ela volta balançando a cabeça em negativa. A gente começa a rir e continuamos dançando. O mesmo rapaz que estava paquerando Bruna volta pouco tempo depois, e a puxa pelo braço. Eles começam a dançar, enquanto acaricia as costas dela, segura em sua nuca e fala coisas ao seu ouvido, depois tenta beijá-la. Ela se esquiva mais uma vez, mas permanece com o rosto colado no dele. Continuam dançando e conversando ao pé do ouvido. Depois ela segura em sua nuca e começa a beijá-la. Dessa vez Bruna corresponde. Elas ficam alternando a dança e beijos durante alguns minutos. Depois param de dançar, e Bruna volta para junto da gente rindo e dizendo que ele venceu pela insistência. (Registro de campo)

A descrição acima se refere à um episódio ocorrido durante uma das observações dos shows de forró realizados no Clube Social de Viçosa, e começo o terceiro capítulo dessa forma porque é uma maneira de fazer com que o leitor seja diretamente introduzido ao universo de análise desta seção, que tem como foco não apenas os shows de forró, como também os bares e churrasquinhos, no qual busco demonstrar e analisar como esses espaços apresentam um tipo de cortejamento diferente dos espaços analisados nos períodos anteriores, pois aqui podemos presenciar de maneira mais evidente como as relações de paquera passaram por um processo de informalização, processo este que iniciou em décadas anteriores, quando os filhos já encontravam meios de burlar o controle parental.

O que diferencia os períodos anteriores do que está sendo exposto aqui, é, justamente, uma maior aceitação, por parte das diferentes gerações de homens e mulheres, de relações mais sexualizadas e vivência de emoções e excitações anteriormente tidas como proibidas. Além disso, as relações de paquera estabelecidas nesses ambientes começam na dança, no contato

com o outro corpo, no cheiro do cangote, no falar ao pé do ouvido, no acariciar da pele, culminando com beijos, ou seja, tais relações perpassam por um jogo de sedução que não descarta o contato mais íntimo e físico. Podemos observar na descrição acima que o próprio fato da moça virar o rosto na primeira tentativa de beijo, e posteriormente corresponder à segunda tentativa, faz parte de um jogo de sedução que é prazeroso para ambos, fazendo com que os dois fiquem mais excitados.

Portanto, este capítulo tem como objetivo analisar de que forma o cortejo, ou seja, a paquera é estabelecida em espaços de divertimento; é claro que não consigo dar conta de todos os espaços de divertimento presentes na cidade, por isso faço um recorte desses ambientes. Como demonstrei na introdução, somente os churrasquinhos, bares, principalmente, o bar trovador berrante, e os bailes de forró realizados no clube social de Viçosa entram na análise. Como já mencionei anteriormente, comecei a frequentar estes ambientes desde o início da pesquisa, o que fez com que eu conseguisse descrições precisas de como as pessoas paqueram e são paqueradas nestes ambientes. Entretanto, os registros de campo dos bares e churrasquinhos foram realizados nos primeiros meses da pesquisa, ajudando a delimitar o objeto de estudo, enquanto que os shows de forró foram os ambientes frequentados por mais tempo, o que faz com esse capítulo mantenha o enfoque principal nas relações estabelecidas nos espaços marcados pelos shows, pois é nele que conseguimos observar mais nitidamente uma flexibilização das fronteiras referentes às relações entre homens e mulheres de classes sociais e gerações diferentes, além de permitir uma aproximação erótica que permite o contato íntimo entre os indivíduos.

Dessa forma, diferente dos capítulos anteriores, esta seção tem uma veia etnográfica bastante forte, pois tentei, por meio das observações e descrições, captar as principais características que envolvem os jogos de sedução acionados pelos indivíduos no momento em que estão cortejando uns aos outros. Além disso, por meio das descrições e análises que se seguem, é possível que o leitor perceba algumas diferenças existentes no modo como as pessoas atualmente cortejam e posteriormente possamos comparar de maneira mais precisa com as décadas anteriores.

Antes de prosseguir com a apresentação e análise dos dados, abro um parêntese para explicar que é neste momento que podemos observar de maneira mais evidente a informalização dos costumes, tanto discutida por Wouters (2007) em seus trabalhos. Conseguimos observar aqui que quando falo que houve uma transformação das relações de paquera ligadas a mudanças nos espaços de divertimento, quero enfatizar que tais modificações foram direcionadas a uma

maior informalização dos costumes, pois as características dos espaços aqui analisados e as relações estabelecidas neles refletem uma maior redução de vários distanciamentos sociais entre homens e mulheres, jovens e adultos.

Aquela configuração de bailes entre a boa sociedade viçosense, discutida no primeiro capítulo, começou a passar por um processo de erosão, como foi demonstrado na segunda seção desse trabalho, processo esse que teve início a partir do momento em que os estratos populares começaram a compartilhar de determinados elementos culturais, como por exemplo, frequentar cinemas, discotecas e bailes, nos quais a própria elite estava presente. As linguagens eróticas e dançantes também passaram por um processo de transformação, pois os jovens começaram a experimentar, cada vez mais cedo, determinados prazeres e gratificações sexuais, embora alguns conflitos e dilemas persistissem, como por exemplo, a ideia de que existe a mulher “para casar” e aquela que é “para curtir”, ideia que também foi aos poucos enfraquecendo, pois, as mulheres reivindicavam cada vez mais a participação nesse rol de gratificações sem serem tão julgadas.

Mesmo correndo o risco de ser repetitiva quero destacar aqui, ou retomar outros aspectos da teoria de Wouters (2017), pois será essencial para que possamos compreender ou apontar onde e em que momentos a informalização começou a acontecer, pois nos capítulos anteriores já conseguimos observar algumas transformações nesse sentido.

Wouters (2017) estava preocupado em como se dava a regulamentação da sexualidade, cortejamento e desejo dos jovens e adolescentes, que obedecia à dinâmicas familiares e sociais bem delimitadas, para que a reputação dos jovens, principalmente das moças, fosse preservada, bem como a integração da boa sociedade fosse mantida, delimitando os espaços para os encontros, como por exemplo, o namoro e o noivado, que muitas vezes não ultrapassava a sala de visita da moça com a presença de um adulto, como também proibia o sexo pré-marital. Entretanto, Wouters (2017) afirma que até a Segunda Guerra Mundial, tais países analisados passaram por uma série de transformações que tinham como direção uma maior emancipação da sexualidade dos jovens e das mulheres, principalmente a partir da Revolução Sexual em 1960.

Tanto as relações de cortejo quanto os noivados começaram a ficar cada vez mais carregados de sexualidade. Mais especificamente, o processo foi em direção a uma maior liberdade para controlar a dinâmica dos próprios relacionamentos, fossem eles românticos ou não, e para decidir sobre a respeitabilidade das condições e dos lugares de encontro. (WOUTERS, 2017, p. 14)

Quando Wouters escreve sobre a maior sexualização dos noivados e do cortejo, está se referindo a um processo de informalização dos comportamentos no que diz respeito a se relacionar eroticamente com outros na juventude ou adolescência, pois toda a rigidez e formalidade desses aspectos começaram a entrar em erosão, e os pais tiveram que abrir mão de boa parte dos controles que exerciam sobre a sexualidade de seus filhos, que tiveram mais poder para escolher com quem se relacionar.

O marco temporal mais importante, que sinaliza o momento em que os jovens começaram a vivenciar essa maior liberdade, se refere àquele que já mencionamos, a década de 1960, que teve como acontecimento, a Revolução sexual, que propiciou uma maior liberdade sexual, por meio de várias conquistas, obtidas através de várias lutas políticas, principalmente de cunho feminista.

Entretanto, Wouters (2017) já assinala a década de 1920 como um período em que os jovens e adolescentes americanos encontravam formas de escapar do controle de seus pais, estabelecendo relações de cortejo mais autônomas. Isto foi possível, principalmente entre os jovens universitários que conseguiam manter uma maior distância social e espacial em relação aos seus pais, mas atingiam boa parte dos adolescentes e jovens de maneira geral. Diferente do noivado, que seguia rituais ou fases precisas, que regulamentava quem, como, onde e quando aconteceria o cortejo e contato mais íntimo entre os pares, os jovens americanos criaram um sistema de encontros que ficou conhecido como *dating*, no qual a escolha de um parceiro(a) não passava pela autorização ou mediação dos pais, pois os rapazes tomavam a iniciativa, e sem a vigilância familiar, a moça é que era responsável por controlar ou refrear possíveis avanços sexuais mais íntimos, e caso algo se concretizasse, era ela a responsável, mesmo que os avanços fossem decorrentes dos abusos por parte do rapaz.

Portanto, para Wouters (2017), a década de 1920 significava para os adolescentes e jovens viver de acordo com dois códigos, um adulto, mais formalizado e outro jovem, muito mais flexível em relação ao sexo, exigindo uma série de autocontroles, principalmente por parte das mulheres, o que significava um tipo de informalização dos costumes, já que os controles externos não se faziam presentes.

Assim como os EUA, os Países Baixos começaram a vivenciar o processo de informalização do cortejo e transformação da sexualidade dos adolescentes no início do século XX, no qual, a geração mais jovem buscou meios para flexibilizar os códigos formais de cortejamento, eliminando o sistema de acompanhamento e escapando da vigilância dos pais. Tanto os EUA quanto os Países baixos não estenderam tais transformações de maneira

igualitária para todas as classes sociais, o que fazia com que o código formal de cortejamento existisse ao mesmo tempo em que o código juvenil estava se firmando, pois enquanto as classes médias e baixas flexibilizavam seus regulamentos e dava espaço para o avanço do cortejamento informal, as classes altas mantinham sua rigidez e faziam com que os adolescentes, aparentemente, ainda se submetessem aos seus códigos de comportamento e livros de boas maneiras, os quais revelavam as etiquetas das boas sociedades, já que os livros estavam a serviço das mesmas.

Quando falo sobre cortejo informal, ou na percepção de Wouters (2007), informalização dos costumes, estou me referindo a um modo de paquerar e relacionar-se eroticamente e sexualmente que tem como pressuposto a liberdade em manter um contato mais íntimo entre os casais, e que não está voltado apenas aos interesses sociais e familiares, no que diz respeito ao casamento ou procriação, mas que também leva em consideração os prazeres e gratificações sexuais que o desejar, paquerar, cortejar começaram a envolver. Estamos deixando de lado o noivado tradicional que era determinado e mediado pelos familiares, que seguia regras específicas, como por exemplo, o não contato íntimo e físico e no qual os encontros não ultrapassavam a sala de estar dos noivos; para focar nos tipos de relacionamentos em que os jovens possuem mais autonomia em escolher com quem e como devem se relacionar eroticamente e sexualmente, como por exemplo, o *dating*, criado pelos jovens americanos.

Como já mencionei, nos EUA, o *dating* era o novo sistema de encontros estabelecidos entre os jovens, sistema este que possibilitava o contato mais íntimo e prazeroso entre homens e mulheres, contudo, nos Países Baixos, o novo sistema ou código de cortejamento era denominado *verkering*, que significava um tipo de cortejamento mais informal, sem a seriedade ou compromisso que o noivado exigia, era “ficar estável” com alguém, sem necessariamente possuir o interesse em casar-se. O *verkering* assim como o *dating* foi um mecanismo criado pelos adolescentes para fugir de toda a regulamentação parental, além de encontrar na paquera, no cortejamento, um meio para satisfazer seus anseios sexuais sem serem necessariamente amorosas.

A preparação para a emergência de uma nova regra entre os pais holandeses foi uma informalização do “ficar noivos”, a difusão do *verkering* (ficar estável) e das políticas parentais de ficar na cena, indicando níveis mais altos de integração social e maiores declínios nas diferenças de poder entre classes, gêneros e gerações. No entanto, a longa preservação de uma boa sociedade homogênea, criou uma disparidade crescente entre a fachada de decência e as realidades dos bastidores. Quando essa disparidade foi varrida nas Revoluções expressivas e Sexual dos anos 1960, ela também levou consigo a velha regra, e crescentes números de pais permitiram abertamente que seus filhos fizessem sexo, mesmo em casa. (WOUTERS, 2017, p. 10-11)

O trecho acima nos mostra que para Wouters, o novo sistema de encontros, como o *verkering*, foi o início ou preparação para uma maior informalização da sexualidade, embora ainda com alguns dilemas que só foram abertamente modificados ou atacados com a Revolução Sexual, como por exemplo, a resistência dos pais em reconhecer que seus filhos mantinham relações mais íntimas com os parceiros (as), fazendo com que os mesmos, aparentemente, seguissem o código formal.

Segundo Wouters, os pais foram aconselhados a flexibilizar suas regulamentações e controles para que seus filhos não chegassem a manter encontros totalmente indesejáveis, já que passaram a ter uma margem de manobra muito delimitada. Dessa forma, os pais começaram a dar espaço para que seus filhos se encontrassem com outros, e no caso da Holanda, com o passar dos anos, os pais começaram a permitir que esses encontros acontecessem em suas próprias casas, entretanto, embora o noivado não permitisse explorações sexuais, o *verkering* permitia o desejo e exploração sexual, mesmo sem se tratar de uma relação amorosa, baseando-se ainda em autocontroles.

Enquanto que a Holanda foi pressionada pelos grupos sociais, principalmente as boas sociedades, a quebrarem o muro da hipocrisia, referente à uma fachada de decência e os pais tiveram que, aos poucos, reconhecer ou aceitar que seus filhos estavam seguindo outros códigos sexuais e eróticos, revelando uma maturação e libertação sexual; os EUA continuou durante muito tempo, principalmente por não possuir uma boa sociedade coesa, a praticar uma política que ficou conhecida como “não pergunte, não fale”, que significava permitir que seus filhos tivessem espaço suficiente para flertarem e se relacionarem intimamente e sexualmente com outros parceiros (os), enquanto que eles fingiam não ver ou não saber. Essa política fez com que o sexo pré-marital fosse tardiamente aceito em suas residências, enquanto que na Holanda os filhos começaram a ter a permissão mais rapidamente, depois da Revolução Sexual de 1960.

Ao avançar da liberação sexual, os pais holandeses criaram novos meios e técnicas para continuarem minimamente controlando a vida sexual de seus filhos, pois não queriam estar completamente fora desse âmbito de suas vidas. Para isso o *gedogen* foi altamente praticado, que é uma espécie de “permissão condicional de uma prática, geralmente combinada com uma política de dissuasão cautelosa. Gedogen permite àqueles que toleram a prática ficarem ‘na cena’ e prevenir a prática de sumir no ‘submundo’ e assim manter um olho controlador”. (WOUTERS, 2012, p. 42) Portanto, o *gedogen* significava “ficar na cena”, e ficou mais explícito quando a proibição do sexo pré-marital começou a enfraquecer e os pais passaram a

permitir que seus filhos tivessem relações sexuais sob seu teto, como uma forma de controlar e saber com quem seus filhos se relacionavam.

A análise de Wouters nos mostra que a informalização da paquera e das relações sexuais começaram na década de 1920, mas que tiveram como marco transformador, a Revolução Sexual de 1960, na qual várias conquistas foram alcançadas, principalmente pelas mulheres, e homossexuais, que puderam discutir mais abertamente sobre dilemas e questões referentes às desigualdades de gêneros. Foi nesse período que os anticoncepcionais deixaram de ser proibidos, as mulheres se emanciparam sexualmente, no qual os seus anseios sexuais foram reconhecidos, além disso houve uma maior liberação sexual, e foi neste momento que a proibição do sexo pré-marital foi abertamente atacada e começou a erodir.

A Revolução Sexual, impulsionada pela separação entre sexo e reprodução, assim como por demandas feministas e homossexuais, pelo direito ao prazer, é uma inflexão histórica – ainda em andamento – baseada na transformação comportamental e na luta pela igualdade de gênero. Sua principal marca foi a politização do privado, ou seja, o reconhecimento do caráter social e histórico da intimidade – a vida pessoal, afetiva e sexual -, esfera que passa a ser vista como campo de batalha por igualdade e segurança. (MISKOLCI, 2017, p. 75)

Segundo Miskolci (2017), as transformações pelas quais a sexualidade passou, em vários contextos, e me atrevo a dizer que inclusive os analisados por Wouters, foi resultado de uma série de disputas e principalmente pela quebra da ideia de que as relações sexuais deveriam ser vistas sob a ótica da reprodução e do casamento, na qual os anseios por liberação sexual entraram em pauta, visto que a sexualidade foi reprimida ao longo dos anos.

Portanto, por meio da Revolução Sexual, toda a ótica patriarcal e familista que regulamentou as relações sexuais entre os indivíduos começou a perder força, o que possibilitou o surgimento de novas formas de se relacionar eroticamente e sexualmente com o outro. Isso não quer dizer que não houve conflitos e que toda a regulamentação formal tenha sido derrubada, mas que pela primeira vez os indivíduos começaram a olhar para seus desejos, prazeres e casamento de uma outra forma, vinculando o sexo e o amor em uma mesma relação. Segundo Wouters, foi nesse período que aconteceu uma sexualização do amor e erotização do sexo, pois esses dois elementos da vida social – o sexo e o amor – foram apartados durante muito tempo, ou a relação era sexual ou amorosa, isto é, as explorações sexuais não estavam destinadas aos noivos antes do casamento, mas sim a possíveis relações contraídas nos sistemas de encontros, tanto o *dating* como o *verkering*.

Mas qual a real necessidade de ressaltar todos esses aspectos da teoria de Wouters? De que forma eles se vinculam ao que será discutido neste capítulo? Vale ressaltar que Viçosa não vivenciou os processos de transformação do cortejamento e da sexualidade da mesma forma que aconteceu nos EUA e na Europa, entretanto, os aspectos analisados por Wouters desses contextos nos ajudam a entender as direções que tais transformações tomaram no contexto de Viçosa, pois também foi direcionada a uma maior informalização dos comportamentos e costumes, que proporcionou uma maior liberdade emocional para vivenciar determinados prazeres e excitações.

Neste capítulo estaremos analisando de que forma os aspectos referentes ao modo como as pessoas paqueram estão relacionados a processos de informalização, pois conseguimos observar a existência de relações cujas explorações sexuais são muito mais vivenciadas que antigamente, sem o controle total dos pais. Além de existir uma maior aproximação social e psíquica de homens e mulheres de diferentes gerações, frequentando os mesmos espaços de sociabilidade e flertando uns com os outros.

Quando Wouters enfatiza a existência, em seu contexto de pesquisa, de um código informal que foi estabelecido pelos jovens e mais tarde aceito pelos pais, e que foi iniciado pela capacidade que eles possuíam de burlar o código formal e fugir do controle parental, permitindo uma maior liberação sexual, nos ajuda a entender que no contexto viçosense, embora com diferenças, as liberdades em cortejar e vivenciar a sexualidade e outras séries de emoções foi um processo que teve início nos períodos analisados anteriormente, no qual os jovens buscavam meios de se encontrarem, estabelecendo namoros às escondidas.

O que quero dizer é que podemos observar em Viçosa por meio dos registros de campo dos bares, churrasquinhos e shows de forró em Viçosa, que atualmente os jovens, como também uma geração de homens mais velhos estão muito mais próximos socialmente, pois atualizaram o seu repertório de etiquetas e comportamentos sexuais e eróticos, estando muito mais livres de determinadas censuras morais, o que podemos enfatizar por meio do repertório musical presente nos espaços de divertimento, principalmente os bailes de forró, pois as letras são altamente sexualizadas, que junto com o ritmo permite que homens e mulheres dançam mais sensualmente.

Estes espaços é uma demonstração de que as barreiras sociais entre as diferentes gerações e classes sociais foi rompida, dito de outra forma, o distanciamento psíquico entre esses diferentes grupos diminuiu, pois, embora ainda haja uma determinada seletividade por

parte desses grupos, e os próprios espaços reflitam uma estratificação específica, a presença simultânea desses grupos no mesmo ambiente é um reflexo da informalização.

Quando me refiro à seletividade e estratificação, quero dizer que os espaços que frequentei para fazer as observações são marcados por uma separação espacial e social desses grupos, o que pude constatar por meio do estilo de roupa, consumo de bebidas e meu conhecimento a respeito do perfil social de determinadas pessoas. A seletividade se refere ao fato de que muitos dos grupos sociais paqueram, isto é, flertam apenas com pessoas que compartilham esteticamente do mesmo perfil.

Wouters nos ajuda a entender de que forma os bares, shows e churrasquinhos proporcionam aos indivíduos uma maior informalidade das relações, pois o tipo de excitação que os envolve difere de toda a formalidade que determinados costumes impõem. Portanto, o uso do álcool, com a música, e com as predisposições eróticas e sexuais fazem com os indivíduos estabeleçam entre si um tipo de relacionamento mais informal e mais livres, no qual o contato físico não é extremamente comum, principalmente entre os adolescentes, que se beijam e se acariciam abertamente, sem nenhum pudor.

Júlia, Marina e Sofia são amigas, e após ter entrevistado as três separadamente, em uma conversa informal sobre festas, paquera, bebidas e etc., elas me revelaram aspectos de suas trajetórias eróticas e sexuais que foram mais ricas em detalhes do que quando foram entrevistadas individualmente. Portanto, o que trago agora faz parte de uma conversa informal, que não foi gravada, mas que elas permitiram que eu inserisse em meu trabalho.

Em uma quinta-feira, após o intervalo de 15:00h, encontrei as meninas e seu grupo de amigos, todos meus alunos, e começamos a conversar sobre várias coisas, séries, livros, filmes e etc. Depois de alguns minutos uma parte do grupo foi embora, ficando só eu e as meninas. Começamos a falar sobre festas, álcool, garotos e coisas relativas a isso. Elas começaram a me contar suas experiências amorosas e sexuais e o quanto estavam ansiosas esperando que tivesse alguma festa em Viçosa, pois precisavam dançar e “beijar muito”, segundo Júlia. Marina disse que as três já tinham ido para várias festas e pagado “altos boys”, que em um show que foram, Júlia ficou com 7, enquanto ela ficou com 4. Só Sofia que não ficou com ninguém, porque ela tem medo dos pais e do irmão, então afasta todos os que chegam. Júlia fala que “teve um dia em apareceu três caras, super gostosos, um para cada. Um me chamou pra dançar, outro chamou Marina, e o outro ficou pra Sofia. Então a gente tava dançando. Quando eu termino e olho pro lado, tá lá, a Sofia de braço cruzado e o menino do lado dela do mesmo jeito. Aff, a Sofia é um saco. Já perdeu tanto boy, mais tanto boy. E nesse dia dava certinho, um pra cada.”(Registro de campo)

Sofia diz que não fica com ninguém, porque não consegue, primeiro que já faz três anos que não beija ninguém e acha que já não sabe mais como beijar, segundo que o irmão fica no pé dela, qualquer coisa conta aos pais, e a mãe é muito protetora, e terceiro que ela é uma pessoa

romântica, ela olha para os homens que a paqueram e fica pensando se ele é “o homem de sua vida”, então acaba preferindo ficar sozinha, esperando aparecer o homem certo.

“Ficar” aqui se refere a um tipo de relacionamento que muitas vezes antecede o namoro, o que necessariamente “ficar” com alguém significa que você namorará aquela pessoa. Dessa forma, “ficar” significa você se relacionar eroticamente e/ou sexualmente com outra pessoa, trocando carícias, beijos ou um contato mais íntimo de maneira breve ou sem seriedade, isto é, sem nenhum tipo de compromisso. Portanto, entre os adolescentes e jovens é extremamente comum “ficar” com mais de uma pessoa em um show de forró ou em outros espaços de divertimento.

A situação de Sofia, é que a família, embora que indiretamente, ainda exerce um controle muito intenso em sua sexualidade, revelando ainda uma balança de poder que não a favorece porque é mulher, já que o irmão possui toda a liberdade sexual que quiser exercer, levando sua namorada para dormir em casa e etc., no qual, os pais e o irmão, acham que por ela ser mulher deve se resguardar e não vivenciar determinados tipos de prazeres, o que embora ela queira se desvencilhar desse ideal, não consegue porque está interiorizado em sua personalidade, e segundo a mesma, não é que ela não queira ficar com ninguém, mas ela disse que se conhece e não tem autocontrole, então tem medo de que quando começar não consiga parar, e suas explorações sexuais se concretizem. Portanto, Sofia vive com o dilema de querer manter determinadas relações prazerosas, mas ainda é controlada por uma série de coisas, inclusive o romantismo, o que suas amigas não entendem, pois é necessário “aproveitar a juventude”, segundo Marina.

Trago os aspectos das trajetórias das meninas, que possuem entre 16 e 17 anos, para que percebamos que a geração atual possui uma maior liberdade para vivenciar suas experiências eróticas e sexuais, ainda que com controles e complexidades como é o caso de Sofia, resultado de uma série de códigos morais e patriarcais internalizados nas personalidades de seus pais e irmão. Entretanto, podemos contrastar o comportamento de Marina e Júlia com o de mulheres de gerações anteriores, frequentadoras dos mesmos espaços que elas, como é o caso de Rita, uma dona de casa de 42 anos que afirma ir aos shows de forró porque “gosta de dançar”, mas que quando aparece algum homem interessado por ela, “a noite fica mais divertida”, ainda que não “fique” com ele no primeiro conato.

Assim, eu gosto de festa. Sempre gostei, desde menina. Mas meu pai não me deixava ir, só comecei a ir mesmo quando ele morreu. Eu devia ter uns 18 anos, eu acho. Desde essa época não parei. Gosto de ir aos churrasquinhos também, mas dançar nos shows de forró é muito melhor, pena que não tá tendo muito. (...) Eu até que sou paquerada,

um cara chega e me oferece bebida, me chama pra dançar, tenta me beijar, ou pergunta se tô afim dele. Quando tô, digo que sim, mas não fico com ele ali não, não gosto de ficar com os homens assim que conheço. Eu dou meu número, se ele me procurar a gente conversa e marca em outro lugar. (Entrevista concedida a autora)

Trago o exemplo de Rita porque ele é cheio de complexidades, e nos possibilita explorar análises comparando o comportamento dela com das meninas, e ao mesmo tempo com a existência de moralidades e controles vivenciados pelos integrantes de uma mesma geração. O comportamento de Júlia e Marina nos leva a considerar um tipo de informalização dos costumes que embora Rita já vivencie, as meninas se sentem mais livres em fazer explorações sexuais, sem medos de julgamentos, pois há uma liberação sexual maior. Mas a adolescência de Rita foi marcada por outros tipos de regulamentações, no qual ideais de feminilidade e honra ainda era muito presente, o que a faz não ficar com o homem no primeiro encontro, ou na primeira dança, pois não ceder faz parte do jogo de sedução que ela os envolve. Enquanto as meninas afirmam que “ah, fico mesmo. Às vezes a gente quer ficar por mais tempo, mas depois não vê mais a cara dele... No fim o que importa é viver o momento. ” Dessa forma, elas estão mais preocupadas em vivenciarem os prazeres que esse tipo de relação as oferece. Uma frase que elas utilizam constantemente é: *Deus me livre, porém quem me dera*, para se referir a um homem que segundo elas não vale nada, mas que “pegariam” sem problema nenhum.

Contudo, mesmo com diferenças, o fato de mulheres de diferentes gerações estarem frequentando o mesmo ambiente, paquerando e sendo paqueradas, já demonstra uma maior aproximação psíquica e social entre esses diferentes grupos, além de comprovar a conquista das mulheres por experimentar determinadas gratificações sexuais, mesmo que com intensidades e valores distintos.

O espaço da festa, isto é, dos shows de forró são propícios para a paquera, pois seu repertório musical, o tipo de dança e excitação que ele permite faz com as pessoas estejam mais abertas para vivenciarem algum tipo de aproximação erótica e sexual. É importante ressaltar que o surgimento desses espaços está ligado a um processo que ocorreu no Brasil, em várias de suas regiões, com impactos e características específicas, a partir dos anos 80 ou 90.

(...)destaca-se que apenas após os anos 80 do século XX, o Brasil conhece condições “universais” de redução do medo da fome e da mortalidade infantil entre os grupos mais pobres de diferentes regiões do país, aumentando-se as valências direcionadas para o consumo de bens e serviços simbólicos. (...) Tal surto de ampliação da diversidade expressiva entre os pobres parece expressar a liberação de valências afetivas para novas formas de gratificação e luta, decorrentes das relações das pessoas entre si. Abriu-se novas dimensões simbólicas para os mais pobres sob estruturas de vida urbana crescentemente monetarizadas, nacionalizadas e internacionalizadas. (RODRIGUES; SOUZA, 2017, p. 86-87)

O que quero enfatizar é que o final do século XX foi marcado por uma intensa procura por espaços de divertimento que estimulam a dança e a experimentação erótica. Em Viçosa, o século XXI é marcado por este tipo de consumo de divertimento, e podemos afirmar que este fato se deve a um enfraquecimento da boa sociedade ao longo dos anos, ao mesmo tempo em a estrutura econômica da cidade começa a ser modificada, na qual o comércio começa a se intensificar e com a ascensão de determinados grupos sociais, bem como um maior compartilhamento de hábitos culturais entre os diferentes estratos. As mulheres começaram a paquerar de maneira mais aberta, a consumir bebidas alcoólicas, a escolherem seus parceiros, isto é, começaram a se desvincular de determinadas regras que regulavam suas reputações.

#### **4.1 Bares e churrasquinhos**

Às 21:00h chego ao bar Trovador Berrante, mais conhecido como Bar do Cavaquinho. Neste dia estava tendo música ao vivo, uma antiga banda chamada “couro de minhoca” composta por viçosenses, os quais alguns não moram mais na cidade, que às vezes se reúnem para fazer uma participação musical no Bar do cavaquinho. O repertório musical incluía músicas de Zé Ramalho e Fagner. Já que do lado de fora as mesas estavam ocupadas, decido ficar na parte interna do bar, que não também não possuía mesas disponíveis, por isso me dirigi ao balcão. O bar possui uma arquitetura antiga, tendo placas com os nomes das principais ruas da cidade penduradas na parede, além de um cartaz com a história do bar, fotos de frequentadores e uma estátua do Zé do Cavaquinho, colocada na lateral do bar, próximo a uma parede. Dentro do bar só cabe cerca de dez mesas, e um pequeno palco onde as atrações musicais se apresentam. Em frente a este palco tinha umas quatro mesas ocupadas por algumas pessoas, que interagiam com os músicos, o que pareciam ser amigos dos mesmos. Saio de dentro do bar e observo que as pessoas que estão fora interagem com os que estão em suas mesas, conversando animadamente, ou permanecendo em silêncio. Depois de um determinado momento, voltei ao interior do bar, e fiquei em pé, próximo a uma mesa ocupada por dois casais e outro homem. Pedi para colocar meu copo na mesa deles, pois não havia mais espaço no bar, e conhecia uma das mulheres que estavam sentadas. Eles conversavam sobre assuntos cotidianos, sobre como o trabalho tinha sido cansativo durante a semana, e comentando algumas situações vivenciadas por eles. Enquanto observo, o dono do bar passa por mim e pergunta se estou a trabalho ou só para me divertir, explicando que a banda era composta por “cachaceiros, biriteiros veteranos da Viçosa”. A gente ri, e ele segue para atender algumas mesas. (Registro de campo)

Começo esta seção com a descrição acima porque nos apresenta aspectos importantíssimos a respeito das relações estabelecidas nos bares, neste caso o bar Trovador Berrante. Como foi enfatizado em outros momentos, as relações estabelecidas nos bares são mais restritas e sutis em relação às aproximações eróticas, pois os indivíduos interagem mais com seus grupos. O bar analisado neste capítulo é um cenário importante para observar a informalização dos comportamentos comparado com décadas anteriores, já que o mesmo

aparece em meados do século XX, caracterizado pela aproximação entre jovens e adultos que vivenciam a boemia. O Trovador Berrante era um bar elitizado, no sentido de que seus frequentadores eram homens da boa sociedade viçosense que se encontravam para cantorias acompanhadas de bebidas alcoólicas e galanteios, no qual não tínhamos dados de mulheres frequentando o bar naquela época, já que a vivência de determinados prazeres e excitações eram regulamentados em controles morais mais rígidos. Entretanto, o trecho acima nos mostra um outro perfil de bar, que embora ainda seja um pouco elitizado, é altamente frequentado pelas diferentes classes sociais de Viçosa, o que provoca uma aproximação entre esses diferentes grupos sociais.

Embora não tenha trazido dados específicos que demonstrem o perfil dos frequentadores, durante as observações pude constatar a presença de adolescentes, jovens e mulheres que interagiam com seus grupos, e quando a paquera aparecia, como foi exposto na introdução deste trabalho, era mais sutil, e era caracterizada pelo oferecimento de bebida, pedido de número de telefone, além da mediação com os amigos, no qual o olhar era o principal sinal de interesse.

Como demonstrei na introdução deste trabalho, os registros de campo referentes aos bares e churrasquinhos constituíram o ponto inicial para o recorte, ou redefinição da problemática de pesquisa, pois as relações amorosas estabelecidas nestes ambientes despertaram a curiosidade sociológica a respeito das linguagens de aproximação erótica entre homens e mulheres nos diferentes espaços de divertimento, assim como a necessidade de compreender como tais ambientes e relações eram vivenciadas no passado.

Embora, a observação dos bares e churrasquinhos só tenham estado presente em meu cronograma de investigação no início da pesquisa, gostaria de enfatizar que os dados colhidos em campo nos ajudam a apontar as direções que o cortejamento tomou ao longo de seu processo de transformação. Como já mencionei, o principal bar observado foi o “Trovador Berrante”, o mesmo bar que foi um dos ambientes mais frequentados pelos boêmios no passado Viçosense, visto que o proprietário era Zé do Cavaquinhos, um dos mestres da boemia em Viçosa, e que hoje é administrado pelo seu filho João do cavaquinho. A escolha do bar se deu pela fácil localização, mas também por ser um dos bares mais antigos da cidade, no qual podemos observar a presença de indivíduos de diferentes classes sociais, embora com gostos culturais e musicais parecidos. Como já é sabido, os churrasquinhos também entraram no rol da investigação, apresentando características semelhantes ao bar. Os dois tipos de divertimento observados aqui são localizados na praça principal da cidade. Os churrasquinhos ocupam parte

do espaço da praça, pois é onde seus proprietários posicionam os bancos para que seus frequentadores se acomodem. O contato do bar com a rua, e principalmente, a praça é algo bem intenso, pois o proprietário do mesmo ocupa a calçada do bar com mesas, e quando tem atração musical e o bar está lotado, alguns frequentadores ficam alocados na praça, o que faz com que o bar ofereça mesas e atendimento no local, já que a distância entre a praça e o bar é bastante curta.

Os churrasquinhos apresentam uma estrutura parecida com a do bar, mas possui características distintas, quanto ao público e consumo musical. No bar Trovador Berrante, o estilo musical é mais voltado para a MPB e Rock, no qual os frequentadores que estão presentes no interior do bar, interagem com os músicos, pedindo músicas e cantando. Já nos churrasquinhos o estilo musical que prevalece é o pagode, ou como já foi dito, a sofrência. A atração musical é contratada pelos diferentes proprietários dos churrasquinhos, pois todos se beneficiam, já que não conseguimos perceber claramente quando um churrasquinho começa e outro termina. Em relação ao perfil dos seus clientes, é possível afirmar que nos churrasquinhos a presença maior é de pessoas das camadas populares, e a paquera é um pouco mais evidente, possuindo peculiaridades que não consegui observar no bar, como por exemplo a ida de mulheres ao churrasquinho com o intuito de encontrar homens que paguem suas cervejas e façam companhia as mesmas, o que algumas vezes culminava em algum tipo de relacionamento erótico-sexual estabelecido em outros lugares.

O que pretendo com essa discussão é mostrar que não é comum observar no bar a existência de pessoas trocando carícias mais íntimas, isto é, se beijando, mas sim estabelecendo jogos de sedução que são permeados por olhares e por oferecimento de bebidas. Entretanto, tais espaços são importantíssimos demonstram os pontos de informalização dos comportamentos e maior liberdade e aproximação de diferentes grupos sociais, principalmente aqueles que não eram beneficiados por uma balança de poder igualitária no que diz respeito ao direito de vivenciar seus desejos.

## **4.2 Shows de forró**

A banda “Agora é nós” estava se apresentando. A dança ainda não era tão presente. As pessoas estavam divididas em grupos ou casais. As mulheres se posicionavam em círculos, enquanto a maioria dos homens ficam uma ao lado do outro sem fechar um círculo. Os casais costumavam ficar abraçados. Depois de andar por alguns minutos, passando pelos mesmos lugares e pessoas decidimos ficar perto da grade, o que me possibilitava observar as pessoas que estavam na “pista”. A banda continuava a tocar, aos poucos as pessoas iam chegando e dançando. A banda tocava forró e funk. No

funk as mulheres começavam a dançar mais, o rebolado e o empinado da bunda era constante. Depois de uns 40min o vocalista anuncia que vai cantar a última música e que a animação vai ficar por conta de “caprichados do forró”. Então eles cantam a última música e se despedem. As pessoas se dispersam um pouco, enquanto caprichados do forró começa a passar o som. Rita me chama para ir ao banheiro. Quando saímos do banheiro, ficamos andando um pouco no espaço da “pista”. Neste momento, não havia nenhuma música tocando, apenas o toque de alguns instrumentos que a banda estava passando. Circulamos durante alguns minutos, algumas pessoas conversavam entre si, outras iam comprar bebidas ou circulavam pelo local. Disse a Rita que estava com fome, então chamei-a para comprar um churrasco. Seguimos até o local de venda, na parte superior do clube. Algumas pessoas estavam no local comprando. Pedi uma porção de batata frita e um refrigerante, Rita fez o mesmo. Ficamos encostadas na parede, enquanto conversávamos. O banheiro masculino ficava ao lado de onde estávamos. Em um determinado momento a Rita aponta com a cabeça em direção ao banheiro, olho e só vejo alguns homens entrando e outros saindo. Então pergunto o que era, ela me pede para ficar olhando, pois vai sair um cara de camisa verde que é um “gatinho”. Faço o que isso, depois de alguns minutos o homem de camisa verde sai, ela me diz que é ele e confirmo que ele é um gato. O acompanhamos com o olhar, enquanto ele volta para o local que estava, na lateral do clube. Minha amiga me chama para voltar ao salão porque a banda já anunciava o início do show. Compro um churrasco e descemos. Decido ficar um pouco na pista. Caprichados do forró começa a tocar. As pessoas se animam e iniciam a dança. Homens começam a chamar mulheres para dançar, o convite é feito com um gesto, um estender das mãos, o toque na cintura ou braço. (Registro de campo)

Os shows de forró constituem o principal cenário no qual podemos observar uma flexibilização das fronteiras entre os diferentes grupos sociais, o que nos permite afirmar que o conceito de boa sociedade já não é mais tão útil para se pensar as relações estabelecidas nestes ambientes. De acordo com Alves (2010) o forró eletrônico é marcado por letras altamente sexualizadas, que falam de amores, sexo, festas, etc. Além do que o ritmo acelerado faz com que a dança seja mais sensual, na qual aspectos eróticos aparecem com frequência. Os bailes que frequentei para fazer as observações possuem o forró eletrônico como atração musical principal, mas combinam elementos de outros ritmos, como a swingueira, pois as bandas que abrem os shows sempre trazem a swingueira, ou a sofrência para o interior dos bailes, além do funk.

Trago a descrição para demonstrar de que forma o espaço do show é organizado, além de chamar, bem como os estilos musicais presentes, mas acima de tudo para enfatizar que este espaço é marcado pela informalização dos costumes e pela paquera. Além disso, os níveis de excitação variam de acordo com a música tocada, consumo de álcool e possíveis potenciais para a paquera. A partir desse momento, pensaremos os shows de forró como um espaço no qual existe uma aproximação social e psíquica entre os diferentes grupos, além de uma determinada emancipação das emoções.

Batuque baiano era a atração musical, as músicas tocadas variavam entre a swingueira e o funk, ao meu redor, as pessoas formavam círculos pequenos com seus pares e

dançavam, levantando o bumbum, indo até o chão e subindo, principalmente as mulheres, que jogavam o cabelo para o lado, e faziam um “carão” enquanto dançavam. Alguns homens (jovens) dançavam, sincronizados, a coreografia da música tocada. Começam a tocar “Bum bum tam tam”, as pessoas gritam e dançam, as mulheres empinam o bum bum ainda mais. O vocalista anuncia que quer uma mulher para subir ao palco e “botar pra quebrar”. As pessoas que estão próximo ao palco começam a gritar, e uma mulher aparece no palco (possivelmente uma adolescente), o vocalista explica que ela vai dançar para o público enquanto ele canta. A banda já começa a tocar o refrão: “vai com o bum bum tam tam, vem com o bum bum tam”, a menina vira as costas para o público, e começa a rebolar enquanto todos gritam. Depois o vocalista diz que quer outra mulher, sobe mais uma ao palco, mas ele já diz à outra menina que ela sube já. As duas meninas ficam lado a lado, e de costas para todos começam a dançar a música, rebolando e empinando o bumbum. Após isso, outra mulher sobe ao palco, fica uma no meio, um pouco mais à frente das outras. Dessa vez a banda começa a música do início, elas dançam viradas para o público, jogando o cabelo, passando as mãos no próprio corpo, quando começa o refrão, elas ficam de costas e começam a rebolar, enquanto o ritmo vai ficando acelerado, o rebolado também fica, e enquanto rebolam, continuam empinando o bumbum e descendo até o chão, ao mesmo tempo que o público grita (...)

A partir da descrição acima é evidente que a música permite que o indivíduo se liberte de toda uma série de moralidades que permeiam a sua vida. Pensando como Cas Wouters (2007), é necessário enfatizar que se trata de um controle descontrolado, pois embora os indivíduos reflitam sobre seus atos, neste espaço há um pouco mais de flexibilidade. Estamos falando aqui de uma personalidade de terceira natureza. Mas para que tal conceito seja compreendido, é necessário retomar o conceito de primeira e segunda natureza para que o leitor não fique perdido. O conceito de personalidade de terceira natureza é proposto por Cas Wouters, quando o mesmo retoma o conceito de primeira e segunda natureza de Norbert Elias. No qual a primeira natureza é marcada por um descontrole das emoções, ou seja, é um estado onde emoções perigosas são vivenciadas de forma muito intensa, precisando de controles externos altamente eficazes, porém por meio de uma mudança das estruturas sociais e, por conseguinte, das relações sociais estabelecidas pelos indivíduos, essa primeira natureza vai mudando para uma segunda natureza, no qual o rígido controle externo vai dando lugar ao autocontrole, que é internalizado por meio de padrões e condutas morais, ou seja, o controle passou a ser feito pela consciência dos indivíduos. Enquanto que a segunda natureza é marcada por uma formalização dos comportamentos, a terceira é marcada pela informalização, ou seja, determinadas emoções começaram a ser vivenciadas sem tantos julgamentos, ou seja, a flexibilidade começou a se fazer mais presente nas condutas individuais e sociais.

Referente ao relato descrito acima, podemos afirmar que o fato de mulheres, neste caso jovens ou adolescentes subirem ao palco para dançar de forma sensual, rebolando o máximo que podiam, enquanto o público, principalmente os homens gritam demasiadamente, representa

uma tipo de personalidade de terceira natureza, ou dito de outra forma, um comportamento altamente informalizado, visto que tanto as meninas que estavam dançando, quanto os homens que gritavam estavam experimentando um nível de excitação que gerações anteriores não puderam experimentar no decorrer de sua juventude, pois os padrões de controle eram mais rígidos. Portanto eles vivenciam um tipo de excitação considerada, anteriormente, como perigosa para a reputação de determinados grupos, neste caso as mulheres. É perceptível um nível de descontrole, visto que o comportamento estabelecido no show foge de toda a regulamentação da vida cotidiana, pois o estilo musical misturado com o álcool permite que seus frequentadores vivenciem determinados prazeres, entretanto, é perceptível um autocontrole na medida em que tais comportamentos não extrapolam a dança, ou beijos, caso haja um estabelecimento de paquera entre os frequentadores.

O público frequentador dos shows de forró é bem diversificado, composto por homens e mulheres de diferentes faixas etárias. É possível encontrar o adolescente de 15 anos, desacompanhado dos pais, e o adulto de 50 anos. Entretanto o comportamento dessas diferentes gerações não é o mesmo, principalmente das mulheres. As adolescentes e jovens dançam de forma mais erotizada que as mulheres mais velhas, são elas que sobem ao palco, são elas que ficam mais bêbadas, embora as mulheres mais velhas também bebam muito, dançam e paquerem.

Essas diferenças vão ficando mais claras à medida que vou fazendo as entrevistas. Comecei a realizar entrevistas com as mulheres mais velhas, e com um grupo de mulheres que encontro, frequentemente, nos shows de forró. Foi com elas que comecei a estabelecer os primeiros laços e contatos, ficando shows inteiros com este grupo, o que consigo acessar a um jogo de moralidades que fazem parte de suas vidas. Embora elas também vivenciem suas emoções de maneira mais intensa que antes, traços de sua trajetória, moralidade e valores não se dissociam de sua vida erótica atual.

Portanto, os shows de forró, churrasquinhos e bares, apresentam de maneira mais nítida a ampliação da liberdade que as mulheres e a geração mais jovem conquistou, ampliando também seus “repertórios de gestos dançantes que simulam atos de coito, sedução e de amor ainda que tenham enfrentado fortes julgamentos depreciativos.” (RODRIGUES; SOUZA, 2017, p. 92)

Maria tem 50 anos e eu estava acompanhando-a junto com seu grupo de amigas, todas mulheres de meia idade. Em um determinado momento do show estávamos sentadas na lateral do clube, passa uma moça e um homem abraçados. Ela olha e diz: Essa menina já ficou com uns dois caras, quando eu fui no banheiro ela tava com um e

agora tá com outro. Sei não!... O casal fica um pouco em nossa frente, ele por trás da parceira, agarrado em sua cintura, acariciando as nádegas da mesma. Maria observa tudo e fala ao meu ouvido: “Depois a mãe não sabe porque a filha tá perdida, olha a mão boba dele, e ela nem aí...Tá é gostando!” Encontro Maria em outra festa. Eu estava junto com um amigo e a filha de Maria, que é minha amiga. Ela para na nossa frente, me dá um abraço e fica conversando sobre coisas triviais. Depois ela olha pra trás e diz: “estão vendo aquele velho ali? Aquele de verde? Pronto, ele tá me paquerando faz tempo, mas quero não. A filha diz: não, mãe...queira mesmo não. Prefiro o meu pai, e começa a rir. Diga logo a ele que não quer. Maria responde: “não é assim, ele é primo de Gorete e eu já conheço de outros carnavais. Deixa ele me paquerar, não quero mesmo. Eu gosto é de novinhos. Vocês vão ver... Logo, logo terão uma surpresa.” Começa a rir e diz que vai encontrar as amigas. (Registro de campo)

Destaco este trecho porque podemos observar nele “diferentes direções afetivas em uma mesma pessoa que expressa concretamente o significado da redução das distâncias psíquico-sociais entre adultos e jovens, homens e mulheres. ” (RODRIGUES; SOUZA, 2017, p. 94) O que acontece é que ao mesmo tempo em que Maria julga a liberdade da outra por experimentar abertamente determinadas linguagens eróticas e sexuais, em outro momento direciona seu interesse para homens mais jovens, o que também pode ser evidenciado no trecho a seguir.

Estávamos em um show de Baby Som, Eu, Maria e seu grupo de amigas. Nesta noite a atração principal, que era Baby Som, atrasou cerca de três horas e o show só começou às 04:00h da manhã. No intervalo de espera, dei uma volta pelo clube e conversei com alguns conhecidos. Quando o locutor anunciou a banda, voltei para junto de Maria, que estava localizada em frente ao palco. A banda começa a tocar, todos gritam, e Maria sai dançando sozinha, se aproximando ainda mais do palco, enquanto que casais se formam ao nosso redor para dançar. Um homem me tira para dançar. Dançamos cerca de duas músicas. Quando retorno, Maria está dançando com um garoto mais jovem que ela, que aparentemente possuía 17 ou 18 anos. Eles dançavam e conversavam animadamente. Quando Maria volta, chega perto do meu ouvido e diz: “Tá vendo aquele menino com quem tava dançando? É a fim da Bia (sua filha), mas ela não quer, já apresentei e tudo. Pois bem que faz meu tipo. Eu gosto de novinho assim. Olha lá aquele lá(aponta para um rapaz que está na lateral do palco, com uma lata de cerveja na mão e dançando)...É desse tipo que gosto...” Maria sai rindo enquanto dança. (Registro de Campo)

Se a gente olhar para os capítulos anteriores, vamos perceber que há décadas atrás um comportamento como este, vindo por parte de uma mulher, era algo impensável, tanto por parte das mulheres mais novas, como também das mais velhas. Primeiro que as diferentes gerações dificilmente estariam se divertindo da mesma forma, no mesmo espaço; e segundo que paquerar significava se submeter à vários códigos sociais e morais, que proibiam o contato íntimo em público, nem a abertura para conversar abertamente sobre seus desejos. Além do mais, a honra e reputação da mulher deveria ser mantida e preservada.

É importante ressaltar que embora os shows de forró tenham feito com que os indivíduos de diferentes camadas sociais se aproximem, e disponham de códigos de paquera semelhantes, além de poderem se relacionar eroticamente uns com outros, sem o julgamento ou o medo de

desintegrar ou não obedecer aos critérios de seletividade da elite viçosense. Dito de outra forma, embora foi impensável, principalmente para as décadas de 1930 e 1940, que indivíduos de classes sociais diferentes frequentasse o mesmo espaço de divertimento e estabelecesse relações de cortejo entre si, ainda podemos perceber, mesmo que de maneira mais sutil, uma estratificação social nos shows, no qual por meio dela compreendo a própria estratificação da cidade, pois uma não está alheia à outra.

Chego no show, dessa vez na Avenida Firmino Maia, por volta das 22:00. As atrações musicais são Papel de Parede, Jonas Esticado e Lucas Firmino. A primeira banda a tocar foi papel de parede, uma banda local e de pop rock. Tem pouca gente no local da festa, algumas pessoas de preto começam a se concentrar próximo ao palco. O show começa às 22:30, perto do palco as pessoas interagem com a banda, cantando, dançando e pulando. Às 23:30 dou uma volta e percebo que mais pessoas chegaram e foram ficando nas laterais da avenida, ou no final, longe do palco. Quando a banda terminou de tocar, e o locutor disse que após alguns minutos Jonas Esticado ia cantar, o pessoal que estava próximo ao palco foi se afastando, e as outras pessoas se aproximando. Homens, adultos e jovens, começaram a se posicionar na frente do palco, com uma mesa redonda, cujo aluguel era R\$20,00. Eles colocavam a mesa no chão e em cima as bebidas, que na maioria dos casos, era cerveja e whisky, e se posicionavam ao redor delas. Alguns grupos eram formados só por homens, outros por homens e mulheres. Alguns grupos de mulheres, com salto, vestido colado ao corpo, ou calça de cintura alta e cropped também começaram a se posicionar frente ao palco. Pessoas com as características parecidas também se aglomeravam no lado direito da avenida, perto do camarote (composto por políticos, familiares, amigos e funcionários públicos que ocupam a chefia de algum departamento). Do lado esquerdo e um pouco mais nos fundos, o perfil das pessoas era outro, ao invés de mesas espalhadas, era comum ver grupos de pessoas ao redor de uma caixa térmica, ou com a bebida diretamente no chão. Os homens com blusa Pollo e mulheres com sapatos altos, mas também baixos. Quando o show começou, o comportamento também era diferente. No lado direito e em frente ao palco as pessoas interagiam mais com o artista, e dançavam de forma mais contida. Já as outras pessoas possuíam dançavam animadamente e interagem muito com os seus companheiros. (Registro de campo)

Embora, a descrição seja de uma festa pública é muito comum observar no espaço privado, isto é, no clube, as mesmas características, com a diferença de que a caixa térmica não é permitida. Embora a descrição não esteja tão minuciosa, é capaz de evidenciar que o comportamento difere entre as classes sociais, coisa que, também, consigo observar porque conheço boa parte das pessoas que frequentam esses espaços.

Nos shows promovidos no Clube Social, podemos observar uma organização espacial a partir da origem social das pessoas, pois próximo ao palco é comum observar a presença da classe alta e média viçosense, que podemos observar por meio do tipo de bebida, que muitas vezes é Skol beats ou whisky, no qual os grupos alugam uma pequena mesa e alta e redonda para colocar as bebidas, enquanto eles ficam ao redor da mesa. Enquanto que os grupos populares se encontram nas laterais ou no fundo do clube, longe do palco. E podem ser identificados pelo tipo de roupa que usam, pois, as meninas usam muito shorts enquanto que os

meninos estão de bermuda, e alguns de boné. Os grupos não se comunicam tanto, isto é, muitas vezes as trocas e estabelecimento de relações de paquera se dá dentro do mesmo grupo social.

Seguimos até a entrada, eu e Gil, minha amiga, entrego meu ingresso ao segurança, ele me direciona a um grupo de homens que eram os responsáveis por colocar a pulseira no pulso das pessoas que haviam comprado o ingresso VIP. Vou até eles, levanto o meu braço na direção de um deles, que coloca a pulseira. Depois de ser revistada, fico ao lado, esperando a Gil colocar a dela e passar pelo mesmo processo. Depois descemos para o salão principal. Chegando lá, observo que existe uma grade no meio do salão, que indica a separação “Pista” e Vip”. (Registro de campo)

Essa foi uma das festas em que a estratificação estava bem demarcada, principalmente pela presença do espaço vip, que ficava próximo ao palco, e depois da festa iniciar, percebo que era o espaço mais vazio do show, a pista estava bem mais cheia de pessoas, e alguns homens circulavam entre os dois espaços, mas voltando rapidamente para o espaço vip. O que quero enfatizar, é que alguma distância social, mesmo que mínima está presente nos espaços de show de forró, embora sem a rigidez imposta pela boa sociedade anteriormente, pois o contato entre esses diferentes públicos é bem mais flexível e complexo.

### **3.4 A paquera para além dos shows de forró: interações nas “redes sociais”**

Uma outra pergunta que fazia parte do questionário que comecei a expor na introdução se referia ao fato de se os jovens entrevistados utilizavam as redes sociais para paquerar, 89% dos homens responderam que sim, enquanto que 11% não. Entre as mulheres, 91 % disseram que sim, e 9% que não. Este dado mostra que há uma modificação significativa dos espaços ocupados para paquerar, coisa que anteriormente não era possível de perceber entre os indivíduos de gerações anteriores, onde os ambientes, bem como os tipos de relações eram outras.

Alguns estudos de Richard Miskolci refere-se à análise do uso de aplicativos de paquera por homossexuais masculinos, no qual “a rede de computadores permitiu a socialização em rede – de forma anônima e relativamente segura – para pessoas que temiam retaliações sociais afastando-as da solidão e permitindo o contato afetivo e modulando com eventuais parceiros e amigos.” (MISKOLCI, 2015, p.67) Embora os estudos de Miskolci tenha como objeto de estudo as tecnologias e as relações homoeróticas, ele traz importantes reflexões acerca desse meio como ferramenta para encontrar um parceiro, possuindo dinâmicas específicas de interação.

O uso de meios digitais para a criação de contato sexuais e amorosos não equivale à adoção de uma ferramenta tecnológica para uma busca pré-existente, pois ao entrar

online o usuário das plataformas é induzido a operar segundo padrões de competição ali vigentes e sua busca tende a ser moldada por critérios próprios a estes meios tecnológicos regidos por uma lógica mercadológica. (MISKOLCI, 2015, p. 70-71)

Na proposta desse estudo, é importante enfatizar que o olhar que se volta para as redes sociais não está direcionado para relações que são estabelecidas apenas no contexto online, mas que neste momento é um desdobramento das relações estabelecidas off-line, o que para Pelúcio, “os usos atribuídos a cada mídia vão mudando com o tempo, pois as próprias pessoas que delas se utilizam vão lhes conferindo outros sentidos.” (2015, p.39)

A problemática do uso da internet surgiu, de fato, quando alguns eventos me possibilitaram observar que as relações de paquera analisadas não se resumem, ou se encerram no espaço dos shows, isto é, no próprio espaço de lazer, mas tem desdobramentos posteriores.

A internet é um espaço que permite tais relações se desdobrem, bem como as redes de interdependência que os indivíduos mantem uns com os outros. Pude observar um exemplo disso após umas das idas a campo, na qual fui com uma amiga que acabou ficando com um homem durante boa parte da festa e dois dias após a festa aconteceu o seguinte:

Estava usando o Instagram quando um colega me manda a seguinte mensagem: “Oi, Lê! Você poderia me passar o número daquela tua amiga que estava no show com você? Estranhei o fato dele ter me pedido e perguntei qual o motivo, e disse que ia perguntar se ela me autorizava dar o seu número. Ele me respondeu: “Ah, então deixa pra lá.” Mesmo assim falei com ela pelo whatsapp que me disse: “Oxe, dê não! É pro primo dele, tenho certeza, é aquele carinha com quem fiquei na festa que quer. Dê não, mas você diz que se ele quiser passar o dele, pode mandar. Fiz o que ela pediu e meu colega só me disse: “Ah, Blz.” E não me deu o número do seu primo. (...) Dias depois encontro com essa minha amiga, e ela me fala que foi procura-lo no facebook porque não lembrava do rosto dele. Então eu perguntei: “E aí?” Ela me respondeu rindo: “Deus me livre, quero de jeito nenhum, não faz meu tipo.” (Registro de campo)

Outro evento também fez com que eu percebesse a necessidade de me debruçar sobre essas questões:

Em uma de minhas idas a um show de forró encontrei um ex-morador de Viçosa, que ficou comigo durante boa parte da festa, comentou sobre como as festas estavam diferentes, com muitos adolescentes e mais escassas, dançou três músicas comigo, disse que ia me levar em casa, entretanto, depois que comecei a dançar com outros homens, se afastou e foi embora. Uma semana após o show, ele manda um convite de amizade em meu perfil no facebook. Aceito e no mesmo instante ele envia no bate-papo: Bom dia, Letícia! Como você está? Respondo que estou bem, ele continua dizendo: “gostei muito de te ver no baile, principalmente em dançar com você! Foi muito massa! Respondo que também gostei de encontrá-lo e damos continuidade à conversa. Até hoje ele conversa comigo, quando não tem nada a dizer me manda corações ou beijos e sempre me lembra que assim que tiver outra festa eu o avise, pois ele está “doido pra tomar umas cervejinhas e dançar comigo.” Nós até marcamos a ida a um último show que fui, porém ele teve um imprevisto e não pode estar em Viçosa. (Registro de campo)

Nos exemplos e nos dados apresentados acima, podemos perceber que hoje as redes sociais são umas das ferramentas utilizadas para paquera, o qual é necessário que tentar compreender como estes mecanismos de fato atuam no estabelecimento dessas relações, e em que momento eles começaram a fazer parte das vidas dos viçosenses, evidenciando assim, as ferramentas de paquera utilizadas em anos anteriores.

O uso das redes sociais, isto é, das tecnologias é uma das características das aproximações sociais e psíquicas entre as pessoas, isto é, é uma demonstração de como as relações sociais, neste caso, as relações eróticas estão mais informalizadas e flexíveis, no qual as pessoas possuem uma linguagem erótica própria desse universo, onde o envio de fotos eróticas, nas quais as pessoas estão nuas ou seminuas é bastante comum. O uso de tais ferramentas contrasta os meios utilizados anteriormente para paquerar, que eram os bilhetes, os recados pelas amigas, o assovio no quintal de casa, dentre outros. A medida em as tecnologias invade as vidas das pessoas, isso em Viçosa a partir do século XXI, acaba ampliando a linguagem eróticas de tais indivíduos.

Portanto, as redes sociais também constituem um espaço no qual as pessoas se aproximam erótico-sexualmente umas das outras, demandando das mesmas a abertura para vivenciar ou experimentar determinadas excitações e emoções.

O que quis demonstrar neste capítulo foi que todo o processo de transformação das relações eróticas estabelecido em Viçosa passou por transformações no modo como as pessoas se divertem e regulam suas inclinações sexuais. Atualmente, podemos dizer que este processo caminhou para uma liberdade sexual de homens, e principalmente das mulheres, que passaram a poder expressar seus desejos e suas necessidades de gratificação sexual e amorosa, podendo inclusive ser atuantes e decidir o modo como tais relações devem acontecer.

## 5 CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou compreender quais questões estão envolvidas no processo de transformação das relações de paquera em Viçosa-AL, visando demonstrar as direções que tais mudanças tomaram. Para isso, os espaços de divertimento foram o principal cenário para se pensar a sexualidade e erotismo dos indivíduos, pois era nestes ambientes que tais relações podiam ser observadas de forma mais nítida.

Durante toda a pesquisa ficou evidente que Viçosa-AL sempre foi uma cidade marcada por uma vida social voltada para o divertimento musical, entretanto, o modo como as pessoas se divertiam foi se alterando aos poucos, à medida em que surgiam novas formas de regulamentar ou flexibilizar as relações estabelecidas pelos sujeitos. Portanto, observamos um deslocamento do divertimento rural e familiar para um espaço que permitia aos indivíduos uma maior informalização de seus comportamentos e experimentação de formas de gratificação sexual e amorosa.

As décadas de 1930 e 1940 já apontavam para mudanças nos modos de diversão no momento em que a elite começava a criar meios de diferenciação social, estabelecendo-se como uma “boa sociedade”, que no quesito festa e divertimento, inaugurava uma cultura de bailes e clubes fechados para grupos de estratos sociais diferentes. Neste momento, as relações eróticas já começaram a se transformar, pois, todo o controle que impedia o contato íntimo entre os casais, por meio da presença de um adulto em seus encontros, começaram a desaparecer e tais relações passaram a ser baseadas em dinâmicas de autocontroles.

Contudo, a elite viçosense ainda permanecia permeada por ideias patriarcais e familistas, tentando controlar no modo como seus filhos estabeleciam determinadas relações eróticas, como por exemplo a paquera, delimitando os espaços para que ocorram o cortejamento, assim como o perfil de possíveis parceiros, pois era uma forma de fazer com que a boa sociedade permanecesse coesa.

O que quero enfatizar é que os clubes e bailes, regulamentados por um estatuto bem específico, constitui um dos mecanismos utilizados pelos pais para que permanecessem vigiando e controlando as relações amorosa-sexuais de seus filhos, impedindo que eles casassem com pessoas que não correspondesse ao perfil e interesses da boa sociedade.

O surgimento de cinemas, bares, discotecas, assim como de outros clubes que abriam suas portas para pessoas de diferentes classes sociais na segunda metade do século XX, diminuiu o distanciamento entre os diferentes grupos sociais, além de permitir aos jovens a criação de meios para fugir do controle de seus pais, e padrões morais de comportamento,

fazendo com que surgissem namoros às escondidas, além de um novo repertório de linguagens de aproximação erótica entre homens e mulheres, visto que alguns prazeres e contatos íntimos estavam começavam a ser vivenciados.

Por conseguinte, é no século XXI que ocorre uma maior redefinição do divertimento e relações de paquera. Os bares, churrasquinhos e shows de forró, além das redes sociais constituem espaços de divertimento que redefinem o roteiro estabelecido nas relações de cortejamento, por meio de uma maior liberdade sexual, além de uma significativa integração entre homens e mulheres, jovens e adultos.

Portanto, o processo de transformação das relações de paquera se direcionou a uma informalização do cortejamento, pois mulheres e jovens passaram a possuir o direito de usufruir das gratificações sexuais e eróticas, baseando suas ações em autocontroles específicos, que a depender do espaço a ser frequentado, a experimentação de excitações sexuais aumenta. Em outras palavras, a rigidez das fronteiras que distanciavam homens e mulheres de diferentes gerações enfraqueceu ao longo dos anos, promovendo uma maior integralização entre esses grupos, à medida que as estruturas sociais se modificaram, além de suas estruturas de personalidades, fazendo com que houvesse uma maior abertura para vivenciar emoções que anteriormente eram negadas ou proibidas.

## REFERÊNCIAS

Álbum do Centenário de Viçosa – 13 de outubro de 1831, 13 de outubro de 1931. 2. Ed., Brasília. Plátano, 2008.

ARAGÃO, José. **Saudação noturna – Crônicas**. Maceió. Imprensa Oficial e Gráfica Graciliano Ramos, 2010.

AZEVEDO, Thales. Namoro e noivado. In: **O cotidiano e seus ritos**. Editora Massangana. Recife. 2004. p. 75-127.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre. L&PM. 1987

BRANDÃO, Alfredo. **Viçosa de Alagoas – o município e a cidade: notas históricas, geográficas e archeológicas**. São Paulo, Ed. Fac-similar, 2005.

BRANDÃO, Théo. O reisado alagoano. Maceió, Edufal, 2007.

CAVALCANTI, Bruno. Bons e sacudidos – o carnaval negro e seus impasses em Maceió. In: **Kulé-Kulé – Visibilidades negras**. Maceió. EDUFAL. 2006.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. Caderno de pesquisa (37). São Paulo. 1981.

DUMONT, L. **The Dravidian Kinship Terminology as na expression of marriage**. Man, 1953. v. 53, p. 34-39.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa. DIFEL, 1992.

\_\_\_\_\_. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_. Conceitos sociológicos fundamentais. In: **Escritos & Ensaios**. Rio de Janeiro. Zahar editora. 2006.

\_\_\_\_\_. **Mozart: a sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1994.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Vol. I. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001.

FILHO, Marcos. **Memória e menino**. Maceió, Imprensa Oficial e Gráfica Graciliano Ramos, 2006.

FONSECA, C. “Aliados e rivais na família”. In: **Família, fofoca e honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 53-58.

FONSECA, C. “O que significa um filho?” e “Febem: o internato do pobre”. In: **Caminhos da adoção**. Porto Alegre: Cortez Editora, 1995, p. 25-42 e 101-113.

FORTES, H. **Time and social structure: an Ashanti case study**. London: Bobs-Meril, 1970.  
FOX, R. “Parentesco, Família e Filiação.” In: **Sistema de parentesco e matrimônio**. 4ª ed. Madri: Alianza Editorial, 1985, p. 25-80.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. Editora da Universidade Estadual Paulista. 1993.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

GILLER, Marília. Tupynambá jazz ban – fragmentos musicais: o fox trote na cultura paranaense em 1930. Disponível em:  
<[https://www.academia.edu/3688451/TUPYNAMB%C3%80\\_JAZZ\\_BAND\\_-\\_FRAGMENTOS\\_MUSICAIS\\_O\\_FOX-TROT\\_NA\\_CULTURA\\_PARANAENSE\\_EM\\_1930](https://www.academia.edu/3688451/TUPYNAMB%C3%80_JAZZ_BAND_-_FRAGMENTOS_MUSICAIS_O_FOX-TROT_NA_CULTURA_PARANAENSE_EM_1930)>

JATOBÁ, Emerson. **O que escrever**. Recife. Editora brasileira de guias especiais. 2005.

LEACH, E. R. “Repensando a antropologia”. In: **Repesando a antropologia**. 4ª ed. São Paulo. Perspectiva, 2010, p. 13-51.

LEITE, João. **Anel de Viçosa**. Maceió. Editora Gráfica Diário de Alagoas. 1971.

LEITE, João. **Memórias que ficam**. Maceió: J. Leite. 1996.

LIMA, Maria Aparecida. **Pedaços de minha vida**. Maceió: M. Aparecida. 2009.

MAIA, Elder. **O consumo da tradição e a fruição do “inautêntico: cultura popular e mercado nas festas-espetáculo do ciclo junino no nordeste**. Revista de Ciências Sociais. Vol. 48. n. 1. 2017. Disponível em: <  
<http://periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/article/view/18886>>

MELO, Denis. **Passagem de volta - memórias**. Maceió. Sergasa. 1995.

MELO, José Maria. **Dentro do meu mundo – Crônicas**. Maceió. Sergasa. 1986.

MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio” – **Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea**. Cardernos pagu (44). São Paulo. 2015. P. 61-90.

\_\_\_\_\_. **Desejos digitais – uma análise sociológica da busca por parceiros online**. Autêntica Editora. São Paulo. 2017.

\_\_\_\_\_. **Negociando visibilidades: segredos e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais**. Bagoas – Estudos dos gays, gênero e sexualidade. Vol. 8, nº 11. Natal. UFRN. 2014. P.51-78.

\_\_\_\_\_. **O armário ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet**. Revista Gênero. v. 9. n. 2. Niterói. 2009. P.171-179.

\_\_\_\_\_. **San Francisco e a Nova economia do desejo**. Lua Nova – Revista de cultura e política (91). São Paulo. CEDEC. 2014b. p.269-295.

NASCIMENTO, Pedro. **Beber como homem: dilemas e armadilhas em etnografia sobre gênero e masculinidades**. RBCS. v. 31. n. 90. 2016.

PASSOS, Vianney. **Primeiro ato – crônicas**. Maceió. 1993.

PELUCIO, Larissa. **Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas**. Cadernos pagu (44). São Paulo. Fapesp. 2015. P. 32-60.

PEREIRA, Allana Lopes. **Escola folclórica de Viçosa: a produção dos intelectuais sobre a cultura popular e o folclore alagoano**. Maceió. Monografia (bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Alagoas. 2013.

REBHUM, Linda-Anne. **The heart is unknown country: love in the changing economy of northeast Brazil**. Stanford Universty Press, 1999.

RODRIGUES, Fernando. **Aspectos da estrutura de poder entre homens e mulheres e as diversões erótico-dançantes no Brasil contemporâneo**. Revista Latitude. Vol 2, nº 2, pp. 1-15. 2008. Disponível em < [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos\\_Com](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Com)>

\_\_\_\_\_. **Música, vulgaridade e dinheiro: o sentido erótico – dançante nos mercados culturais das periferias urbanas**. Revista Latitude. Vol. 2, nº 2, pp. 143-181. 2008. Disponível em: < <http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/161>>

RODRIGUES, Fernando; SOUZA, Letícia. **Erotismo dançante e as distâncias sociais entre homens e mulheres no Brasil**. Revista Latitude. Vol. 11. n. 1. 2017. Disponível em: < <http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/3872>>

SÁ, Eloi. **Viçosa – Cidade das Alagoas: formação e desenvolvimento**. Maceió. Grafitex Editora. 2001.

SARTI, C. A. **A família como ordem simbólica**. Psicologia USP, 2004, v.15, nº 3, p. 11-28.

\_\_\_\_\_. **“A família como universo moral”**. In: **A família como espelho**. São Paulo: Cortez Editora, 2011, p. 55-86.

SCHNEIDER, D. H. **Parentesco americano: uma exposição cultural**. Petrópolis: Vozes, 2016. P. 13-88.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Martins Fontes. São Paulo. 2006.

SOUZA, Danyel. **Cultura musical em Alagoas: uma abordagem histórica na década de 40 do século XX**. Musifal. 2017. Disponível em: < <https://openmusiclibrary.org/article/1030099/>>

STRATHERN, M. "Prologue" and "Individuality and diversity". In: **After nature: English kinship in the late twentieth century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 1-46.

\_\_\_\_\_. **.O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas, Editora Unicamp, 2006.

VASCONCELOS, Marcos. **Esfinges**. Vol 1. Maceió. Imprensa Oficial e Gráfica Graciliano Ramos. 2009.

VILELA, José Aloísio. **Coletânea assuntos folclóricos**. 2ª ed. Maceió, Edufal, 2008.

WANDERLEY, Sidney. **De Riacho do Meio a Viçosa de Alagoas**. São Paulo, Escrituras Editora, 1998.

WOUTERS, Cas. *Informalization: manner & emotions since 1890*. London. SAGE publication. 2007. 32

\_\_\_\_\_. **Como continuaram os processos civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza**. Revista Sociedade e Estado. Vol. 2. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v27n3/06.pdf>

\_\_\_\_\_. **"Nada de sexo sob o meu teto": sexualidade adolescente nos EUA e nos Países Baixos a partir dos anos 1880**. Revista Latitude. Vol 11. n. 1. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/3862>

\_\_\_\_\_. **Sex and Manners : Female Emancipation in the West 1890 - 2000** Sage Publications, London 2004.

ZELIER, Viviana. **A negociação da intimidade**. Vozes. Rio de Janeiro. 2011.